

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - UCG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Sonilda Aparecida de Fátima Silva



**CAMPOS VERDES: MEMÓRIA, HISTÓRIA E  
SABERES**

GOIÂNIA

2006

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS - UCG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Sonilda Aparecida de Fátima Silva



**CAMPOS VERDES: MEMÓRIA, HISTÓRIA E**  
**SABERES**

Dissertação apresentada para a obtenção do Título de Mestre, junto à Universidade Católica de Goiás – UCG, no Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural, orientada pela Dr<sup>a</sup>. Maurides B. Macedo e tendo como co-orientador o Dr. Manuel Ferreira Lima Filho.

GOIÂNIA

2006

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL**

Sonilda Aparecida de Fátima Silva

**CAMPOS VERDES: MEMÓRIA, HISTÓRIA E  
SABERES.**

**BANCA EXAMINDORA**

---

Dra. Cornélia Eckert - UFRGS

---

Dra. Heliane Prudente - UCG

---

Dra. Maurides B. Macedo -UCG

GOIÂNIA

2006

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar ao passado para servir ao presente e ao futuro.

Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

(LE GOFF, 1992, p. 423)

## **AGRADECIMENTOS**

Quero expressar, perante todos, meus agradecimentos a todas aquelas pessoas que participam de minha vida, sem as quais, provavelmente, esta dissertação de Mestrado não seria possível.

Ao meu querido esposo, Izaqueu Antonio, que soube compreender minhas longas ausências em busca do saber.

Às minhas filhas Patrícia, Priscilla e Aisy que colaboraram nos momentos difíceis, dando-me forças.

Às amigas verdadeiras que angariei nesse curso de mestrado. Em especial agradeço à Nayara, Venúzia e Thaise, pessoas que aprendi a amar e a admirar.

Aos meus pais “in memoriam”, em especial à mamãe, que me orientou em meus primeiros passos em busca de minha formação intelectual.

A todos os professores, cujas aulas abriram meus olhos para entender o patrimônio cultural.

De modo muito especial à Dra. Maurides B. Macedo, minha orientadora e à Dra. Heliane Prudente que soube mostrar, muito sabiamente, as riquezas goianas que fazem parte do patrimônio imaterial.

## SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
Capítulo I	REFLEXÕES CONCEITUAIS: HISTÓRIA, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE SOCIAL	17
1.1	História e Memória	17
1.2	Patrimônio cultural	21
1.3	Identidade social do garimpeiro	26
Capítulo II	MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE CAMPOS VERDES	34
2.1	Conceitos sobre cidades de garimpo	34
2.2	As origens da cidade de Campos Verdes	36
2.3	A invasão	39
2.4	Pioneiros de Campos Verdes	45
2.5	Localização	50
2.6	A primeira Legislatura	52
2.7	A população	53
2.8	O contexto político	56
2.9	Às dificuldades enfrentadas no início do garimpo	58
2.10	O mapa geológico da reserva de esmeraldas de Santa Terezinha	60
2.11	Bamburros e blefos na região das esmeraldas	62
2.12	Os capangueiros e os garimpeiros	64
2.13	O caráter de transitoriedade do garimpo	66
2.14	O povoamento	68
2.15	A criação da reserva garimpeira	74
2.16	As associações	77
2.17	As manifestações culturais	79
2.18	A legislação de garimpo e a criação da reserva garimpeira	81
2.19	A cidade hoje	83
Capítulo III	SABERES E PRÁTICAS GARIMPEIRAS	86
3.1	A identidade do garimpeiro	86
3.2	A descida nas minas, os perigos da profissão	87
3.3	As profissões – saberes garimpeiros	91

Capítulo IV	AS SIEBEIRAS DO GARIMPO: SUAS NARRATIVAS E SABERES E PRÁTICAS	95
4.1	As siebeiras – práticas e saberes	97
4.2	As mulheres como provedoras do lar	101
4.3	Memórias coletivas – histórias de garimpo	103
4.4	O gosto pelo garimpo	105
4.5	A violência no garimpo e a discriminação às mulheres	107
4.6	A escolaridade das siebeiras	112
4.7	Outras atividades femininas	113
	CONSIDERAÇÕES “QUASE FINAIS”	115
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
	DEPOIMENTOS	122

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Sede da fazenda do Senhor Antonio Gambira	39
Figura 2: Região do valetão –1981	40
Figura 3: Afloramento das esmeraldas, garimpo a céu aberto, 1981	41
Figura 4: Garimpeiros e siebeiros, 1982	42
Figura 5: Garimpeiros e siebeiros região do valetão, 1983	42
Figura 6: Garimpeiros e siebeiros – região do valetão, 1984	44
Figura 7: Dia de inauguração da Escola Estadual Edmundo Rocha, 1985	46
Figura 8: Dia da inauguração da Igreja Assembléia de Deus	47
Figura 9: Virmondes Vieira Machado, prefeito eleito, no dia da posse	48
Figura 10: Mapa do Estado de Goiás dividido em microrregiões	50
Figura 11: Mapa dos Municípios que compõem a Microrregião de Porangatu	50
Figura 12: Primeira legislatura - juramento de posse	51
Figura 13: Mapa da reserva garimpeira	59
Figura 14: Primeiro escritório de compra e venda de esmeraldas de Campos Verdes, 2006	63
Figura 15: Senhor Oscar, o maior comprador de pedras da região, 1984	64
Figura 16: Região do trecho – casas de parede e meia com as outras, 1981	67
Figura 17: Região dos lavadores – barracos de lona preta, 1981	68
Figura 18: Vista aérea da avenida principal de Campos Verdes	69
Figura 19: Vista aérea da Avenida principal de Campos Verde	70
Figura 20: Avenida Principal de Campos Verdes	71
Figura 21: Associação dos Garimpeiros, 1984	76
Figura 22: O cortador, o furador, o guincheiro e o peão em momento de descanso	86



Figura 23: Peões enchendo os carrinhos de xisto, 1990	87
Figura 24: Esmeralda Lapidada	91
Figura 25: Bagaços e martelos	96
Figura 26: Bagaços sendo reaproveitados	96
Figura 27: Bagaços sendo reaproveitados	98
Figura 28: Região do valetão no auge do garimpo, no ano de 1982	101
Figura 29: Dona Maria do bolo	111

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Microrregião de Porangatu	49
Tabela 2: A primeira legislatura	51
Tabela 3: Registros administrativos 2004	52
Tabela 4: IBGE 1996 – População residente, por sexo e população cedida, segundo o código e o município – Goiás	53
Tabela 5: IBGE 2005 – População segundo o código e o município – Goiás	53
Tabela 6: IBGE 2005 – População segundo o código e o município – Goiás	53

## RESUMO

SILVA, Sonilda Aparecida de Fátima. **CAMPOS VERDES: memória, história e saberes**. Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural. UCG: Goiânia, 2006.

Esse estudo tem como objetivo analisar o legado imaterial<sup>1</sup> dos garimpeiros do Município de Campos Verdes<sup>2</sup>, como patrimônio cultural, contextualizando historicamente o município – da descoberta do garimpo aos dias atuais – bem como evidenciar os saberes e práticas garimpeiras, tematizando a idéia de patrimônio como uma categoria da identidade local, estabelecendo uma relação com Choay (2001), quando mostra que os novos meios oferecidos pela ciência e pela técnica geram uma tendência da rentabilidade, sem a preocupação com a preservação de bens culturais, sejam materiais, ou imateriais, como no caso do município analisado. Conhecer como ocorreu a descoberta das esmeraldas, a ocupação do município e a emancipação municipal serão dados importantes para entender o contexto histórico gravados nas memórias do povo esmeraldino e contribuirá para que as pessoas que fazem parte dessa história se sintam como patrimônio cultural daquele garimpo. O procedimento metodológico utilizado foi levantamento documental, pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e depoimentos embasados na história oral, para investigar os discursos acerca do contexto histórico do município de Campos Verdes, a inserção da mulher no garimpo e os saberes e práticas garimpeiras.

**Palavras chave: patrimônio imaterial, história e memória.**

---

<sup>1</sup> Os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas garimpeiras que orientam e dão sentido às existências individuais e coletivas.

<sup>2</sup> Município do Estado de Goiás – Brasil.

## ABSTRACT

This work analyses the immaterial legacy of the miners of the town of Campos Verdes, as a cultural patrimony, historically contextualizing the town – from the discovery of the mine until nowadays. It also aims to evidence the miner's knowledge, contextualizing the idea of patrimony as a local identity category, establishing a relation with Choay (2001), when he shows that the new means offered by science and by technique generate a tendency to enrichment without worrying about preserving the cultural assets, either material or immaterial, as in Campos Verdes. Getting to know how the emeralds were discovered, how the town was settled and emancipated, will be important to understand its historical context, which is on the mind of the inhabitants of Campos Verdes, and that will also help those citizens, who are part of that history, feel that they belong to the cultural inheritance of those mines. In order to have this work done some methodological procedures were used, such as: ethnographic research; analysis of documents; bibliographic research; polls and oral testimonies about the local history. These procedures aimed to investigate the historical context of the town of Campos Verdes, women's life at the mines, and the knowledge of the miners.

**Key words: immaterial legacy, history and memory.**

<sup>1</sup> Values, beliefs, costumes; ethic, esthetic, miner's knowledge and techniques that orient and are meaningful to individual and collective existence.

<sup>2</sup> City in the state of Goiás – Brazil.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar o legado imaterial<sup>3</sup> dos garimpeiros do Município de Campos Verdes<sup>4</sup>, como patrimônio cultural, contextualizando historicamente o município – da descoberta do garimpo aos dias atuais – bem como evidenciar os saberes e práticas garimpeiras.

O Município de Campos Verdes tem sua história de fundação baseada na descoberta de uma jazida de esmeraldas, uma das maiores do mundo, segundo dados do DNPM<sup>5</sup> de Goiás.

Analisar como ocorreu a descoberta das esmeraldas, a ocupação do município e a emancipação municipal serão dados importantes para compreender o contexto histórico e contribuir para que as pessoas que fazem parte dessa história se sintam como patrimônio cultural do referido município.

Os garimpeiros podem ser definidos como uma categoria identitária, um grupo de pessoas que moram ou moraram em Campos Verdes e que possuem como coesão uma memória coletiva sobre o descobrimento das esmeraldas, o bamburro de alguns garimpeiros, a falência de outros, os comportamentos, a cultura, etc, os quais constituem a memória do povo esmeraldino<sup>6</sup>.

É preciso entender o legado imaterial desse grupo de pessoas como patrimônio cultural, cujo conceito refere-se ao legado que herdamos do passado e que transmitimos no presente, já que não se pode compreendê-lo apenas como os vestígios tangíveis do processo histórico.

Trata-se, pois, de estabelecer uma relação com Choay (2001), quando mostra que os novos meios oferecidos pela ciência e pela técnica geram uma tendência da rentabilidade, sem a preocupação com a preservação de bens culturais, sejam materiais, ou imateriais como no caso do município analisado.

---

<sup>3</sup> Os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas garimpeiras que orientam e dão sentido às existências individuais e coletivas.

<sup>4</sup> Município do Estado de Goiás – Brasil.

<sup>5</sup> Departamento Nacional de Produção Mineral

<sup>6</sup> Devido Campos Verdes ser chamado a terra das esmeraldas.

Daí a preocupação em se estudar Campos Verdes, contextualizando historicamente a sua descoberta, a noção de patrimônio imaterial - uma vez que cada pioneiro é guardião de suas próprias memórias - e as problemáticas atuais, mostrando ao seu povo a sua importância, para que eles se reconheçam como patrimônio de um garimpo em plena atividade, registrando seus saberes e suas práticas garimpeiras, para que a *memória e as tradições* da população local sejam reconhecidas, concebendo como fato social a descoberta das esmeraldas, ocorrida em 1981, estabelecendo os conceitos de memória, identidade e patrimônio imaterial, ao mesmo tempo em que se busca o contexto histórico da criação e emancipação do município de Campos Verdes.

O que leva os garimpeiros a buscarem riquezas nos diversos rincões brasileiros, especificamente, de que forma descobriram o garimpo de esmeraldas? Se o patrimônio imaterial faz parte da definição de patrimônio na própria constituição brasileira, o que tornariam reconhecidas as memórias e tradições de uma sociedade garimpeira como patrimônio cultural imaterial, necessitando serem protegidas? Quais as tecnologias utilizadas pelos garimpeiros e pelas mulheres siebeiras para encontrar as esmeraldas? Suas memórias acerca da história do garimpo necessitam ser preservadas?

Foram esses os questionamentos que direcionaram o presente estudo. Outro fato importante foi constatar que, em regiões de garimpo, geralmente a presença da mulher é vista como cozinheira ou prostituta, porém, o que se percebe com relação às mulheres siebeiras de Campos Verdes é uma situação de monoparitalidade<sup>7</sup>, em que assumem a chefia e sustentação da família.

A metodologia utilizada foi pesquisa etnográfica, levantamento documental, pesquisa bibliográfica e depoimentos embasados na história oral, para investigar os discursos acerca do contexto histórico do município de Campos Verdes, a inserção da mulher no garimpo e os saberes e práticas garimpeiras.

Para o levantamento dos dados a respeito dos garimpeiros foram ouvidos um total de 53 (cinquenta e três) depoentes, sendo: cinco garimpeiros que estavam em atividade na época da pesquisa; 5 (cinco) garimpeiros pioneiros que não mais atuam dentro das minas; 8 (oito) siebeiras pioneiras e 3 (três) que vieram

---

<sup>7</sup> Chefia feminina (WOORTMAN, 2002).

posteriormente; 1 (uma) ex-vereadora; 1 (um) médico; 5 (cinco) professores; 5 (cinco) políticos; 4 (quatro) donos de minas; 1 (um) associado da cooperativa dos garimpeiros (o secretário geral); 2 (dois) vereadores; o ex-prefeito de Santa Terezinha de Goiás (Prefeito da época da emancipação do garimpo); o atual prefeito de Campos Verdes; o atual Chefe do DNPM; 2 (dois) engenheiros de lavras do DNPM; 2 (dois) filhos de ex-prefeitos de Santa Terezinha (pioneiros da região); 2 (dois) comerciantes pioneiros do garimpo; além de mais 5 (cinco) pessoas da comunidade.

As entrevistas e depoimentos foram gravados em filmadora com fita cassete. Como critério, para escolha dos informantes, considerou-se relevante seu local de origem, sua atividade no garimpo e tempo de moradia em Campos Verdes, visto que essas informações mostraram-se fundamentais para obter um panorama da categoria identitária dos grupos, os quais, com múltiplas histórias envolvendo bamburros<sup>8</sup>, blefos, violências e a contextualização histórica do garimpo, são capazes de articular a história e a memória para a manutenção do *ethos* do grupo.

Foram realizadas doze visitas às cidade de Campos Verdes e Santa Terezinha de Goiás e uma pesquisa etnográfica mais aprofundada durante o mês de julho, para coletar informações referentes à descoberta do garimpo, à formação do novo povoado, a emancipação e os saberes culturais que ali se estabeleceram. Quando das visitas, nos meses de outubro de 2005 a setembro de 2006, sendo uma vez por mês, foram feitos levantamentos nas Prefeituras das duas cidades (uma vez que Campos Verdes se emancipou da cidade de Santa Terezinha de Goiás); descidas nas minas de esmeraldas, em uma profundidade de mais de 400 metros, para conversar e fotografar os garimpeiros, pesquisa nas Delegacias de Polícia de Campos Verdes e de Santa Terezinha de Goiás, além do levantamento bibliográfico e documental.

Ao longo do trabalho de campo, durante os encontros coletivos, foram gravados vários relatos de personagens que se apresentavam como portadores da memória do garimpo, ora por serem moradores muito antigos, ora por terem memórias posteriores à descoberta, mas que faziam junção às versões dos antigos moradores. Foram feitas também pesquisas junto ao Departamento Nacional de

---

<sup>8</sup> Em garimpo de esmeraldas bamburrar é achar uma pedra extra e vender por um bom preço.

Produção Mineral para analisar a questão legislativa e da permissão de lavras de esmeraldas.

A valorização da identidade dos garimpeiros e das mulheres siebeiras<sup>9</sup> de Campos Verdes se faz premente nesse contexto, haja vista que quase três séculos depois do primeiro ciclo do ouro no Brasil, observa-se que poucas mudanças ocorreram no cenário da mineração em pequena escala, pois as condições de vida e trabalho nos garimpos permanecem bastante adversas, caracterizadas pela falta de infra-estrutura, principalmente de saúde e educação.

Quanto ao histórico que origina o contexto deste estudo, inicia-se nas décadas de 1980, na qual os garimpeiros oriundos de diversas localidades brasileiras invadem o garimpo de esmeraldas na cidade de Santa Terezinha de Goiás. Os garimpos, nessa década, tornam-se pólos de atração para os trabalhadores de todo o país.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: o primeiro refere-se a identificação, documentação e contextualização histórica de Campos Verdes, com o título: Reflexões conceituais: *História, memória, patrimônio e identidade profissional*; o segundo capítulo foi dedicado ao patrimônio imaterial, intitulado: *Memórias sobre a cidade de Campos Verdes*; já o terceiro capítulo recebeu o título de: *Memórias sobre os saberes e práticas garimpeiras*, para mostrar o “saber fazer” do garimpeiro e as profissões que surgem em garimpos. Finalmente, no quarto capítulo são esboçadas as memórias das siebeiras, para conhecer a rotina dessas mulheres e compreender os instrumentos utilizados na sieba, esse capítulo tem o título de: *As siebeiras do garimpo: suas narrativas e seus saberes práticos*.

Ao final são apresentadas as considerações finais da pesquisa, a qual, certamente contribuirá para o registro das histórias e memórias do povo esmeraldino, pois, conhecer os significados simbólicos dos fundadores de Campos Verdes terá um papel relevante para entender a identidade de seus moradores e, por outro lado proporcionará compreender o contexto histórico da fundação do município, bem como seu patrimônio cultural.

---

<sup>9</sup> Mulheres que lavam os bagaços de xistos de esmeraldas. Siebar significa procurar.



# **CAPÍTULO I – REFLEXÕES CONCEITUAIS: HISTÓRIA, MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE SOCIAL**

## **1.1 História e Memória**

O patrimônio cultural campos verdense foi construído através do tempo, por pessoas que estiveram agrupadas no garimpo, na cata das pedras, na lavagem do xisto, no artesanato mineral, nas festas juninas, Festa do Riachão, Novena do Espírito Santo... construindo um legado imaterial de memórias, tradições, costumes, comportamento, tecnologias, etc. Compreende-se sob esta perspectiva, os elementos constitutivos da identidade do grupo de garimpeiros, comerciantes, professores, siebeiros e siebeiras, enfim, dos moradores daquele município, nos quais o indivíduo se identifica com os elementos do grupo e se diferencia dos demais. Conforme pontuam Eckert e Rocha (2001, p. 4):

Não se pode esquecer aqui que toda obra humana remete a uma produção simbólica, sendo os territórios de sociabilidade de uma cidade nichos de sentidos produzidos por uma comunidade.

Sendo assim, é possível afirmar que a memória dos grupos de garimpeiros, siebeiras, comerciantes, professores, dentre outros, são carregados de significação e que na comunidade pesquisada, a relação com o patrimônio é a comunidade de memória dos garimpeiros pioneiros, bem como dos antigos moradores da região.

A memória de experiências passadas se faz presente em tudo que se vivencia e até mesmo naquilo que se imagina. Tudo o que se sabe ou que se pode aprender se deve às memórias que são ativadas. Uma pessoa sozinha, possivelmente, não é capaz de se lembrar com todos os detalhes, nem mesmo um evento vivenciado há algumas horas atrás, porém, sabe-se que um grupo pode ir lembrando dos detalhes, um avivando a memória do outro, quando isso se torna importante para o grupo.

Maurice Halbwachs (1990) destaca que pela memória o passado vem à tona, misturando-se com as percepções imediatas, deslocando-as, ocupando todo o espaço da consciência. Trabalhar com história e memória representa ao mesmo tempo, a trama da identidade individual e coletiva, onde os depoentes conseguem

reconstituir o grupo a que pertenceram, ativando a memória para recordar dos lugares e da sociedade nas quais viveram.

A memória não pode ser ativada isoladamente e nem mesmo sem apoiar-se no grupo social que compartilhou os fatos e as experiências lembradas, portanto, acaba sendo uma condição da identidade do grupo e das pessoas.

No conceito de Halbwachs (1990), a memória social é aquela existente nas famílias, como em cada pessoa, nas pequenas cidades, nas praças, nas tradições, nas festas populares, não se encontrando somente nos prédios institucionalizados, nas grandes cidades. Nessa perspectiva a memória deve ser, não apenas um objeto de pesquisa, mas também um objeto de estudo, cabendo ao pesquisador revisitar o passado, reinterpretando sob nova ótica o fato histórico acontecido.

Segundo Le Goff (1992, p. 540): “Há que tomar a palavra como documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, imagem ou de qualquer outra maneira”. A lembrança, seja ela como o sentimento e a experiência do tempo; como alguma coisa que passou; como o passado se presentificando ou mesmo entendida como o registro subjetivo dos acontecimentos pela significação que tiveram para a pessoa, pode oferecer uma contribuição que possibilita uma compreensão complementar ao registro oficial.

O ato de recordar permite ao narrador uma identificação sobre o que pensa sobre o passado, sobre o presente e o que poderá vir a ser no futuro. Segundo Thomson (1997, 57): “construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social”. Em seu livro pioneiro no campo dos estudos da memória no Brasil, Ecléa Bosi (1994) sustenta que a memória do indivíduo não é a “subjetividade livre a que se referia Bergson”, mas “depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (1994, p. 54). Com isso Bosi, de um lado, destaca “a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória”. De outro, enfatiza que aquilo que o indivíduo lembra, quando lembra e como lembra é uma construção coletiva, que se explicaria a partir dos quadros sociais da memória, nos termos de Halbwachs: “os instrumentos de que a memória coletiva se serve para

recompor uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes da sociedade”. Segundo Paul Thompson:

Um dos aspectos mais polêmicos das fontes orais diz respeito a sua credibilidade. Para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são tidos como fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, que às vezes pode ser falível e fantasiosa. No entanto, a subjetividade é um dado real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa em história oral é saber por que o entrevistado foi seletivo, ou omissivo, pois essa seletividade com certeza tem seu significado. Além disso, este século é marcado pelo avanço sem precedente nas tecnologias da comunicação, o que abalou a hegemonia do documento escrito. (THOMPSON, 1990, p. 18).

Ainda segundo Paul Thompson (*op cit*, p. 185): “A construção e a narração da memória do passado, tanto coletiva quanto individual, constitui um processo social ativo que exige ao mesmo tempo engenho e arte, aprendizado com os outros e vigor imaginativo”. Para o autor as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas por meio da História. No texto de Thompson, percebe-se que a utilização da história para finalidades sociais e pessoais construtivas vem da natureza intrínseca da abordagem oral, baseando-se na fala e não na habilidade da escrita, muito mais exigente e restritiva.

A história oral é construída em torno das pessoas. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a mesma de dentro da comunidade, implicando para a maioria dos tipos de história, uma certa mudança de enfoque, mas também a abertura de novas áreas importantes de investigação.

Henri Bérgson (1999), no seu trabalho sobre a memória, descreveu dois tipos de rememoração, a *memória-hábito*<sup>10</sup>, que se faz presente em ações e atividades do dia-a-dia, isto é, em hábitos da vida cotidiana, e a *memória que recupera imagens à semelhança do passado*. O primeiro tipo de memória refere-se à habilidade de reproduzir algo que foi aprendido ao longo da vida. Já o segundo tipo de memória se refere à recordação de um evento do passado, que é colocado no tempo-espaço e não pode se repetir.

Embora seja possível traçar alguns limites entre história e memória, é interessante observar que a memória é constituída a partir das narrativas do

---

<sup>10</sup> Grifo do autor

presente, enquanto que História é resultado de experiências que se acumulam ao longo do tempo. Neste caso, não se trata apenas de investigar o passado através da memória, mas de procurar compreender o presente a partir das reconstruções que são feitas do passado. Para Ecléia Bosi (1994, p. 38) é necessário que o pesquisador sofra de maneira irreversível o destino dos sujeitos observados, criando “um vínculo de amizade e confiança com os recordadores”. A partir de uma postura de entrega, expressa prática e teoricamente pelos sujeitos envolvidos (pesquisador e recordadores), formam uma “comunidade de destino”, criando as condições para que “se alcance a compreensão plena de uma dada condição humana”. Para a autora lembrar significa aflorar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturar dados imediatos com lembranças.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Para Ecléia Bosi a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantém com outros meios.

Marques dos Santos (1997) salienta também que a memória é um meio para obter identidade, convergindo com Fonseca (1997) que acredita que o estudo acerca do patrimônio cultural perpassa pela análise da função da memória e da tradição na consolidação de identidades sociais, confirmando Halbwachs quando diz que a lembrança é uma REconstrução do passado com a ajuda de dados do presente e a memória é um pensamento continuado que armazena do passado o que está vivo ou é capaz de viver no grupo, de forma que cada memória individual é uma abordagem e um ponto de vista de uma memória coletiva.

Sabe-se que o objeto de estudo, por excelência, da Antropologia são as teias de significado que conformam as culturas humanas, e que a tarefa dos estudiosos da área de antropologia é interpretá-las, segundo um processo de descrição densa da realidade social (GEERTZ, 1997). A partir disso, pode-se afirmar que no plano da etnografia das formações culturais presentes no patrimônio imaterial de Campos Verdes estão os “guardiões da memória”, que são os atores sociais, retroalimentando a história e as memórias individuais e coletivas, o que nos remonta a Eckert (1992) afirmando que os ritos repousam sobre uma memória coletiva e

simbólica, reatualizando um passado dramatizado no presente, para exprimir a identidade social do grupo.

Segundo Lima Filho (2001, p. 75): “Há um lento processo de reelaboração do passado. As pessoas buscam sentido no passado para se proteger da ameaça do presente, enfim da crise da identidade coletiva”. É como acontece com os garimpeiros, que buscam em suas memórias, âncoras existenciais para a sobrevivência, rememorando os tempos áureos da exploração de esmeraldas.

## 1.2 Patrimônio Cultural

No tocante à abordagem do patrimônio é preciso salientar que o vocábulo valorização foi bastante utilizado com relação à preservação do patrimônio, no entanto, torna-se necessário compreender a abrangência da palavra patrimônio.

Conforme o dicionário Houaiss, o vocábulo patrimônio significa: “1. herança familiar; 2. conjunto de bens; riqueza”. Já a Constituição da República Federativa do Brasil, em seu Art. 216, ressalta que:

O Patrimônio Cultural é composto pelos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em seu conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo-se os bens e direitos de valor artístico, estético, histórico, turístico, paisagístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 155).

Assim, o patrimônio cultural é formado por bens materiais e imateriais. Essa forma de pensar em patrimônio culmina em conceber a *cultura* como o conjunto de aspectos materiais, imateriais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, a língua, a etnia, as tradições e as crenças.

Torna-se necessário, portanto, compreender que a memória é resultado de um processo de interação social, e que ela tanto está em no grupo, quanto é exterior a ele, observando que as fronteiras entre História e Memória são intercambiáveis, portanto, para esse estudo etnográfico, da história e memória do povo Campo Verdenses, partiu-se do pressuposto de que uma cidade não consiste apenas de sua porção física e de seus referentes materiais, mas é constituída, sobretudo, pelas

peças que a habitam e por todo o universo de afetividades, significados e visões de mundo envolvidos no desenrolar de suas vidas cotidianas, ou seja, não existe cidade, se não existe comunidade, e não existe comunidade, se não existe cultura. E, segundo Da Matta (1994), a cultura é o objeto fundamental da investigação antropológica.

Quanto ao conceito de cultura, este foi amplamente explorado por vários pensadores<sup>11</sup>. Geertz (1978) expõe a conceituação por alguns pensadores como Clyde Kluckhohn, que por sua vez acredita ser:

O modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; um celeiro de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; um precipitado da história (KLUCKHOHN *apud* GEERTZ, 1978, p. 14).

Assim, a cultura é vista sob várias vertentes, contudo o antropólogo Roque Laraia<sup>12</sup>, sintetiza esse conceito, relatando que cultura é tudo o que é aprendido (informação verbal). Geertz critica a abordagem mecanicista que não se atém ao contexto histórico da organização social e ao papel do indivíduo. Por seu lado, a cultura como um produto de conjuntos simbólicos seria a resposta pública ao relacionamento social. Assim, Geertz (2000) em *O saber Local* conceitua cultura da seguinte forma:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (GEERTZ, 2000, p. 17).

Geertz (2000) tem, dessa forma, uma concepção de cultura sob a égide da antropologia hermenêutica.

---

<sup>11</sup> Como Levi-Strauss (1982), Laraia (1989), DaMatta (1994).

<sup>12</sup> No livro *Conceito de Cultura*, Laraia (1989) aponta que nas décadas de sessenta e setenta a antropologia possuía várias teorias que revolveram a tarefa de reconstrução do conceito de cultura. Assim, para Kessing (*apud* LARAIA, 1989), as teorias dividem-se em: considerar a cultura como sistema adaptativo (como Leslie White e outros); como idealista de cultura, que se subdividem em: cultura como sistema cognitivo (com Goodenough); como sistema estrutural (com Lévi-Strauss) e como sistema simbólico, com Clifford Geertz nos Estados Unidos.

Nos fundamentos da Antropologia, a cultura não pode ser pensada a partir da idéia de algo fixo, que resiste ao tempo, pois as culturas são dinâmicas, ou seja, os usos e sentidos estão sempre sendo ressignificados, não implicando esse processo em perda, mas sim em vitalidade.

Todavia, a noção de Patrimônio sofreu modificações ao longo do tempo. A Revolução Francesa suscitou uma reação preservacionista de objetos e edifícios, mas com uma dimensão política, já que não visava apenas a conservação de igrejas medievais, mas sim a conservação do patrimônio nacional de forma holística<sup>13</sup> (CHOAY, 2001).

No entanto, Choay (2001) aponta que ainda que houvesse a preocupação com a riqueza e a diversidade da totalidade do patrimônio nacional, até essa época a noção de patrimônio estava ligada exclusivamente aos monumentos históricos. Fonseca (1997) converge-se com Choay na medida em que aponta que apenas após o século XVIII<sup>14</sup> é que começam a surgir ações por parte das sociedades nacionais com o intuito de preservar monumentos de valor histórico ou artístico. Fonseca relata que o conceito de patrimônio histórico e artístico nacional surgiu dos bens que, a partir do final do século XVIII sob proteção legal do Estado, foram atribuídos a capacidade de simbolizarem a nação. Choay ratifica Fonseca ao analisar que os bens concebidos como patrimônio com valor simbólico à nação tinham escalas de valores e que hierarquicamente era sobressaltado o valor cognitivo, depois econômico, e por último o valor artístico.

No que tange ao Brasil, a noção de patrimônio passou por modificações, contudo, a Constituição Federal (BRASIL, 1988) já explicita que patrimônio cultural é composto não apenas por bens materiais, como também por imateriais.

---

<sup>13</sup> Segundo o dicionário de filosofia holismo significa: 1. Doutrina que considera que a parte só pode ser compreendida a partir do todo, que privilegia a consideração da totalidade na explicação de uma realidade, sustentando que o todo não é apenas a soma de suas partes, mas possui uma unidade orgânica; 2. Teoria formulada pelo estadista sul-africano Jan Christiaan (1870-1950), em sua obra *Holism and Evolution* (1926), afirmando que o universo e especialmente a natureza viva se constituem de unidades que formam todos (como organismos vivos) que são mais do que a simples soma das partículas elementares (JAPIASSÚ, 1996, p. 54).

<sup>14</sup> Século em que eclodiu a Revolução Francesa.

Fonseca (1997, p. 54) salienta que: “a proteção ao patrimônio, no Brasil, tornou-se ‘objeto’<sup>15</sup> de estudo e preocupação mais tarde que na Europa”. Na atual conjuntura a proteção ao patrimônio está alicerçada em um estatuto jurídico próprio que viabiliza a gestão pelo Estado de bens selecionados com critérios que sofrem variações no tempo e no espaço.

Fonseca ressalta, ainda, o caráter político que a proteção aos bens adquiriu com o tempo e que a idéia de patrimônio foi usada na consolidação dos Estados modernos para desempenhar incomensuráveis funções simbólicas como: reforçar a idéia de cidadania, identificando bens públicos de propriedade de todos; reforçar a coesão nacional; documentar as versões oficiais da história nacional; instruir os cidadãos com seu alcance pedagógico. Essas funções simbólicas são importantes na análise da criação, no Brasil, do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN) em 1937, já que este órgão foi estabelecido em um contexto político em que o Estado Novo getulista lançava suas bases de uma política populista. O IPHAN ainda que tenha gozado de autonomia e empregado importantes intelectuais, servia ao governo autoritário para ratificar uma efígie de coesão social em um projeto nacional. Os intelectuais do IPHAN preocupavam-se com a tradição, a história e a memória<sup>16</sup>, de forma que a compleição do patrimônio cultural legitimava a noção de nação. Ademais, o Estado desejava a unidade e a uniformização da nação e recorria aos intelectuais para: “Concorrer para a definição das finalidades da ação política; expressar a presença da sociedade civil e dar exemplo de ator social coletivo” (FONSECA, 1997, p. 134).

Conforme Marques dos Santos (1997), a problemática do patrimônio exige uma análise poli-multi-transdisciplinar que valoriza a alteridade e a prática dialógica de várias áreas do conhecimento. Para Morin (2003) esse diálogo entre as disciplinas é necessário para estruturar o pensamento, que por seu lado precisa também da problematização filosófica independente da disciplina de filosofia.

---

<sup>15</sup> As aspas servem aqui para ressaltar que a proteção é que passou a ser objeto de estudo mais tarde, não podendo confundir patrimônio como sendo restrito a objetos ou bens materiais.

<sup>16</sup> Para Halbwachs (1990) a memória se diferencia da história, pois enquanto a primeira é um pensamento contínuo que retém do passado o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (tendo, então, um caráter dinâmico). A história, por sua vez, é estática e única, pois ainda que se fale da história de dois países, só é possível falar de uma única história de cada um deles, ao passo que existem várias memórias coletivas.



Segundo este autor, a segmentação do conhecimento se polarizou no decorrer do tempo, mas é preciso “re-ligar” os saberes. Para Choay:

Por um lado, através dos novos meios oferecidos pela ciência e pela técnica, há uma tendência que se apresenta valorizando o ‘respeito’ e a ‘continuidade’; por outro, uma segunda tendência baseada nos valores de ‘rentabilidade’ e ‘prestígio’, desempenhando atitudes já condenadas no século XIX (CHOAY, 2001, p. 213).

Assim, há uma dualidade antagônica na expressão “valorização”, já que, se por um lado valoriza-se o respeito, por outro se valoriza o rentável. Essa expressão instigou, segundo Choay, o surgimento de instrumentos mediadores para promover o acesso e o entendimento dos espectadores frente às obras. Entretanto, o uso intensivo desses instrumentos, como recursos de eletricidade e sons modernos, podem ter efeitos negativos para os monumentos e para o público. Desse modo, o excesso de mediação pode dificultar uma análise crítica e reflexiva acerca do objeto observado.

De acordo com Choay, insere-se o presente no passado sob a forma de espetáculo, transferindo valores e utilizando para tanto a modernização e o desenvolvimento tecnológico. Dessa maneira, disfarça-se o antigo como novo e se esquece tanto do passado quanto do futuro. Assim, a autora complementa Lasch (1983), que relata que a sociedade moderna está perdendo rapidamente o sentido de continuidade histórica, o que implica em uma dedicação de pensamentos atrelados às necessidades imediatas.

Para Lima Filho (2001, p. 91) a disputa pela memória e pelos símbolos estão relacionados ao interesse social.

O patrimônio tem assim um significado de valor. É essa noção valorativa que coduz o homem ao passado, selecionado memórias que buscam ser um contradiscurso, uma reação à situação de destruição desse patrimônio. Vista assim, seria uma tentativa de fazer estancar a própria crise, que dialeticamente é alimentada pelo devir.

Nesse estudo etnográfico, a idéia de patrimônio aqui apresentada está relacionada com a identidade, uma vez que o trabalho artesanal do garimpeiro está praticamente desaparecendo. Atualmente, somente as grandes mineradoras conseguem explorar as esmeraldas, devido à grande profundidade e aos altos custos, dessa forma a maioria das minas passam a utilizar um número maior de

máquinas, diminuindo a mão de obra, bem como esquecendo os valores culturais do saber fazer do garimpeiro, profissão que tende a desaparecer.

### 1.3 A identidade social do garimpeiro

No início do século XVIII, a descoberta de ouro e diamante em Minas Gerais, marcou o processo de colonização do Brasil. Com a descoberta dessas minas cerca de 600.000 pessoas migraram para o interior do Brasil (PALACÍN; SANT'ANNA MORAES, 2006).

De acordo com Palacín e Sant'Anna Moraes (2006, p. 4) “de São Paulo saíram as bandeiras que, buscando índios, cada vez mais escassos, chegavam com frequência até o extremo norte de Goiás, região do Estreito”. Ainda segundo os mesmos autores:

As capitânicas de Minas foram, durante o século XVIII, Goiás e Mato Grosso. Era interesse do governo – segundo a mentalidade mercantilista de especialização para a exportação – concentrar todo esforço na produção do ouro; com essa finalidade, proibiam ou dificultavam outros ramos de produção. Poderíamos citar, como por exemplo, a proibição de engenhos de açúcar em Goiás (PALACÍN; SANT'ANNA MORAES, 2006, p. 6).

A Coroa Portuguesa passou a exercer forte controle da produção mineral, exigindo a urbanização dos sítios produtores e a instituição de normas rígidas de fiscalização, cuja infração era passível de severas punições. Os homens livres e sem posses, inaptos perante a Coroa de sustentar produções regulares, se viram então forçados a buscar lugares ermos. Esses lugares eram denominados de grimpas das serras, para ali praticarem suas lavras distantes das autoridades. Assim, os chamados grimpeiros deram origem ao termo garimpeiro. Segundo o Departamento Nacional de Produção Mineral (1993, p. 2):

As condições adversas de vida e trabalho, somada às dificuldades de obtenção de suprimentos e de venda de produtos, sob forte repressão, favoreciam a coesão grupal, como também o desenvolvimento de traços culturais próprios.

O ouro tornou-se o senhor absoluto durante o período em que reinou, relativamente curto, de pouco mais de meio século. As demais necessidades

mantinham-se apenas quando orientadas para a região das minas, para atender às necessidades de seus habitantes.

Os principais exploradores do sertão foram os paulistas. Com um irrisório apoio oficial, Fernão Dias Pais partiu em 1674 para o sertão, onde permaneceu por seis anos, chegando ao Jequitinhonha. Porém, não descobriu nada de valor. Em 1681 encontrou turmalinas acreditando serem esmeraldas. Contudo, durante os anos em que permaneceu no sertão, desbravou grande parte do interior das Gerais e abriu caminho para futuras descobertas de importância. Poucos anos depois, a bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhangüera – abriria caminho para o Brasil Central (Goiás e Mato Grosso).

Costuma-se atribuir o início da mineração à descoberta do ouro feita por Antônio Rodrigues Arzão, em 1693, embora a corrida do ouro começasse efetivamente com a descoberta das minas de Ouro Preto por Antônio Dias de Oliveira, em 1698. Além de se difundir aqui pelo Brasil, a notícia chegou também a Portugal através da correspondência dos governadores ao rei. De diversos pontos do Brasil começou a chegar grande quantidade de aventureiros, ávidos de rápido enriquecimento. Mesmo de Portugal vieram, a cada ano, cerca de 10 mil pessoas, durante sessenta anos.

A primeira consequência desse deslocamento maciço da população para as regiões das minas foi a grave carestia, que se tornou particularmente catastrófica nos anos 1697 – 1698 e, novamente, em 1700 – 1701.

Segundo Souza (1986, p. 68) o grande paradoxo inicial desse primeiro ciclo do ouro foi o signo da fome que marcou o nascimento das minas de ouro, pois segundo a autora a descoberta de ouro e diamantes provocou um grande fluxo de gente “Durante os primeiros 60 anos do século XVIII a corrida do ouro provocou, na Metrópole, a saída de aproximadamente 600 000 indivíduos, em média anual de 8 a 10 mil indivíduos”. Vieram também, da cidade do Porto, navios carregados de pessoas que queriam passar para a região das minas, pessoas:

Com os olhos voltados para o ouro, improvisavam alojamentos numa região deserta. [...] a fome assolou essas populações, os mineiros morriam à mingua com uma espiga de milho na mão, sem terem outro sustento.

Esse período foi superado com a construção do Caminho Novo, em 1725, ainda segundo a autora: “a fome nunca mais chegou a ter tal alcance, pois a

concentração de riquezas e a crescente estratificação social fizeram com que ela voltasse a atuar no seu círculo costumeiro: a pobreza” (SOUZA, 1986, p. 70).

A população era bastante heterogênea, mas distinguiam-se claramente paulistas e forasteiros. Estes eram chamados, depreciativamente, pelos paulistas, de “emboabas”, que em língua tupi queria dizer “pássaro de pés emplumados” - referência irônica aos forasteiros, que usavam botas; os paulistas andavam descalços.

Ao abrir-se como um grande mercado, a mineração foi responsável pela articulação econômica da colônia, integrando não apenas São Paulo, Rio e Bahia, mas também, através de São Paulo, a região sulina como um todo.

Desde o século XVII a mineração já se encontrava regulamentada. Os Códigos Mineiros de 1603, embora admitissem a livre exploração das minas, impunha uma fiscalização rigorosa na cobrança do quinto (quinta parte do ouro extraído).

Com as descobertas do final do século XVII, a metrópole elaborou um novo código, que substituiu os anteriores e perdurou até o final do período colonial: o “Regimento dos Superintendentes, Guardas-mores e Oficiais Deputados para as Minas de Ouro”, que data de 1720.

Para a aplicação efetiva das medidas contidas no regimento, foi criada a Intendência das Minas para cada capitania em que o ouro havia sido descoberto. A principal característica desse órgão era a sua completa independência em relação a outras autoridades coloniais. A intendência reportava-se diretamente ao Conselho Ultramarino.

O objetivo da Coroa era garantir, por todos os meios, a sua renda. Desde o século XVII, existia uma legislação mineraria, a qual estipulava o pagamento de 20%° (1/5) do ouro descoberto e explorado. Com a descoberta do ouro em Minas, o primeiro problema foi o de saber de que modo esse imposto - o quinto - deveria ser cobrado:

A atividade mineradora começou a declinar, a partir da segunda metade do século XVIII, com a interrupção das descobertas e o gradativo esgotamento das minas em operação. O predomínio do ouro de aluvião, de fácil extração, não requeria uma tecnologia sofisticada. Porém, à medida que esses depósitos aluvionais se esgotavam, era necessário passar para a exploração das rochas matrizes (quartzo itabirito) extremamente duras e que demandavam uma tecnologia com maiores

aperfeiçoamentos. Chegando nesse ponto, a mineração entrou em acentuada decadência.

A quase completa ignorância dos mineradores (o conhecimento que se tinha era fruto da experiência) e a utilização pouco freqüente de novas técnicas, por falta de interesse e de capital, selaram o destino das minas no Brasil. A atividade se manteve porque a área de exploração era grande e as explorações foram conquistando essa região até que ela se exaurisse completamente nos inícios do século XIX. À Coroa só interessava o quinto. Assim, a partir de 1824, já na época do Brasil independente, concedeu-se o direito de prospecção a estrangeiros, que recomeçaram a explorar com melhores recursos técnicos e mão-de-obra barata.

No contexto do século XX começa a delinear-se novas explorações de minérios, construído sob uma visão estratégica de desenvolvimento nacional, tendo por base uma política e legislação fomentadora, porém a identidade do garimpeiro, praticamente é a mesma, são pessoas que abandonam famílias e se deslocam para onde foi descoberto um novo garimpo. Lá trabalham, se ganharem dinheiro, logo buscam a família. Caso não encontrem o bamburro esperado, saem à procura de um novo garimpo.

Para estudar o processo de construção da identidade do garimpeiro, por meio de uma pesquisa etnográfica, foi preciso entender o tempo coletivo dos garimpeiros de esmeraldas, o tempo vivido nas minas e o tempo vivido no povoado. Dessa forma, para traduzir o processo de observação foi essencial, pois o “mundo” dos garimpeiros é traduzido em forma de pertencimento quando estão dentro da mina, explorando o xisto<sup>17</sup> desconhecido na esperança de ali encontrarem as preciosas esmeraldas. Ao falar sobre a identidade dos mineiros de carvão, Cornélia Eckert (1993, p. 12) salienta que:

A alusão ao “mundo da mina” detém um valor positivo para os mineiros grand-colombianos conceberem-se como um grupo de pertencimento, uma “comunidade de identidade”. A mina, o trabalho mineiro, contém qualidades simbólicas de uma identidade de valor que amalgama a idéia de cultura como sistema simbólico e de sociedade como atualização de uma ordem como princípio abstrato. O “valor trabalho” é intrínseco à ideologia da sociedade moderna, mas, impregnado de seu contrário, sustenta princípios de complementaridade e reciprocidade.

---

<sup>17</sup> O xisto refere-se a terra mineralizada onde são encontradas as esmeraldas.

Assim também ocorre na cidade de Campos Verdes, os garimpeiros enquanto estão no fundo das minas mantém um laço de reciprocidade muito grande, as tarefas são sempre feitas em parcerias. A noção de pertencimento está sempre presente em suas falas.

Os garimpeiros são conhecidos como homens corajosos, que nos abismos dos garimpos, vê a sua vida andar por um fio. Ao referir-se sobre os mineradores das minas de carvão, Eckert fala não só de sua inserção no mundo plural, do mercado moderno, bem como de suas configurações de valores. Segundo a autora: “Dimensiona-se sua maneira singular de viver e pensar, o que é percebido na representação e na prática social intrinsecamente articuladas” (ECKERT, 1993, p. 11).

Quando se trata de garimpos de esmeraldas, por exemplo, em lavras de profundidades de 200 a 500 metros, o operador da máquina que faz descer e subir o cabo-de-aço não pode vacilar. A vida dos garimpeiros está em suas mãos. O garimpeiro desce montado no cavalo<sup>18</sup>, molhando seu corpo com a água que cai do teto, a qual vem do lençol freático que o túnel corta. Os garimpeiros enfrentam em um primeiro momento o frio da descida, posteriormente, quando chegam ao Japão<sup>19</sup>, eles sentem calor, pois o único ar ali vem dos cabos de refrigeração, mas eles não se preocupam com os perigos, pois a fé que os mesmos têm em Santa Bárbara, a Santa protetora dos garimpeiros, os fazem acreditar que irão encontrar o bamburro e conseqüentemente melhorarem de vida. Isso os anima a prosseguir. Segundo Macedo (2000, p. 28):

O homem se faz garimpeiro porque é uma profissão fascinante, que embriaga com a ilusão de torná-lo rico da noite para o dia. Trabalhando como autônomo, o garimpeiro é senhor de si, e trabalhando como meia-praça não tem livro de ponto ou frequência obrigatória. Trabalha quando quer, fica no garimpo quantos dias interessar, faz seu próprio horário.

Foi com esse pensamento que os garimpeiros começaram a chegar e a construir a cidade de Campos Verdes, mesmo enfrentando grandes dificuldades, pois não havia nenhum tipo de estrutura, montavam um barraco de lona preta e ali se instalavam, como se fossem donos, pois conforme Macedo (2000, p. 29): “o mito de que o garimpo traz sorte valia qualquer esforço”. Para eles, o garimpo não pertence a

---

<sup>18</sup> Alças de couro, ou de pneus, que seguram os homens para descerem nos garimpos.

<sup>19</sup> É assim que eles designam o fim do buraco das lavras, pois parece uma viagem ao centro da Terra.

ninguém, a não ser para os que o descobrem e demarcam a área, o que nos remonta a Souza (1986, p. 137):

Qual foi meu crime? Tirar diamantes da terra? Mas quem foi que aí os escondeu, senão Deus, para nós com nosso trabalho irmos procurá-los? Que direito, portanto, há para se nos proibir a mineração? Deus criou os quatro elementos para gozo dos homens: o ar que respiramos, a água que bebemos, o fogo que nos aquece e a terra para dela tirarmos todo o proveito, já cavando-lhe as entranhas para extrairmos os minerais e pedras preciosas, já cultivando-a para alimentarmos-nos, já caçando nas suas matas e campos... sou proscrito e criminoso por ter querido gozar dos benefícios da providência[...]

Em Campos Verdes não foi diferente, garimpeiros chegaram de várias partes do país e cercaram suas áreas. Começavam a furar os buracos e a retirar o xisto para ser lavado, em busca das esmeraldas. Segundo Macedo (2000, p. 28): “A sedução do garimpo é muito forte, só através dessa força podemos entender por que muitos se envolvem nessa atividade”.

Cada vez mais o garimpo de esmeraldas atraía as pessoas. O garimpo foi crescendo. Havia várias linhas de ônibus e muitas rurais que transportavam os passageiros. A cidade cresceu. O tempo anterior ao garimpo, era no ritmo das águas do Rio Crixás, da vida lenta do interior, embalada pelo correr do rio, que com o peixe e a plantação de pequenas roças, dava o sustento necessário aos antigos moradores.

A cidade de Santa Terezinha se viu invadida, praticamente de um dia para o outro. Segundo o senhor Pedro Alves, proprietário de uma pensão em Santa Terezinha, as pessoas que chegavam eram diferentes dos pacatos goianos que ali residiam:

Eram homens rudes, na sua maioria de origem nordestina, que chegaram trajando, shortes, camisas e chapéu de couro e a gente sabia que a maioria deles andavam armados. Homens bons, mas também violentos que matavam por qualquer motivo, falavam muito alto e com um linguajar totalmente diferente do nosso (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Os moradores de Santa Terezinha de Goiás passaram a conviver com pessoas das diversas regiões brasileiras, cada uma trazendo consigo seus saberes, práticas, tradições, costumes e crenças. Gilberto Velho (1999) afirma que vivemos numa sociedade marcada, sobretudo pela coexistência de uma pluralidade de tradições decorrentes de diversas bases, sejam elas ocupacionais, étnicas, religiosas, etc. Dessa forma, os habitantes de Santa Terezinha encontraram-se distribuídos em múltiplas redes de relações, na forma de grupos que compartilham

certos valores, sentidos e significados, visões de mundo e concepções simbólicas. Estas redes se sobrepõem, se cruzam e se interpenetram.

Senhor Osmar, ex-proprietário de uma lanchonete, na época áurea do garimpo, fala da chegada dos garimpeiros e da influência dos nordestinos nos costumes goianos:

Eles mudaram até o jeito nosso de comer, em seus costumes eles comem carne assada logo pela manhã, cuzcuz com ovo, são alimentações mais pesadas e na lanchonete a gente tinha mais era salgados do tipo coxinha, pastel etc., mas eles queriam outro tipo de alimentação, mais forte (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Para Herberto de Sales (1955, p. 51): "o garimpeiro talvez seja o mais desfavorecido de todos os trabalhadores brasileiros". Exemplo privilegiado da distorcida configuração moral, eles são vistos como os grandes responsáveis pela depredação da natureza no que tange à exploração mineral. Rudes e desqualificados, não conseguiriam mais reintegrar-se ao restante da sociedade.

Para Silveira (1997) deve-se ressaltar que há ainda, os garimpeiros agricultores, que atraídos pela "fofoca" das jazidas de cristal, estão mais ligados à terra, porque são também agricultores, como é o exemplo dos garimpeiros radicados na região da Chapada dos Veadeiros, ao norte de Goiás. O quartzo hialino ou cristal de rocha, por ter um valor oscilante e limitado, divide com a roça e a criação o espaço produtivo. A exploração do mineral é realizada com técnicas artesanais, mobilizando poucas pessoas (principalmente velhos, mulheres e crianças) e contribuindo para a exígua economia familiar. Esses herdeiros de estilos de vida geralmente pensados como distantes, o camponês e o garimpeiro, têm vivido transformações recentes e radicais. Não resistem a possibilidade vender suas "posses" para alguns dos milhares de forasteiros que procuram a região e, ao mesmo tempo, vêm perdendo seus acessos às áreas de garimpo, que antes, podiam ser usadas por todos. O estilo de vida dos garimpeiros está vinculado à extração mineral, uma vez que exploram um recurso natural finito, suas atividades passam a ter caráter transitório. Segundo Palacín (1979, p. 11):

Suas fases são quase fatais: descobrimento: um período de expansão febril, caracterizado pela pressa e semi anarquia; depois, um breve, mas brilhante período de apogeu, e, imediatamente, quase sem transição, a súbita decadência, prolongada às vezes, com uma lenta agonia.



Palacín (1979) refere-se ao ciclo de ouro em Goiás, época em que o auge do ouro gerou e extinguiu povoados. Na sociedade contemporânea, contudo, a figura dos garimpeiros não está associada aos mesmos aspectos que fizeram dos garimpeiros do nosso primeiro ciclo minerário um herói nacional: a riqueza do ouro e a conquista das fronteiras políticas da nação. Muito pelo contrário: garimpo e garimpeiro aparecem hoje, no imaginário social, como agentes de poluição mercurial, destruidores de sociedades indígenas e várias outras formas de enfrentamento.

Como atividade e agente econômico, garimpo e garimpeiro sempre se fizeram presentes, aliás, talvez como uma das ocupações mais antigas do Brasil,<sup>20</sup> mas a existência de ambos, depois da fase de esplendor do século XVIII, ficou subjacente a outras atividades econômicas de maior importância para a nação.

A garimpagem é uma atividade legalizada e a garantia dos direitos do garimpeiro são regidos pela portaria nº 442, de 30 de março de 1984, a qual considera de interesse nacional a destinação de áreas para o aproveitamento de substâncias minerais por meio dos trabalhos de garimpagem, faiscação ou cata, em regiões onde se apresentam tecnicamente viáveis tais atividades, portanto deve-se valorizar também os profissionais que optarem por tirar o seu sustento desta prática.

Durante essa pesquisa etnográfica ficou evidenciado que os garimpeiros buscam âncoras no tempo passado, no tempo áureo das esmeraldas, quando as mesmas eram por afloramento, ou em profundidades menores e eles podiam ali exercer as suas atividades de garimpeiro. O que nos remonta a Eckert (1993, p.50):

Na representação dos garimpeiros, não é a apologia da profissão que é constante, nem mesmo idealizada para o futuro dos jovens, o que é lastimado é o esvanecimento do espaço social que imprimia a existência à comunidade como fonte tradicional de trabalho.

Entender a construção da cidade de Campos Verdes e de seu patrimônio imaterial é o objeto deste estudo, para tanto, no próximo capítulo serão abordados os temas relacionados à formação de cidades garimpeiras e, conseqüentemente à formação da cidade.

---

<sup>20</sup> Para uma visão histórica das representações sobre os garimpeiros, ver Cf. (1986) e Boxer (1969).

## CAPÍTULO II - MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE CAMPOS VERDES

### 2.1 Conceitos sobre cidades de garimpo

Conforme foi visto no capítulo anterior, a mineração no Brasil remonta à época colonial, quase dois séculos posteriores à chegada dos portugueses em território Sul americano, mais precisamente no século XVII.

De acordo com Barreto (2000), o primeiro ciclo do ouro durou quase um século. Os extrativismos de ouro e de diamantes eram altamente rentáveis para a Coroa Portuguesa, que recolhia um quinto de toda a extração. Várias cidades surgiram por época dos descobrimentos das minas. Dentre elas o lugarejo que deu origem à atual cidade de Ouro Preto. Conhecida como o único ponto onde era oficialmente permitida a passagem do ouro com destino ao Rio de Janeiro.

Os índios botocudos guiaram os primeiros exploradores pela região, em busca de ouro. A colonização dessa região teve início em função da extração e dos movimentos gerados em função do ouro, surgindo vários povoados. Dentre eles o Arraial do Tijuco, futura cidade de Diamantina, região dos diamantes, que até então só era encontrado nas Índias.

Barreto (2002) em *Mineração e Desenvolvimento Sustentável: desafios para o Brasil* assinala que o segundo ciclo mineral começou a delinear-se no século XX. Nesse segundo ciclo o setor mineral brasileiro foi construído sob uma visão estratégica de desenvolvimento nacional, tendo por base uma política e legislação fomentadora.

As frentes de garimpagem de ouro da Amazônia – a Reserva Garimpeira do Tapajós - absorveu o maior contingente de garimpeiros no Brasil. Predominaram migrantes nordestinos, sobretudo os do estado do Maranhão, relativamente jovens e solteiros. Esses garimpeiros trabalham mais e ganham mais que a média nacional dos garimpeiros, para poder compensar os custos mais elevados nessas áreas de difícil acesso e abastecimento. Essas características tornam a estrutura de produção das minas, na região, diferentemente de outras na América Latina, fortemente dependente de capital para financiar uma logística onerosa. Daí, a presença constante dos “donos

de garimpo”, cujas relações de trabalho com os garimpeiros, que trabalham nas frentes de lavra, são marcadas pela informalidade.

Tradicionalmente, na região funciona uma relação de trabalho entre garimpeiros trabalhadores e donos de garimpo baseada na participação e na produção, como única forma de remuneração e de concessão de benefícios trabalhistas, onde 30% da produção cabem aos trabalhadores, outros 20% são reservados ao dono da terra e quando houver, o restante (50 ou 70%) fica com o dono do garimpo.

Outra cidade dessa região, que vive da extração mineral é a cidade de Itaituba, cercada por vários garimpos. No início dos anos 90, com o aumento dos interesses dos proprietários dos pequenos garimpos em criar oportunidades de associações com as companhias de mineração, houve a necessidade de se criar um mecanismo de interação entre os múltiplos garimpos, através de uma organização com uma estrutura mais flexível. Com uma área de mais de 100.000 km, a região do rio Tapajós é considerada a maior área de garimpo do mundo.

Uma cidade que vive à sombra dos garimpos é a cidade de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, onde está sediado o Sindicato Nacional dos Garimpeiros - SNG - em áreas de ocupação mais antiga, produzindo bens minerais variados, onde predominam as gemas. Geralmente, os garimpeiros são naturais dos estados onde trabalham ou de estados vizinhos. A faixa etária dos garimpeiros é mais elevada que nos garimpos da Amazônia, e muitos moram com a família nos garimpos. A renda necessária à sua manutenção é menor, devido aos custos de produção mais baixos, embora esteja havendo uma gradual mecanização também nesses garimpos e conseqüentemente uma maior necessidade de capital.

Na região de Teófilo Otoni, está assentada uma das maiores províncias gemológicas do mundo, tendo em vista sua extensão e a diversidade de gemas encontradas, tais como diamante, águas marinhas, turmalinas, topázios, morganita, heliodoro, crisoberilo, alexandrita, olho de gato, kunzita, hiddenita, granada, ametista, citrino, morion, quartzo róseo, quartzo fumê, andaluzita e muitas outras. Possui também, além do ouro aluvionar, diversos minerais industriais.

A região de garimpos de gemas e pedras preciosas no nordeste do Estado de Minas Gerais, possui extensão de cerca de 100.000 km e compreende

aproximadamente 90 municípios e está situada nos vales do Mucuri, Jequitinhonha e São Mateus. Apesar da riqueza mineral da região, o nordeste do Estado de Minas Gerais é a região mais pobre do estado. A produção mineral é transferida sem nenhuma transformação ou beneficiamento para outras regiões do país e também para o exterior. “As gemas são exportadas para outras regiões na forma bruta, transferindo para fora dessa região a valorização do produto” (Diagnóstico Setorial Gemas e Jóias do Nordeste do Estado de Minas Gerais, 1993).

Em Goiás, segundo Macedo (2000) a ocupação do espaço geográfico ocorreu no século XVIII, devido a fatores que coexistiram cronologicamente, dentre eles a exploração aurífera e, juntamente com esta, a exploração diamantífera. Os primeiros descobertos de diamantes no rio Araguaia e seus afluentes datam de 1872, quando um grupo de garimpeiros saem de Araguaiana, sobem o rio até o local onde hoje se encontra Barra do Garças e enfrentam uma forte resistência oferecida pelos índios Bororo.

No século XIX, nesta região, a exploração do diamante foi se acabando gradativamente, talvez a exploração no Rio Araguaia não tenha se efetivado nessa época, por imaginarem que ali os diamantes fossem escassos... Mas no início do século XX a realidade da região é outra: os municípios goianos vizinhos de Baliza são ocupados por atividades agropecuárias e os municípios próximos, que ficavam na outra margem do Araguaia, no atual estado do Mato Grosso, são ocupados inicialmente com a atividade agropecuária e posteriormente, com a exploração diamantífera (MACEDO, 2000, p. 38).

Ainda segundo a autora, em Baliza chegaram primeiro os garimpeiros, em seguida os capangueiros<sup>21</sup>, as prostitutas, os comerciantes que vieram com suas famílias e uma série de outros profissionais, que em conjunto construíram a cidade garimpeira.

No contexto do século XX surge o garimpo de esmeraldas, na cidade de Santa Terezinha de Goiás.

## **2.2 As origens da cidade de Campos Verdes**

O livro didático elaborado pela Secretaria Municipal de Educação de Campos Verdes, no ano de 1990, em relação ao descobrimento, diz que:

---

<sup>21</sup> Compradores de ouro e pedras preciosas.

A jazida de esmeraldas foi descoberta no mês de março de 1981, pelo patroleiro Diolino Gonçalves da Silva e explorada por Chico Moita e João Mecânico que foram os primeiros a retirarem “pedras verdes” e tentaram vender pensando que eram turmalinas. Quando descobriram que eram esmeraldas, a notícia logo se propagou e chegaram cerca de mais ou menos duzentos garimpeiros, entre eles, o senhor Alcebiades Paiva Martins, Davi da Hora, Domingos Barros (domingão) e Antônio Gusmão (SME - CAMPOS VERDES, 1990).

Durante a pesquisa foram ouvidos diversos moradores que já viviam na região de Santa Terezinha, dentre eles, José Ribeiro Camelo, ex-vereador de Santa Terezinha e ex-Prefeito e vice-Prefeito de Campos Verdes. Segundo ele:

Diferentemente de Fernão Dias, Antonio Gusmão, um garimpeiro que procurava ouro na região de Santa Terezinha de Goiás, acabou por encontrar muito mais do que procurava, deparando-se com as preciosas pedras verdes, as esmeraldas (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

Assim, define José Ribeiro Camelo, o descobrimento das esmeraldas na região de Santa Terezinha de Goiás. Segundo ele a versão de que o patroleiro Diolino Gonçalves da Silva descobriu as esmeraldas, ao fazer o patrolamento da estrada que liga Santa Terezinha à Martinópolis, é bastante contraditória, pois na beira da estrada nunca foi encontrado nenhum veio de esmeraldas, pelo contrário, as esmeraldas descobertas estão no valetão, no trecho novo, na região do Netinho, mas nada foi encontrado onde dizem que ele as encontrou. José Ribeiro Camelo nasceu na região da Tiúba, mora na região do garimpo há mais de cinquenta anos.

Seguindo essa mesma versão, Izaqueu Antonio dos Santos, que também mora há tempos na região, uma vez que antes da descoberta do garimpo morava na cidade de Santa Terezinha de Goiás, também contradiz a versão de que foi patroleiro que fez as descobertas.

Eu ainda era muito jovem, tinha só 17 anos quando ouvi a notícia das esmeraldas, as pessoas diziam que o Antonio Gusmão tinha levado as pedras verdes para Minas Gerais, e lá em Teófilo Otoni viram que eram esmeraldas. Por isso que não levou nem uma semana e logo Santa Terezinha encheu de gente. Naquela época o patroleiro da Prefeitura era um galego, que tinha vindo trabalhar aqui nas máquinas do consórcio e resolveu ficar trabalhando aqui, o Diolino estava aprendendo com ele (Depoimento em entrevista, ago. 2005).

Para Esmeraldo Bailona, também morador da região desde antes do descobrimento do garimpo, o patroleiro Diolino realmente ajudou no descobrimento das esmeraldas, quando ele estava patrolando uma estrada vicinal, que dava acesso à fazenda do Senhor Joaquim Fulor. Segundo ele:

O Diolino patrolou a estrada e viu aquelas pedras verdes, apeou da patrôla, pegou um punhado e levou para Santa Terezinha, lá o Chico Moita e o

Antonio Gusmão, dois garimpeiros que estavam na região viram e pensaram que eram turmalinas. Levaram para Minas Gerais e de lá já vieram junto com mais de duzentos garimpeiros para invadir o garimpo. De um dia para outro mudou a vida de muita gente aqui na região (ESMERALDO BAILONA, depoimento em entrevista, jun. 2006).

Filemom Batista Ferreira, filho dos fundadores do município de Santa Terezinha de Goiás, confirma a versão de Esmeraldo Bailona:

O Diolino estava patrolando a estrada da fazenda do Joaquim Fulor, ele passou a lâmina da patola e viu aquele tanto de pedras verdes. Ora, pedras verdes são diferentes, então ele desceu, pegou um punhado e levou para Santa Terezinha. Só que ele mesmo nunca se interessou por garimpo. Passou aquelas pedras para frente e dias depois nós vimos Santa Terezinha ser invadida por um punhado de garimpeiros. (FILEMON B. FERREIRA, depoimento em entrevista, jun. 2006).

Na medida em que ouvia os depoimentos dos garimpeiros e antigos moradores, foi possível perceber que o tema da história do garimpo estava submetido aos demais, pois a vida individual fundia-se e confundia-se com a história dos garimpeiros, das siebeiras, dos comerciantes, enfim, os relatos buscavam colocar em relevo certas conexões entre trajetórias particulares e processos sociais, de um município em construção, em exploração e em transformação. E, é essa capacidade de transformar o mundo que torna os seres humanos, seres históricos, responsáveis pelo mundo em que vivem, “seres-no-mundo”, como afirma o educador brasileiro Paulo Freire (1996).

O passado era contado a partir de alguns traços considerados expressivos na vida atual do garimpo, numa reconstrução que valorizava elementos e personagens que representavam ou que poderiam estabelecer uma relação com o presente, como pode ser observado no depoimento de Silvino Martins, filho de um ex-prefeito de Santa Terezinha de Goiás. Para ele o garimpo teve outros descobridores antes do patroleiro Diolino, só que os mesmos não sabiam do que se tratava.

O garimpo veio através de um patroleiro, mas antes disso, meu pai que era Prefeito de Santa Terezinha<sup>22</sup>, montou um acampamento da Prefeitura ao lado da Serraria do Mané Caminhão, que ficava onde hoje é o garimpo. Eu era naquela época, cozinheiro desse acampamento e lá eu via os meninos do Mané Caminhão brincando com essas pedras verdes. Naquela ocasião tinha um garimpeiro de ouro na região chamando José Baianinho e esses meninos mostraram essas pedras para ele. Ele, que era um verdadeiro garimpeiro na região do Mato Grosso, não conhecia esse tipo de minério. Ai ele andava com essas com essas pedras no bolso, mas ninguém conhecia

---

<sup>22</sup>José Antonio Martins – ex prefeito de Santa Terezinha de Goiás.

o que era. Depois, na administração do Raimundinho<sup>23</sup>, o Diolino, patroleiro da Prefeitura, com a lâmina da patroleira acabou raspando em um monte de pedras verdes, ele pegou um lote, levou para Santa Terezinha e mostrou para um punhado de gente, entre eles o Antonio Gusmão, que também era garimpeiro de ouro na região, e que pensou que aquelas pedras verdes eram turmalinas. Ai ele, (Antonio Gusmão) levou as pedras para Governador Valadares, lá o povo conhecia e viu que eram esmeraldas, logo depois veio a invasão. (SILVINO MARTINS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Assim, foram recolhidas duas versões sobre a história do Garimpo, conforme foi mencionado anteriormente, com diferentes reconstruções históricas sobre sua origem e atores envolvidos. Segundo Eckert (1993, p. 13):

É na reflexão sobre a construção da identidade social que se reconhece o ritmo do cotidiano desse grupo de pertencimento na dinamização da sua memória sobre um passado e um presente que exprimem uma relação temporal vivida numa “ondulação dialética”.

Essas versões da história do Garimpo foram consideradas como narrativas que dialogavam entre si, enquanto buscavam refazer o passado. Para a maioria dos depoentes cabe ao patroleiro Diolino a descoberta das esmeraldas, porém, para os moradores mais antigos, o grande responsável pela descoberta foram os garimpeiros Antonio Gusmão, Chico Moita e João Mecânico, que levaram um lote de pedras para Minas Gerais e lá descobriram que eram esmeraldas.

### 2.3 A invasão

O garimpo foi invadido na semana Santa de 1981, em consonância aos depoimentos colhidos, foram chegando homens e mais homens das mais diversas regiões do Brasil.

Segundo o garimpeiro Domingão<sup>24</sup>, “a invasão, com mais de 40 homens, às terras do Sr. Antonio Gambira, foi fundamental para iniciar a exploração do garimpo, a gente tinha que invadir a terra para explorar as esmeraldas”. Quando lhe foi interrogado sobre quem descobriu o garimpo, preferiu não se pronunciar, confirmando que realmente existem duas versões. Ainda segundo ele:

Garimpeiro é bicho sem idéia, se souber que foi descoberto um garimpo novo, logo, logo ele arranja um punhado de homem, invade e já começa a explorar. Na mente do garimpeiro, até que a policia venha tirar ele de lá, já

---

<sup>23</sup> Raimundo Fernandes da Silva - ex prefeito de Santa Terezinha de Goiás.

<sup>24</sup> Domingos Barros – garimpeiro pioneiro de Campos Verdes.

deu prazo para saber se o garimpo vale a pena investir nele ou não. Agora, quem foi que descobriu isso aqui, eu não me lembro, naquela época estava tão interessado nas esmeraldas que não me preocupei em pensar quem descobriu ou não (DOMINGOS BARROS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Com relação ao proprietário das terras invadidas, Senhor Antonio Gambira, o mesmo preferiu vendê-las ao Senhor Paulo Japonês, na época, segundo os garimpeiros pioneiros, foi muito bem vendida com relação ao preço de terra na região, por outro lado, tendo em vista o valor incalculável de esmeraldas retiradas daquela região, as terras não foram vendidas. A casa da figura 01 é a casa da fazenda do senhor Antonio Gambira, primeira casa do garimpo, mesmo porque as vozes dos garimpeiros e siebeiras pioneiros disseram que durante muito tempo só existiam barracos de lona preta. Casas de alvenaria surgiram muito tempo depois.



Figura 1 – Primeira casa do garimpo – sede da fazenda do Senhor Antonio Gambira.

Fonte: Sonilda Aparecida

Segundo o garimpeiro Ditinho Gomides eles foram os primeiros que chegaram de carro, fazendo piquete na estrada para chegar na região do valetão, onde estão até hoje, junto com ele vieram também o senhor Manoel Gomides, o Sr. Joaquim Crente, dentre outros.

Quando nos chegamos aqui e começamos a explorar essa região nos ficamos admirados, era pedra demais. Logo, logo a gente já tava comprando carros, caminhões e mais área de serviço. A gente tinha tanta pedra, mas não valorizava. A gente não sabia direito o valor das esmeraldas, elas eram vendidas no litro. Se fosse hoje, com a minha experiência, eu estaria milionário. Pra você ter uma idéia, uma vez eu estava carregando um caminhão de xisto para o lavador, lá no Rio do Peixe, e você sabe naquela época as estradas eram muito ruins. O



caminhão quebrou, tentei arrumar, não dei conta, abandonei o caminhão lá mesmo. Hoje eu até sonho em voltar e buscar aquele caminhão de xisto. (BENEDITO A. MACHADO, depoimento em entrevista, mar. 2006).

As figuras 02 e 03 mostram o início do garimpo, com esmeraldas aparecendo no cascalho, do tipo afloramento, conforme dizem os garimpeiros. Nessa época ainda não existiam os grandes buracos e todos garimpavam: homens, mulheres, crianças e idosos, conforme pode ser observado. As figuras mostram bem como era a região do Valetão, com o garimpo a céu aberto.



Figura 2: Região do valetão – homens, mulheres, crianças e idosos garimpando a céu aberto, 1981.

Fonte: Luzinho.



Foto 03: Região do valetão – afloramento das esmeraldas, pessoas garimpando a céu aberto, 1981.

Fonte: Luzinho

### Segundo o Sr. Alcebíades Paiva Martins:

A primeira jazida descoberta foi a do valetão, foi do tipo afloramento, depois é que começou a ficar mais profunda, depois a do trecho velho, depois veio o trecho novo e assim por diante, junto com as descobertas vieram mais e mais garimpeiros, uns sozinhos, outros com famílias, formando do lado de baixo da rodovia a região de garimpo e os barracões de lona dos garimpeiros e do outro lado apenas a formação urbana. (ALCEBÍADES P.MARTINS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Jornais e revistas noticiavam sobre o garimpo das esmeraldas, quanto mais a notícia sobre o garimpo se propagava, mais aventureiros vinham tentar encontrar a sorte, o que pode ser confirmado pelos depoimentos a seguir:

Eu cheguei ao garimpo em 1981, eu morava em Itabira. Naquela época eu tocava o garimpo lá, na barraginha (MG), aí meu sócio foi lá e me falou desse garimpo, então eu falei: eu vou lá ver isso. Aí eu mandei um pessoal na frente para ver como era e cercar a área, lá no trecho velho. Quando eu vim pra cá eu já vim para trabalhar com todos os equipamentos, pá, enxadão, essas coisas, porque era afloramento, no capim mesmo apareciam as pedras, com o tempo nos começamos a descer um serviço. (ALCEBÍADES P.MARTINS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

### Outros garimpeiros confirmam essa invasão ao garimpo:

Eu cheguei mais no final do ano de 81. Estava indo para Belo Horizonte. Quando cheguei a Jaraguá ouvi falar desse garimpo, numa televisão instalada na rodoviária. De lá mesmo eu voltei. Logo comecei a trabalhar no garimpo. Depois eu comprei o hotel. Naquela época era hotel, hoje é dormitório (JOÃO B. LIMA, depoimento em entrevista, mar. 2006).

As figuras a seguir registram o grande número de garimpeiros na região, o que confirma o depoimento acima.



Figura 4 – Garimpeiros e siebeiros, 1982

Fonte: Foto do Alberto Careca



Figura 5 – Garimpeiros e siebeiros – região do Valetão, 1983

Fonte: Sonilda Aparecida

Os garimpeiros chegavam todos os dias. Segundo Macedo (2000, p. 29): “O mito do garimpo, como o lugar em que a sorte traz mudanças para melhor, e a fantasia de uma vida mais tranqüila justificavam os caminhos tortuosos e os esforços sobre-humanos”. É o que explica a vinda de pessoas de regiões distantes, trazendo apenas a boroca<sup>25</sup> nas costas. Naquela época não havia asfalto. As estradas eram ruins. Em época de chuva gastavam-se dias para chegar. Eles chegavam montavam seus barracos de lona de plástico preta e ali se instalavam. Segundo as vozes pioneiras era uma situação até contraditória a forma como os garimpeiros se acomodavam, pois não se importavam com o tipo de barraco, mas, em muitos casos, do lado de fora estava estacionado um carro zero.

Junto com os garimpeiros vieram também as mulheres, como é o caso da siebeira Martinha, que chegou logo no início do garimpo e que sieba até hoje, segundo ela:

Eu vim pra cá ainda jovem, sonhava em ficar rica. Enfrentei muitas dificuldades aqui. Hoje eu vejo que foi ilusão, passei vinte e cinco anos de minha vida aqui. Se eu bamburrei, claro que sim, mas também gastei tudo. Gosto de tomar minhas biritas, mas é só no final de semana. Durante a semana trabalho sem parar. Sempre me sustentei, sempre trabalhei (MARTINHA, depoimento em entrevista, dez. 2005).

---

<sup>25</sup> Mala de viagem.

Como Martinha, muitos outros vieram das mais diversas regiões de nosso país, com o desejo de enriquecerem e melhorarem de vida: senhoras donas de casa que acompanhavam os maridos, prostitutas, farmacêuticos práticos, professores, mecânicos, comerciantes, dentre muitos outros profissionais que ali se estabeleceram em busca de melhores condições de vida. Muitos conseguiram bamburrar rapidamente, mas a maioria teve que lutar e trabalhar duro para sobreviver.

O depoimento do Senhor Manoel complementa o depoimento da Siebeira Martinha:

Eu cheguei em 81, junto com o Gildásio. Vim da Bahia. Eu ainda era muito jovem, vim sozinho, depois fui mandando buscar a família. Era pedra demais nesse garimpo. Peguei muitas pedras boas. No início aqui vendia as esmeraldas no litro. Não olhava as qualidades e sim a quantidade. Os donos de cortes juntavam as esmeraldas naqueles tambores de colocar leite. Enchia um tambor e fechava com cadeado. Foi bom pra todo mundo, todos ganhavam dinheiro. (MANOEL SATINHO, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Foi possível perceber pelas vozes dos moradores, que o Senhor Manoel Satinho é considerado como um dos garimpeiros “inteligentes” da região, que soube guardar e investir o dinheiro ganhado nos bons tempos de garimpo. Sendo proprietário de várias fazendas e do posto de gasolina, ele e o senhor Baíto estão no imaginário social como dois homens que souberam aplicar muito bem o dinheiro que ganharam. O senhor Manoel Satinho, na época dessa pesquisa ainda continuava morando em Campos Verdes e o senhor Baíto na cidade de Santa Terezinha de Goiás.

A figura 06 mostra capangueiros, crianças e siebeiros(as) que passavam o dia procurando pedras nos bagaços jogados fora.



Figura 6 – Garimpeiros e siebeiros – região do Valetão, 1984

Fonte: Sonilda Aparecida

O garimpo é assim, trabalham crianças, jovens, adultos e idosos. Todos querem encontrar a pedra que mudará suas vidas. Primeiro vem o garimpeiro, alguns desde o início para fazer parte da invasão às terras mineralizadas. Depois buscam as famílias, avisam aos amigos e dessa forma logo é formado um novo povoado. As vozes dos garimpeiros revelaram que todos os dias aos saírem de suas casas, para o trabalho, pensam que aquele dia será o dia do bamburro. Quanto ao valor que o trabalho significa para os garimpeiros, Cornélia Eckert (1993, p.12) aponta que:

A mina, o trabalho na mina, a grande família mineira são temáticas entre tantas outras para presidir a construção social da identidade do grupo. O 'valor-trabalho' considera a inscrição do grupo em tempos e espaços vividos e pensados como encompassadores da coletividade, pela comunhão de 'um modo de pertencimento diverso daquele que qualifica a sociedades moderna e sua relação com os seus sócios livre contratantes'.

Desde os primeiros encontros os garimpeiros narraram suas trajetórias de vida, em diferentes espaços temporais, relatando o tempo considerado do bamburro ou o tempo do blefo, reconstituindo o vivido no passado, quando as esmeraldas eram fartas e o garimpo significava mais do que um meio de trabalho, era toda uma razão de existência e de composição de redes de relações. Porém, pensar o presente significa rememorarem os tempos difíceis, os amigos que se foram, enfim, o tempo presente é marcado pela dificuldade de se encontrar as esmeraldas.

## **2.4 Pioneiros de Campos Verdes**

Quanto ao seu contexto histórico, vale aqui ressaltar seus pioneiros. Segundo o livro didático elaborado da Secretaria Municipal de Educação de Campos Verdes, no ano de 1990, pela Senhora Norma Machado Mendes e os colaboradores Filemon Batista, Maria Elizabete Mesquita Franco e Sonilda Aparecida de Fátima, no ano de 1990, diz que:

O primeiro comércio de secos e molhados foi do senhor José Lino; O primeiro padeiro foi o senhor Darci Pereira Pinto; As primeiras cozinheiras foram: Pretinha e Mariana; A primeira casa pertencia ao senhor Paulo Japonês, que na verdade era coreano; O primeiro médico foi Dr. Virmondos Vieira Machado, que instalou o primeiro hospital no garimpo de esmeraldas

em 1983. Os primeiros professores foram o Sr. Edmundo (Raimundo Araújo Franco) e sua filha Maria Elizabeth Mesquita Franco (SME, 1990).

Em 23 de outubro de 1983 foi inaugurada a sede da Escola Municipal Luiza Ramos de Menezes, de 1ª à 4ª série, tendo como diretor o Sr. Raimundo Araújo Franco, e como Secretária Geral Maria Elizabeth Mesquita Franco, segundo ela:

Nós chegamos aqui em 1981, logo meu pai falou: precisamos de uma escola, meus filhos não podem parar de estudar. Ele arranhou um lote aqui na frente, colocamos uma cobertas tapando o sol, e falamos que ali seria a primeira escola. Eu fui a primeira professora aqui. Eram tantos alunos, de 1ª à 4ª série e todos juntos. Logo nos vimos que daquele jeito não funcionaria, pois era aluno demais. Meu pai então foi atrás do Fernando Soares, que era prefeito de Santa Terezinha, e pediu para ele fazer uma escola aqui para atender aos filhos dos garimpeiros que haviam se mudado para cá. (MESQUITA FRANCO, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Em 1985, foi criada a Escola Estadual Edmundo Rocha, de 5ª à 8ª série, funcionando à noite no prédio da Escola Municipal Luiza Ramos de Menezes. Ainda em 1985, foi inaugurada a sede própria da Escola Estadual Edmundo Rocha, a única que lecionava de 1ª à 8ª série tendo como diretora Sonilda Aparecida de Fátima e Secretário Geral o Sr. José Maurício Mendes. Vale aqui ressaltar as vozes dos gestores com relação à dificuldade para arrumar professores, pois a maioria das pessoas que vinham para lecionar, quando conheciam o garimpo e viam a facilidade em garimpar e provavelmente bamburrar no garimpo, não queriam ser professor. Logo desistiam “de ser professor e iam para o garimpo. Quando o garimpo piorava eles vinham de volta, mas era só o garimpo melhorar que eles sumiam de novo” (PISSARO, depoimento em entrevista, mar. 2006).



Figura 7 - Dia de inauguração da Escola Estadual Edmundo Rocha, 1985.

Fonte: Sonilda Aparecida.

As primeiras igrejas foram a Assembléia de Deus, a Igreja Católica e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O Pastor Francisco guarda em sua memória o orgulho do pai ser um dos pioneiros de Campos Verdes:

Quando meu pai resolveu mudar para cá, aqui só tinha o garimpo e casas de lonas pretas. Meu pai logo deu um jeito de trazer um Pastor de Rubiataba para fundar aqui uma igreja da Assembléia de Deus. Depois meu pai viu que a gente não podia ficar sem escola, começamos a estudar debaixo de uma coberta que tampava o sol. Logo meu pai conseguiu com o Prefeito de Santa Terezinha, levantar a primeira escola. Foi meu pai também que fez o primeiro loteamento, aqui do lado de cá da avenida. Meu pai era um desbravador. (ARAÚJO FRANCO, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Em 1º de novembro de 1981, foi aberta e criada a Igreja Assembléia de Deus, pelo Pb. Massur Silva e o Diácono Raimundo Araújo Franco, sendo que em 1985 foi inaugurado o prédio novo, com grandes instalações, o qual tornou-se referencial para o culto de formatura (do Ensino Médio) e também para a posse dos prefeitos e vereadores, pois era o maior prédio da cidade.



Figura 8 - Dia da inauguração do novo prédio da Igreja Assembléia de Deus, 1985.

Fonte: Pastor Francisco Mesquita Franco

Durante as narrativas foi possível perceber o contexto histórico em suas falas, pois os moradores guardam em suas memórias muitas histórias do contexto político de Campos Verdes.

A gente mora ainda aqui porque a gente gosta demais de Campos Verdes. A gente ajudou até a emancipar esse garimpo. O primeiro prefeito aqui foi o Dr. Virmondês. A gente gosta demais dele. Um dia, no ano de 87 ele foi lá na nossa sieba e perguntou pra nois se nois ajudava ele a emancipar esse garimpo. Nois disse que sim, porque ia melhorar pra gente. Ele lutou, emancipou e ganhou para prefeito. Lembro bem que ele tomou posse lá na Igreja Assembléia de Deus, que era a maior daqui. Ele foi um bom prefeito. Ele perguntou o que a gente queria, eu não quis nada, naquela época o garimpo era tão bom que gente não precisava de prefeitura não (MARIA A. DE JESUS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Esse depoimento mostra a fase áurea do garimpo nos anos de 80, evidencia também a fase da emancipação, tendo Campos Verdes como primeiro prefeito o Dr. Virmondês Vieira Machado (Médico), um dos idealizadores da emancipação do garimpo. Dr. Virmondês veio para o garimpo em 1983 e ali instalou o primeiro hospital. Segundo ele:

Logo percebi o desejo dos moradores em emancipar o povoado do garimpo, pois reclamavam da falta de assistência da Prefeitura de Santa Terezinha que ficava distante e não via as necessidades dos que moravam no garimpo. Lutei muito por isso. Vencemos. (VIRMONDES D. MACHADO, depoimento em entrevista, mar. 2006).





Figura 9: Dr. Virmondes Vieira Machado, prefeito eleito, no dia da posse, 1989.

Fonte: Sonilda Aparecida

O “garimpo” como era conhecido, pertencia ao Município de Santa Terezinha de Goiás. Segundo Fernando Soares, nascia na mente de alguns moradores a idéia de libertar-se de Santa Terezinha, ou seja, emancipar-se, tornar-se município.

Por intermédio das vozes dos moradores de Campos Verdes foi possível conhecer a mobilização dos diversos segmentos sociais em prol da emancipação. Foi feito o plebiscito para a emancipação, o qual teve 90% (noventa por cento) de sim para a emancipação. Após o plebiscito, o “garimpo” passou a denominar-se CAMPOS VERDES, tornando-se município pela Lei 10. 401 / 87 de 30 de dezembro de 1.987. Em 1988, foi fundado o 1º Diretório político em Campos Verdes, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), tendo como o 1º presidente o Dr.

Virmondés Vieira Machado, que logo após candidatou-se a prefeito, ficando em seu lugar o Sr. Renato Gonçalves de Carvalho, popular Renatão.

Nessa época os interesses políticos eram divergentes, por um lado os moradores de Campos Verdes que almejavam a emancipação, para que junto com a mesma viessem a infra-estrutura necessária à uma cidade; por outro lado os interesses dos moradores da cidade de Santa Terezinha que não queriam dividir seu território. O depoimento do Sr. Fernando Soares, ex-prefeito do município de Santa Terezinha de Goiás, confirma o momento histórico vivido durante a época do plebiscito:

Eu era prefeito de Santa Terezinha, município do qual o garimpo fazia parte. Naquela época eu vivi uns momentos difíceis, por um lado os meus companheiros daqui de Santa Terezinha que faziam pressão para eu não deixar emancipar aquele garimpo; por outro lado o pessoal lá do garimpo que haviam também se tornado meus amigos e que me pediam para ajudar na emancipação. Não teve jeito, o jeito era o plebiscito, e que o povo decidisse. Naquela plebiscito teve 90% dizendo que queriam a emancipação, eu tive que acatar o desejo do povo (depoimento em entrevista, mar. 2006).

## 2.5 Localização

Campos Verdes localiza-se na microrregião de Porangatu, compondo a II mesorregião do norte goiano. Compõe essa microrregião os seguintes municípios:

**Tabela 1 – Microrregião de Porangatu**

<b>004 – PORANGATU</b>	
Alto Horizonte	Montividiu do Norte
Amaralina	Mutunópolis
Bonópolis	Niquelândia
Campinaçu	Nova Iguaçu de Goiás
Campinorte	Porangatu
Campos Verdes	Santa Tereza de Goiás
Estrela do Norte	Santa Terezinha de Goiás
Formoso	Trombas
Mara Rosa	Uruaçu

Minaçu	
--------	--

Fonte. SME Campos Verdes, 2005.

A sede do município está situada há 410 Km (quilômetros) de Brasília e há 320 Km de Goiânia, conforme pode ser observado nos mapas a seguir:



Figura 10 – Mapa do Estado de Goiás dividido em microrregiões

Fonte: SME Campos Verdes

O mapa da figura 11 mostra a cidade de Campos Verdes, na Microrregião de Porangatu.



Figura 11 – Mapa dos Municípios que compõem a Microrregião de Porangatu.

Fonte: SME Campos Verdes

## 2.6 A primeira legislatura

Em pesquisa junto à Câmara Municipal de Campos Verdes verificou-se que a primeira legislatura foi composta pelos seguintes membros:

**Tabela 2 – Componentes da Primeira Legislatura**

<i>Dr. Virmondes Vieira Machado</i>	Prefeito Municipal
<i>Dionísio Pereira dos Santos</i>	Vice Prefeito
Vereadores	
<i>Sebastião R. de Assunção</i>	Presidente da Câmara
<i>Alzenir Mendonça da Silva</i>	Vice – Presidente
<i>Sonilda Aparecida de Fátima</i>	1ª secretária
<i>Joaquim Leonardo da Silva</i>	2º secretário
<i>Jaime de Souza Neves</i>	
<i>José Sálvio de Melo</i>	
<i>Matuzalém de Lima Veloso</i>	
<i>Adolfo Bezerra de Souza</i>	
<i>Valdeci Almeida da Silva</i>	

Fonte: Câmara Municipal, 1989.

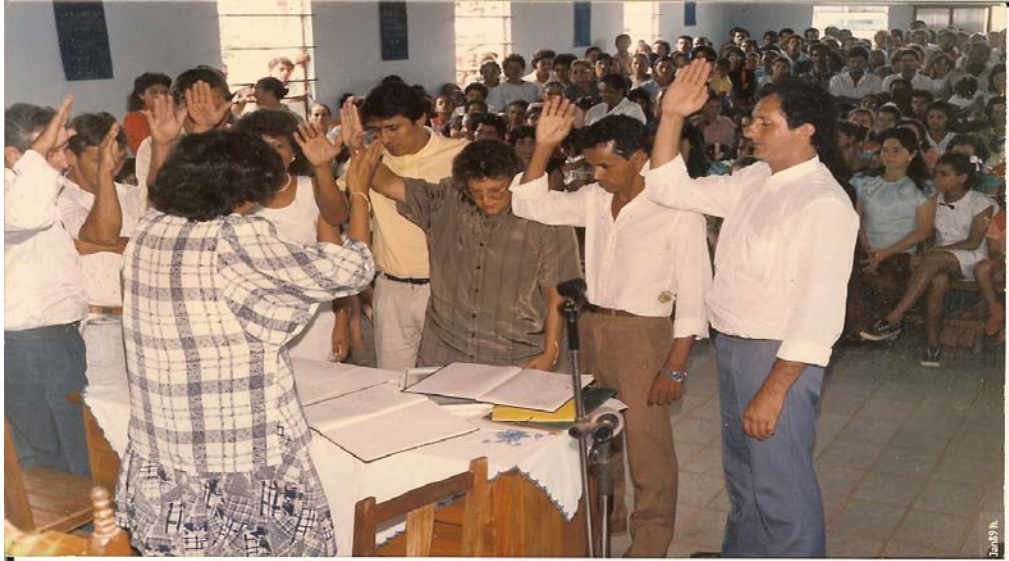


Figura 12 - Primeira legislatura - juramento de posse, 1989.

Fonte: Sonilda Aparecida

A figura 12 mostra o dia da posse da primeira legislatura do município de Campos Verdes, nas memórias sociais, esse dia está guardado com orgulho, todos os entrevistados se lembram da posse no prédio da Igreja Assembléia de Deus, no dia primeiro de janeiro de 1989. Para eles a emancipação representava a liberdade, a Prefeitura mais próxima deles e a facilidade para ali fazerem as suas reivindicações.

## 2.7 A população

O município de Campos Verdes possuía, na década de 80, no auge da exploração de esmeraldas, uma população de aproximadamente 30.000 (trinta mil) habitantes, sendo 25 (vinte e cinco mil) mil na zona urbana e 4.000 (quatro mil) na zona rural, até os meados da década de 90, porém com a decadência do garimpo de esmeraldas esta população diminuiu consideravelmente. Hoje, de acordo com o censo do IBGE (2005) Campos Verdes possui uma população de 2.674 habitantes, sendo que na última eleição Campos Verdes (2004) contou com 5147 eleitores votantes. Esse número de votantes da última eleição em Campos Verdes evidencia que as pessoas que ali moraram ainda alimentam o desejo de voltarem, caso o garimpo volte a produzir em grande escala como antes, o que pode ser comprovado pelo depoimento da ex-vereadora Cássia Regina Mendes da Silva:

Eu voto em Campos Verdes, sempre votei e vou votar até o fim da minha vida. Não transfiro meu título de lá, pois eu sonho que um dia aquele garimpo vai voltar ao que era e imediatamente eu volto para lá. Só mudei porque tinha que sustentar minha família e lá estava ficando muito difícil (depoimento em entrevista, mar. 2006).

A tabela 03 confirma esse depoimento, pois tendo uma população de apenas 2 675 (vide tabela 03) Habitantes, Campos Verdes contou com 5.147 eleitores votantes, na última eleição.

**Tabela 03 –Eleição municipal de 2004**

<b>Nome do candidato e votos válidos</b>	<b>Número de votos obtidos</b>
NOE AFONSO FILHO	2.421
HYLO MARQUES	1.688
Eleição municipal - Votos válidos	4.709
Número de eleitores	5.147

Fonte: TRE – Tribunal Regional Eleitoral, 2004

As vozes dos atuais moradores de Campos Verdes evidenciam que com a desativação de várias minas de garimpo, a população foi diminuindo cada vez mais, conforme pode ser verificado nos censos demográficos realizados pelo censo do IBGE<sup>26</sup>:

**Tabela 04 - IBGE 1996 - População residente, por sexo e população cedida, segundo o código e o município – Goiás.**

<b>MUNICÍPIO</b>	<b>POPULAÇÃO</b>		
	População total	Homens	Mulheres
Campos Verdes 1996	13055	6834	6221

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico, 1996.

---

<sup>26</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**Tabela 05 - IBGE 2005 - População segundo o código e o município - Goiás**

População e Domicílios - <b>Censo 2000</b> com Divisão Territorial 2001		
<b>Campos Verdes – GO</b>		
Pessoas residentes - resultados da amostra	<b>8.057</b>	Habitantes

Fonte: IBGE, Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2001

**Tabela 06 - IBGE 2005 - População segundo o código e o município - Goiás**

<b>Campos Verdes – GO</b>	
População estimada 2005 em 01.07.2005	2.675
Área da unidade territorial (km <sup>2</sup> )	442

Fonte: IBGE, 2006.

O depoimento do ex-vereador, José Mauricio Mendes, confirma a decadência do garimpo e também o desejo de retornar para Campos Verdes:

A gente foi vendo esse garimpo aumentar cada dia mais, aqui teve época de ter mais de umas vinte mil pessoas, isso foi de 81, 82 ate 95, 96 mais ou menos. Depois a gente foi vendo o garimpo ir acabando. Mesmo tendo se emancipado, se tornando Campos Verdes, a gente foi vendo o garimpo arruinando, o povo mudando, cada dia menos gente ia ficando. Quando o Mocofaia foi prefeito ele queria melhorar o garimpo, mas não deixaram, logo virou uma brigaiada e tiraram ele da Prefeitura. O Bocão<sup>27</sup> assumiu, mas não deu tempo nem para a cadeira esquentar. Quando o Dr. Hylô assumiu a Prefeitura a gente pensou que pelo menos o garimpo ia melhorar, nas na verdade só melhorou na administração do Haroldo, que trouxe as sondas e reativou várias minas de esmeraldas, mas tão logo ele saiu piorou tudo de novo. Eu mesmo tive que ir embora, senão a família ia passar necessidades. Mas assim que melhorar eu volto. Campos Verdes é a minha cidade de coração, não nasci lá, mas aprendi a gostar de lá e do povo esmeraldino (depoimento em entrevista, mar. 2006).

É perceptível nos depoimentos dos moradores, que ali ficaram, a preocupação em ressaltar as relações através das quais vieram para o garimpo e a estabilidade dos mesmos, como um indicador da rede social que cultivam e de como a partir dela se situam e se qualificam no município de Campos Verdes. Ao fazê-lo,

<sup>27</sup> Eduardo José da Silva Neto era popularmente conhecido por Bocão.

estão construindo sua identidade como verdadeiros esmeraldinos, quer sejam garimpeiros, siebeiras, comerciantes, etc, cada categoria com seus valores. Esse sistema de relações é que Cardoso de Oliveira (1976) chamou de "cultura do contato" "com graus de sistematização e consistência entre valores diferentes que coexistem na mesma cultura".

Os *moradores antigos* são também os mais influentes, os principais formadores de opinião no bairro e/ou aqueles que legitimamente aspiram aos ou detêm os cargos de representação comunitária e política.

Moradores novos? Muito difícil, aqui ficaram os que não deram conta de sair, os donos de minas, os professores, os funcionários da prefeitura, os guincheiros, cortadores e furadores que já estão empregados, as siebeiras, enfim, acredito que só virão novos moradores quando descobrirem novos veios de esmeraldas e o garimpo melhorar (JOSÉ M. MENDES, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Torna-se necessário refletir sobre essa imagem de José Mauricio Mendes e entendê-la a partir da realidade de Campos Verdes. A maioria das pessoas teve que se mudar, em busca de outros garimpos ou de outras profissões, como é o caso dele próprio que teve que ir para fora do Brasil trabalhar em fábricas de reciclagens, na Irlanda, para sanar suas dívidas de garimpo.

Tal como José Maurício, muitos outros também se foram. Vale destacar os ex-vereadores: Emidio Vicente de Souza (Portugal), Sebastião Silva Duarte (Espanha); o ex-prefeito Virmondes Vieira Machado (EUA); A Ex-primeira dama Fátima Naves (EUA), o ex-vereador Shirley Campos que foi para EUA e lá ficou durante seis meses. Esses são exemplos de representantes políticos, porém os depoimentos dos que ficaram disseram que muitos outros também tiveram que sair do Brasil em busca de melhores condições de vida.

## **2.8 O contexto político e o primeiro impeachment do município**

As vozes dos moradores mostraram que o prefeito que sucedeu ao Dr. Virmondes, o Sr. José Gomes da Silva<sup>28</sup>, que era Presidente da Cooperativa dos Garimpeiros, o qual tomou posse em 1º de janeiro de 1993, foi cassado, sofrendo

---

<sup>28</sup> Popularmente conhecido por Mocofaia.



impeachment no ano de 95. Em seu lugar assumiu o Vice – Prefeito: Sr. Eduardo José da Silva Neto, porém, segundo os depoimentos, as brigas políticas permaneceram e acabaram afastando também o Sr. Eduardo, acusado de crime Eleitoral. Em seu lugar foi empossado Adolfo Bezerra de Souza, o qual havia perdido a eleição para o Sr. José Gomes (Mocofaia) e que ficou em segundo lugar. O Senhor Adolfo também sofreu impeachment, acusado de crime de desvios de verba. Em seu lugar assumiu José Ribeiro Camelo, que era vice-prefeito na chapa do Adolfo.

Verifica-se que Campos Verdes tem uma política bastante movimentada. Nas eleições de 1996, concorreram o Sr. Haroldo Naves e o Sr. Hylo Marques, tendo logrado vitória o Sr. Hylo Marques, que havia sido Delegado de Campos Verdes, durante o período de violência e que acabou ficando com a fama do Delegado que acabou com os tiroteios.

Essa narrativa conta um pouco do contexto político:

Olha, em 2000 quando teve aquela eleição ente o Hylo e o Haroldo a gente tinha que ficar caladinha. Não podia dizer em quem ia votar, lá no fundo do coração a gente já sabia que ia votar no Haroldo, mas a gente tinha muito medo do Dr. Hylo. O povo falava que se ele perdesse a eleição ele ia fazer igual daquela vez que ele perdeu e que foi lá para o trecho e saiu batendo e prendendo muita gente. Então o jeito era ficar calada. No dia da eleição eu levantei cedinho, fui lá e marquei Haroldo com o coração tremendo, e pedi a Deus para ele ganhar, porque eu sabia que ele ia ser bom para o garimpo, e foi mesmo, ganhou até um prêmio. (M.A.S.F. depoimento em entrevista, mar. 2006).

No depoimento coletado percebe-se um processo de memória dolorosa. Segundo Bérghson (1989, p. 41): "toda dor consiste, portanto num esforço, e num esforço impotente", ou seja, cada "flash" de memória do fato reedita todas as sensações do momento, demarcando a impotência do sujeito à dominação da violência, completando a memória dos sentimentos de reação subseqüentes, ressaltando que, mesmo depois desse processo doloroso, a depoente fez questão de manter sigilo quanto ao seu nome. Ainda com relação a esse mesmo depoimento, o prêmio a que essa siebeira se refere, trata-se do prêmio Prefeito Empreendedor lançado pelo SEBRAE. Assim que Haroldo Naves Soares tomou posse na prefeitura, no ano de 1997, e implantou o Programa de Desenvolvimento Sustentável de Campos Verdes, enviou o seu Projeto de Governo para o Concurso do SEBRAE, tendo ganhado o Prêmio Prefeito Empreendedor no ano de 2002, no qual constam cinco princípios básicos:

- Levantamento geológico da reserva, seguido da criação de um centro de lapidação e artesanato mineral. O estudo geológico comprovou que a reserva de esmeraldas ainda estava praticamente intacta e era uma das maiores de todo o mundo;
- Criação do centro de geotreinamento e estruturada a cadeia produtiva, visando à exploração do turismo mineral;
- Incentivos de investidores da iniciativa privada, pois as esmeraldas, de acordo com o mapeamento geológico, estavam a até 400 metros de profundidade, necessitando de maquinário específico para sua extração. De imediato, foram reativadas 29 minas das 40 existentes no auge na exploração;
- Buscar formas de evitar que as grandes corporações monopolizem a extração, evitando a concentração de renda, a orientando as mineradoras a comercializar parte da matéria-prima da esmeralda, o xisto, ainda em estado bruto, com os garimpeiros informais;
- Promover a Feira das Esmeraldas para que o dinheiro volte a circular no município (PROJETO DE GOVERNO, 2002).

Durante a administração de Haroldo Naves foi criado ainda um centro de geotreinamento e estruturada a cadeia produtiva, visando à exploração do turismo mineral. O estudo geológico comprovou que a reserva de esmeraldas ainda estava praticamente intacta e era uma das maiores de todo o mundo.

Segundo o minerador João Siqueira, popular João Beleza, quando Haroldo Naves comprovou o potencial da reserva, buscou, por meio de incentivos, investidores da iniciativa privada, pois as esmeraldas, de acordo com o mapeamento geológico, estavam há até 400 metros de profundidade, necessitando de maquinário específico para sua extração. De imediato, foram reativadas 29 minas das 40 existentes no auge na exploração. Essas minas passaram a empregar cerca de 400 trabalhadores diretos e 1,2 mil indiretos. Atualmente apenas cinco minas estão sendo exploradas, ocasionando desemprego e esvaziamento da população campos verdense.

## **2.9 As dificuldades enfrentadas no início do garimpo**

Os depoimentos dos pioneiros mostram as dificuldades enfrentadas pelos garimpeiros no início do garimpo, pois o afloramento era explorado rapidamente e logo os garimpeiros começavam a descer serviço, ou seja, a explorar cavando um tipo cisterna da boca larga.

No início aqui era muito difícil, naquela época o material subia no couro de boi, cutia o couro, fazia tipo um quadrado com furos, e botava as cordas e era ali que a gente subia o xisto. Com o tempo, os baianos chegaram e

começaram a usar as caçambas<sup>29</sup>, aí a gente subia mais material, eles ensinaram a gente também a fazer umas caixas de madeiramento que era mais segura. Para subir esse material primeiro começou no sari (manual), depois o guincho, que era tocado a motor estacionário (gerador), esses guinchos do início eram de pouca potência, só comportava um trezentos quilos, depois é que vieram os mais potentes, de 500 K, 1000K [...] (SILVINO MARTINS, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Essa versão do couro de boi foi confirmada também pelo depoimento do Senhor Manoel Satinho:

Quando eu cheguei aqui os garimpeiros tiravam o xisto dos buracos nos couros de boi. Curtia o couro e dele fazia uma espécie de capanga grande para subir por ele os xistos. Depois com a chegada dos baianos que tinham mais experiência com garimpo de esmeraldas, por causa do garimpo da Carnaíba, começaram a fazer as caçambas de pneu de caminhão, dessa forma a produção retirada das minas aumentaram (depoimento em entrevista, mar. 2006).

A atividade garimpeira contribuiu para a formação do novo município e a construção social de Campos Verdes não concerne exclusivamente aos garimpeiros, mas também a um grande número de mulheres e comerciantes que vinham ali instalar seus comércios.

O depoimento de Jaime da Silva Neves, o Jaiminho da Farmácia, mostra também as dificuldades enfrentadas:

Eu vim logo no início. Só tinha barracos de lona preta. Instalamos uma farmácia lá no trecho, pois logo vi que adoecia muita gente aqui. Naquela época não tinha esse negócio de farmacêutico assinar. Bastava ter dinheiro para comprar os medicamentos e entender um pouco dos remédios. Foi muito difícil, não tinha água, não tinha luz, na realidade só tinha muita gente e muita esmeraldas também. Isso prendia a gente aqui (depoimento em entrevista, jul. 2006).

Alzenir e Jaiminho construíram suas vidas, na região do garimpo, como profissionais da área da saúde, participando também da construção da cidade, desfrutando de grande prestígio, sendo que os mesmos na época da emancipação foram eleitos vereadores do município de Campos Verdes.

Daniel Omar, outro grande comerciante, comenta também as dificuldades vivenciadas no início do garimpo:

Cheguei aqui vendendo botinas nas costas. Vi as necessidades dos garimpeiros com relação aos materiais. Comecei a trazer botinas de borracha, carrinhos de mão, pá, picaretas, fios... fui vendo o que eles precisavam e acabei montando um supermercado (depoimento em entrevista, jul. 2006).

---

<sup>29</sup> As caçambas eram feitas de pneu de caminhão, tipo uma bacia funda que cabia o xisto, chamavam de caçamba ou boroca.

De acordo com os relatos outra grande dificuldade vivenciada foi com relação à luz elétrica. No início era por motor estacionário, sendo que todos pagavam uma taxa ao dono do motor (de propriedade particular). A energia era desligada às 10 (dez) horas da noite. Quando a desligavam só se ouvia tiros. Reinava a violência. Os depoimentos mostram que essa era a hora mais temerosa.

Garimpeiro não tem medo de descer em buraco nenhum. A gente todo dia sai do Brasil<sup>30</sup> e vai para o Japão<sup>31</sup>, mas naquela época, quando desligavam as luzes a gente sentia medo. Era muito tiro. Dava vontade de virar tatu e esconder na terra pra livrar dos tiros. Muitos amigos meus morreram. (MOITA<sup>32</sup>, depoimento em entrevista, mar. 2006).

José Mauricio Mendes, comerciante e ex-vereador do município de Campos Verdes também guarda a imagem sofrida desses tempos, em que faltava quase todo tipo de infra-estrutura para o garimpo.

Telefone não tinha, só na cidade mais próxima, Santa Terezinha. Escola também não. Com o tempo as melhorias foram chegando mas, apesar de todas essas dificuldades as esmeraldas eram fartas. Isso nos prendia aqui. A cidade cresceu. Vieram as escolas, a luz elétrica, o telefone e um belo dia chegou até o asfalto, porém cada vez mais as pedras iam ficando difíceis (depoimento em entrevista, jul. 2006).

Assim, a atividade garimpeira foi responsável pelo povoamento do garimpo, futuro município de Campos Verdes, pois mesmo com as dificuldades enfrentadas, as pessoas lá permaneciam, a cidade foi adquirindo infra-estrutura e as pessoas foram ficando. No imaginário social a esperança de que o garimpo voltará a ser como era, tipo afloramento, não existe, porém acreditam que existem grandes filões de esmeraldas, os quais ainda estão a explorar, dessa forma muitos se mantêm ali, na certeza de que irão ver ainda muitas esmeraldas da região.

## **2.10 O mapa geológico da reserva de esmeraldas de Santa Terezinha**

O mapa a seguir é resultante de uma tese de mestrado, do mestre João Carlos Biondi, publicado na Revista Brasileira de Geociências (1990), no qual mostra o mapa geológico da reserva de esmeraldas Santa Terezinha, que faz parte do município de Campos Verdes.

---

<sup>30</sup> Brasil para o garimpeiro é o lado de fora da mina.

<sup>31</sup> Japão para os garimpeiros significa no fundo da mina.

<sup>32</sup> Prefere ser identificado dessa forma.

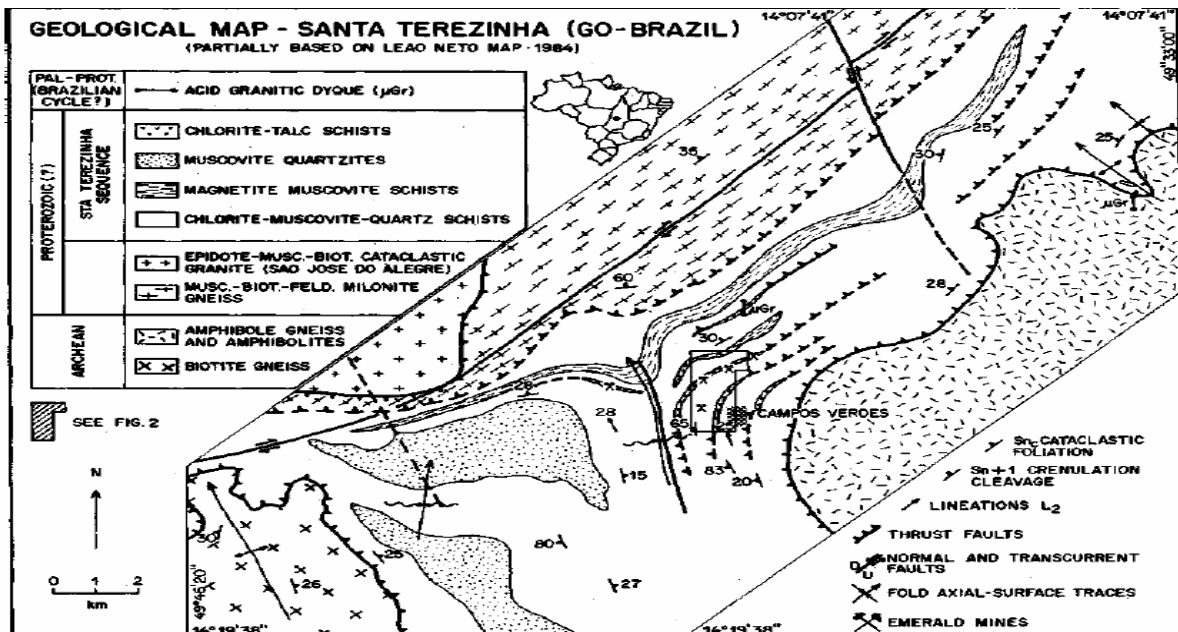


Figura 13 – Mapa da Reserva Garimpeira

Fonte: Revista Brasileira de Geociências, 1990.

Segundo Biondi (1990, p. 28):

A primeira lavra de esmeralda em Santa Terezinha foi feita a céu aberto no chamado "canoão". (...) No que concerne à morfologia, há cinco tipos de corpos mineralizados nos depósitos de Santa Terezinha. O tipo mais comum tem morfologia complexa, consequência de diversas fases de dobramento e falhamento que deformaram as rochas da região.

Conforme foi visto antes, o garimpeiro Domingão foi um dos pioneiros, sua mina de esmeraldas era uma das maiores produtoras de esmeraldas na região de Santa Terezinha, seguida da EMSA, Toninho Paulista, Coronel Mourão, Gaúcho (Elair Becker), Celestino, Manoel Gomides e outros.

No que concerne à morfologia, segundo Biondi, há cinco tipos de corpos mineralizados nos depósitos de Santa Terezinha. O tipo mais comum tem morfologia complexa, consequência de diversas fases de dobramento e falhamento que deformaram as rochas da região. Na Mina Domingos, o minério é uma rocha xistosa composta essencialmente por talco, biotita e carbonato ou biotita e talco<sup>33</sup>. Há esmeralda também, em menor quantidade, nas encaixantes das rochas

<sup>33</sup> É o que os garimpeiros chamam de xisto.

carbonatadas, geralmente um carbonato-clorita quartzo xisto ou um clorita-biotita xisto ou um biotita-clorita xisto.

Ainda conforme Biondi na Mina Paulista (ou "Toninho Paulista"), há 31 metros da superfície, o corpo de minério é plano, pouco inclinado, com boa continuidade lateral. Os maiores teores de esmeralda estão em rochas xistosas compostas essencialmente por carbonato e talco com biotita e quartzo associados. O minério rico é envolvido por biotititos ou clorita biotititos com ou sem quartzo e com pouco carbonato.

## 2.11 Bamburros e blefos na região das esmeraldas

O Sr. Domingo Barros, popularmente conhecido por Domingão, foi um dos garimpeiros melhores sucedidos na década de 80 e meados da década de 90, atualmente enfrenta grandes dificuldades financeiras. Segundo ele:

Eu peguei pedras boas demais. Bamburrei mesmo. Eu comprei uma enorme fazenda aqui na região. Uma ou duas vezes por ano eu fazia a capação de boi, era mais de mil bois capado naquele dia. Mandava vir barris e barris de chope, chamava os meus amigos e era carne e bebida para todo mundo. Sempre gostei de me divertir, de ser feliz. O garimpo me proporcionava essas condições, eu tirava baldes e baldes de esmeraldas. Hoje estou blefado<sup>34</sup>. Até hoje não sei como dei conta de acabar com todo aquele dinheiro (depoimento em entrevista, mar. 2006).

Outro explorador de minério que também chegou no auge das esmeraldas, e foi muito bem sucedido, foi o Senhor Eloir Becker, conhecido popularmente como gaúcho:

Nós chegamos aqui quase no início. Eu lá no Rio Grande do Sul tinha uma rede de postos de gasolina. Arrendei tudo lá e mudei para cá. Pegamos boas pedras nessa região. A Susi e eu tivemos que enfrentar muita coisa aqui. Enfiamos todo nosso patrimônio nesse garimpo. Hoje tudo é mais difícil (depoimento em entrevista, mar. 2006).

Vendo o garimpo através das lentes daqueles que foram bem sucedidos, mas que agora se encontram em situações adversas é possível afirmar que realmente o garimpo dá dinheiro fácil e também leva facilmente. Na mesma mina em que os garimpeiros bamburraram, muitos enfiaram uma grande quantidade de dinheiro para retirar mais material e de lá nunca mais retiraram pedras boas, como

---

<sup>34</sup> Blefar é perder, é não ganhar, não encontrar esmeraldas.

se mudasse de repente o veio das esmeraldas, conforme pode ser observado no depoimento do Senhor Palmiro de Jesus:

Peguei pedras boas demais, bamburrei muitas e muitas vezes, só que garimpeiro é assim, quanto mais tem mais gasta. Só quer viver a vida numa boa, sem patrão para ficar cobrando. Patrão da gente é a gente mesmo. Para ter uma idéia, em 86 com aquela mudança do dinheiro, eu dei uma bamburrada muito boa, eu peguei oitenta e quatro milhões, caiu aquele tanto de zero, e eu fui um dos poucos do garimpo que tinha aquele tanto de dinheiro em mãos. Era dinheiro demais. Depois fui investindo na mina, descemos mais de duzentos metros e até hoje lá não deu mais pedra boa. Só bagulho. Nunca mais vi a cor do meu dinheiro. Ficou tudo lá no buraco de novo (depoimento em entrevista, abr. 2006).

A representação presente entre os garimpeiros, do bamburro e da liberdade de trabalho, fez com que cada vez chegassem mais pessoas, as quais começaram a se organizar urbanamente.

Quando nos chegamos aqui em 1981 não tinha quase nada aqui, água não tinha, nos fizemos uma cisterna e o povo vinha buscar água aqui, o povo chegava aqui de madrugada, fazia fila. Teve um dia que roubaram o saril, e o povo começou a falar que nois não queria mais dar água, eu acordei e ouvi eles dizendo isso. Levantamos e imediatamente fomos dar jeito de arrumar uma carretilha, até o saril ficar pronto, pois a gente sabia que muitas pessoas dependiam de nossa água. Aqui nois levantava era de madrugada para vender passagens, eu vendia roupa também, eu ia a São Paulo e chegava com aquele monte de roupa, com uma semana vendia tudo. O povo tinha dinheiro demais. Todos os dias no rodoviária a gente ouvia as notícias dos bamburros dos garimpeiros. (TEREZINHA TAVARES, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Vale aqui ressaltar que no garimpo houve muitos casos de garimpeiros que melhoraram consideravelmente de vida, porém também teve muitos que enriqueceram rapidamente e empobreceram mais rapidamente ainda, nas memórias dos esmeraldinos eles sabem muito bem as pessoas que bamburraram (fazem questão de citar como exemplo o Antonio Rico, o Baíto e o Manoel Satinho) que continuam com dinheiro, bem como as que bamburraram muito naquela época e que atualmente nada possuem, porém quanto aos que estão blefados, preferem não citá-los, segundo eles: “é bom não falar que o amigo está blefado, para que o azar posso acabar e o companheiro ganhar dinheiro de novo” (MARIA SANTOS, depoimento em entrevista, nov. 2005).

## 2.12 Os capangueiros e garimpeiros

Durante a semana Santa do ano de 1981, a região de Santa Terezinha de Goiás recebeu em torno de 200 (duzentos) garimpeiros oriundos dos mais diversos locais do país. A cidade de Santa Terezinha de Goiás, onde as pessoas que vinham para o garimpo dormiam, teve sua população aumentada consideravelmente no ano de 1981.

Os garimpeiros que deram início à invasão, vieram de Minas Gerais, da região do nordeste e do próprio estado de Goiás. Posteriormente, com a divulgação dos bamburros dos garimpeiros, por causa das esmeraldas, vieram os capangueiros<sup>35</sup>, surgiram também os compradores de pedras preciosas de outros países, sendo que os maiores compradores de esmeraldas, na região, são os indianos.

Conforme depoimento de Izaqueu Antonio, o Senhor Oscar, um dos maiores compradores de pedras (gemas) do Brasil, imediatamente percebeu necessidade de montar um escritório no Rio de Janeiro, com uma extensão na cidade de Santa Terezinha para receber os compradores, pois eles já vinham dispostos a comprarem o maior número possível de esmeraldas.

No início do garimpo as esmeraldas eram vendidas por litro, os garimpeiros ainda não sabiam o verdadeiro valor das esmeraldas, o que favorecia o comércio, pois os indianos, os grandes conhecedores, sabiam exatamente o que compravam. Então começou uma nova profissão na região de Santa Terezinha de Goiás, surgiram os capangueiros, que compravam as pedras para depois revendê-las aos indianos, aqui ou lá na cidade do Rio de Janeiro. (MARIA O. SANTOS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

A figura 14 mostra onde foi instalado o primeiro escritório de compra e venda de esmeraldas, uma das primeiras casas de alvenaria. Nesse local o dono da Fazenda tinha pessoal especializado para avaliar as pedras, as quais, conforme o relato do senhor Izaqueu Antonio dos Santos eram vendidas por litros. Era dado preço, se o dono da mina concordasse, vendia e já se descontava os dez por cento correspondentes ao ágio pago ao dono da fazenda (senhor Paulo Japonês), caso não concordassem com aquele preço, os donos das esmeraldas saíam dali com elas, mas já sabendo que teriam que pagar dez por cento daquele valor em que

---

<sup>35</sup> Compradores de esmeraldas.



foram avaliadas. Nas representações dos garimpeiros pioneiros o pagamento desse ágio ao Senhor Paulo Japonês é considerado uma extorsão. Porém na época todos pagavam.



Figura 14 - Primeiro escritório de compra e venda de esmeraldas de Campos Verdes, 2006.

Fonte: Sonilda Aparecida

Os capangueiros eram os compradores de esmeraldas na região do garimpo. Eles compravam, formavam um determinado tipo de “mercadoria” e iam vendê-las no Rio de Janeiro, posteriormente com a instalação de hotéis na cidade, os indianos também passaram a vir até a cidade para conhecerem o garimpo e adquirirem as esmeraldas. As melhores pedras saíam dali sem que se cobrasse um tostão de imposto sobre elas. A pedra muito cara em geral não passava no órgão de arrecadação. “Eles podem comprar as pedras do jeito que quiserem”, diz o garimpeiro Nival Nunes da Silva:

Não tem como obrigá-los a mostrar todas as pedras que compram e exigir que eles paguem os impostos necessários. É muito fácil sonegar em região de garimpo de esmeraldas, mesmo porque os próprios fiscais da fazenda não sabiam o verdadeiro valor das esmeraldas, nem os garimpeiros, vendiam pedras por litros. Hoje muita gente lembra daquela época e imagina as pedras que vendeu por litro, sem avaliar a riqueza de cada uma (depoimento em entrevista, jul. 2006).

Desde o início do garimpo em Campos Verdes, em 1981, toneladas de pedras foram tiradas sem que a cidade se beneficiasse. Até 1985, as esmeraldas

eram abundantes, podiam pegá-las afloradas, na superfície ou a uns três metros de profundidade. Atualmente as minas estão com profundidade de 300 a 500 metros.



Figura 15 - Senhor Oscar, o maior comprador de pedras da região, 1984.

Fonte: Silvino Martins

A figura 15 mostra o senhor Oscar, grande comprador das esmeraldas de Campos Verdes, nas décadas de 80 e 90, com um escritório no garimpo e outro na cidade do Rio de Janeiro. Na figura ele aparece juntamente com Silvino Martins, filho do ex-prefeito de Santa Terezinha e membro da Associação dos Garimpeiros.

### **2.13 O caráter de transitoriedade dos garimpos**

No garimpo só havia casas feitas de lona preta. As pessoas que tinham uma condição melhor preferiam morar em Santa Terezinha e vir de manhã para o garimpo, fazendo da cidade de Santa Terezinha uma cidade dormitório. Segundo Macedo (2000, p. 51):

Na avaliação do próprio garimpeiro, seus povoamentos tem esse caráter de transitoriedade, tanto que ele mesmo não se preocupa em construir uma casa perene. Sua habitação é transitória, ocasional, em ranchos, inexistindo a preocupação de possuir, nos lugares onde se estabelece,

propriedades de maior valor. Isso o deixa muito desprendido para sair para outros lugares.

O depoimento do senhor Palmiro de Jesus confirma que o garimpeiro não tem paradeiro fixo. Mora onde há um bom garimpo, “é só saber que descobriu um garimpo novo, que está dando “resultado” que a gente se manda pra lá”. Nas memórias do povo esmeraldino ficaram as lembranças de muitos que vieram e se foram tão logo souberam de novos garimpos, muitos voltaram, pois muitos deles se apegaram à cidade, e mesmo quando o garimpo não estava muito bom, preferiram ficar em Campos Verdes. O depoimento a seguir confirma o caráter a transitoriedade do garimpeiro:

Eu cheguei aqui em 83, vim do garimpo do Socotó, igual minha mulher te falou. A gente tinha duas minas produzindo, mas garimpeiro mora é na casa do chapéu. A gente ouviu o boato de que aqui tava muito bom, vendemos tudo lá e viemos. Cheguei e já fui logo arrumando uma área para descer um garimpo. Eu era minerador. Sempre fui proprietário de mina, agora mesmo tô tentando descer um serviço noutra cidade, tô procurando turmalina. Mas ando muito doente e descapitalizado, ai fica mais difícil. Mas, eu aqui nesse garimpo fui cortador e trabalhei com madeiramento. Quando nós, os baianos, chegamos aqui nós fomos ensinando os outros como fazer o madeiramento nas minas, a gente já tinha essa experiência por causa do garimpo lá da Carnaíba e de Socotó (PALMIRO JESUS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

No imaginário dos garimpeiros fica a representação de que ninguém manda em ninguém no garimpo, cada um é seu próprio patrão, o que é confirmado pelo depoimento do Sr. Balduino Souza:

Eu morava na região de Ceres, mexia com lavoura. Quando eu ouvi falar do garimpo fui logo falando pra Rosária, minha esposa, nós vamos mudar para lá. Eu vim logo, ela veio depois. A melhor coisa que eu fiz na vida. Aqui a gente é livre para trabalhar, pode ser patrão, basta achar uma pedra boa (depoimento em entrevista, abr. 2006).

Vieram pessoas de várias partes do país, conforme pode ser observado durante os depoimentos, cada qual com seus desejos de enriquecerem também. Izaqueu Antonio, morador da região da cidade de Santa Terezinha há muitos anos, mostra como a região via essa invasão de garimpeiro.

A gente só via chegando ônibus e carros cheios de gente. Santa Terezinha de um dia pra outro encheu de gente, de umas três mil pessoas passou para umas vinte mil. Era construção e mais construção subindo. Muitas meninas também foram ficando grávidas. Os garimpeiros não perdoavam não. Hoje eles estavam aqui e amanhã só Deus para saber onde. Aí os filhos foram ficando por aí, sem pai. Os moradores antigos daqui não viam com bons olhos essa invasão. Mas não tinha jeito. A cidade cresceu, mudou a vida de muita gente. Aqui só tinha uma pensão, a do Pedro. Logo teve que construir hotel para receber os compradores e as pessoas que tinham mais dinheiro que não tinha coragem de dormir lá no garimpo, por

causa dos tiroteios. Todos vinham para dormir aqui (depoimento em entrevista, ago. 2005).

Esse depoimento mostra que a cidade de Santa Terezinha tornou-se a cidade dormitório das pessoas que queriam evidenciar melhores condições de vida, como é o caso de compradores de esmeraldas, os donos das lavras (minas de extração), por exemplo. No garimpo moravam mais os garimpeiros, siebeiros, professores, comerciantes, trabalhadores de minas, mecânicos, ferreiro etc.

## **2.14 O povoamento**

A partir dos anos 80, foi se formando o povoado do garimpo. O garimpo cresceu de maneira desordenada na região do trecho e no ano de 1984, houve a preocupação em fazer um loteamento de maneira mais ordenada. Dessa forma desenvolveu-se o desenho do primeiro loteamento, chamado de Esmeraldas, com esse loteamento a população estendeu-se até o lado direito da Avenida Esmeraldas, incorporando toda a parte que correspondia ao centro comercial, formando dessa forma duas regiões distintas: a região do trecho (onde localizam-se as minas de esmeraldas) e a região loteada (casas residenciais e comerciais).

Mesmo unificados no plano urbanístico, estas duas regiões constituem duas áreas totalmente diferentes do/no mesmo município, pois na parte direita, para que vem na direção Santa Terezinha – Campos Verdes, não existe minas de exploração de garimpo. Ao contrário de seus vizinhos, do lado esquerdo da avenida, é tido como um bairro nobre, uma vez que em seu "miolo", que corresponde ao primeiro loteamento e à sua configuração territorial original, é um bairro estritamente residencial, com belas casas e habitados por segmentos da alta classe média, proprietários de minas de esmeraldas, compradores, comerciantes, professores, políticos locais, lavadores de xistos etc..

Já a parte do Garimpo, lado esquerdo da avenida, é constituído por um conjunto de ruas que, terminando nas encostas, dão acesso às minas e compreendem uma população mais relacionada diretamente ao garimpo, tais como os siebeiros, garimpeiros, capangueiros, cortadores, furadores, guincheiros etc. e as

casas são de parede e meia, crescimento desordenado, o que pode ser observado na figura 16.



Figura 16 - região do trecho – casas de parede e meia com as outras, 1982

Fonte: Luzinho



Figura 17: região dos lavadores – barracos de lona preta, 1982

Fonte: Luzinho

Há ainda uma terceira área, considerada mais periférica, que é conhecida pelo trecho do Netinho. Essa região, praticamente foi transformada em "ruas de passagem", pois há um grande espaço entre o garimpo do trecho novo com o garimpo da região do Netinho.

Pelas figuras 18 e 19 é possível visualizar a Avenida Principal, a qual praticamente faz uma divisão entre área de garimpo e áreas residenciais e comerciais. Do lado esquerdo está a parte loteada, com loteamentos autorizados e lotes escriturados. Do lado direito está a área da reserva garimpeira, nessa região ninguém tem escritura, porém existe um acordo tácito, quem mora é o dono, para outro ocupar só se ele vender a casa. O senhor Raimundo Araújo Franco (popularmente conhecido por Edmundo) foi o pioneiro que organizou o primeiro loteamento do garimpo, chamado de Bairro das esmeraldas.



Figura 18 – Vista área da Avenida Principal de Campos Verdes, 1990.

Fonte: Francisco Mesquita Franco

Pela Figura 18 é possível observar também que a Avenida Principal já havia sido asfaltada no ano de 1990. Na memória dos esmeraldinos esse foi o grande acontecimento que veio após as eleições e a posse da primeira legislatura.

Vale ressaltar que, embora já estivesse asfaltada a Avenida Principal e uma parte da Avenida Central, Campos Verdes ainda não dispunha de rodovia asfaltada para sair da cidade, quer seja para Goiânia ou qualquer outra cidade só existia estradas de chão e, em épocas de chuva as estradas eram precárias.



Figura 19 – Vista área da Avenida Principal de Campos Verdes, 2005.

Fonte: Prefeitura Municipal

Na Avenida Esmeraldas – principal avenida da cidade – estão concentrados os grandes comércios que fornecem todo tipo de alimentação, vestuário, materiais de garimpo etc. Nas representações dos moradores essa avenida simboliza a divisão entre garimpo e o trecho<sup>36</sup>. O depoimento do garimpeiro Zé Manquinho (depoimento em entrevista, mar. 2006) confirma essa representação “Todo dia a gente ia para o trecho, descia, garimpava e depois vinha para a rua. Aqui sempre a gente parava para beber uma geladinha e tirar a poeira da garganta”.

No imaginário social prevalece o lado esquerdo da avenida como região do trecho, são comuns as expressões: “Vou para o trecho”; “ Vou siebar no trecho”; “Estou cansado, passei o dia no trecho”. Portanto, o “trecho” significa o local de trabalho de siebeiros, garimpeiros, lavadores de xisto etc.

---

<sup>36</sup> Trecho é a região onde estão localizadas as minas de esmeraldas.



A figura a seguir mostra a Avenida Esmeraldas, a qual ainda continua fazendo a separação entre a região do trecho (exploração de esmeraldas) e a região residencial e comercial.



Figura 20 - Avenida Principal de Campos Verdes, 2006.

Fonte: Sonilda Aparecida

As diferentes reconstruções históricas sobre a origem, data e local de fundação, atores envolvidos e modo de expansão em Campos Verdes são ressaltados por seus moradores com o objetivo de valorizar o que seriam suas origens.

Eu gosto muito daqui, fui muito bem recebido aqui. A respeito da população eu to muito satisfeito, mas a respeito de garimpo não. Eu quase não sei ler, nem escrever e agora na minha velhice era que tinha que ter um pouco de dinheiro, mas não tenho nada, na época eu não atinei em guardar nada. Quando cheguei aqui já vim com dinheiro, moramos pouco tempo na Rua dos Baianos<sup>37</sup>. Logo nos compramos um lote lá em cima e mudamos para lá (MARIA A. JESUS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Essas versões articulam-se à percepção das fronteiras do bairro, que são consideradas nas representações locais como região do trecho e região residencial. Por fim, estas reconstruções históricas se articulam às biografias dos principais

---

<sup>37</sup> Lado esquerdo da avenida, local onde a maioria das casas era de lonas.

atores do garimpo, analisando o entrelaçamento entre o resgate da memória e da história e a postulação de quem pode legitimamente nele, para e por ele falar.

### **2.15 A criação da reserva garimpeira**

O garimpo cada vez crescia mais, pois muitos que lá chegavam, comunicavam-se com a família e amigos noticiando as riquezas existentes, formando uma rede de informações que alimentavam a imagem do garimpo de Santa Terezinha como um novo eldorado.

Eu vim mais meu marido e logo fui arrumar um jeito de mandar trazer o restante de minha família. Garimpo é assim mesmo, um vem conta pra outro, que conta pro outro e assim só vai aumentando. É porque os garimpeiros têm medo de ter que sair das minas, então pra ficar mais forte eles vão chamando outros, porque tirar um ou dois é fácil, mas tirar cem, duzentos homens, aí muié, é muito mais difícil. (BARBOSA DA SILVA, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Esse depoimento da esposa de um garimpeiro mostra como eles se associavam, ou seja, a idéia do cooperativismo entre os garimpeiros era no sentido de se fortalecer contra os donos da terra.

Conforme foi dito anteriormente, o dono das terras do garimpo, na época do descobrimento, chamava-se Antonio Gambira, que logo depois as vendeu ao senhor Paulo Japonês (que na verdade era coreano), o que nos remonta a Sousa (1986) quando evidencia a saída dos donos das terras durante a exploração diamantífera em Minas Gerais. Segundo a autora:

Arrancados de suas terras, impedidos de dela extraírem qualquer tipo de riqueza, os habitantes encaminharam várias queixas às autoridades, mostrando-lhes como ficavam deslocados e sem emprego num lugar onde só havia olhos para os diamantes (SOUZA, 1986, p. 135).

O senhor Antonio Gambirra para não ser arrancado de suas terras, praticamente à força, teve que vendê-las, mesmo sabendo o grande valor que as mesmas passaram a ter.

Os únicos senhores deste lugar são os garimpeiros. Eles fazem o que querem, e têm-se apoderado dos córregos diamantinos em grande multidão à muita força de armas, e estão tão desaforados que até vão às povoações buscar mantimentos e traficam publicamente. (SOUZA, 1986, p. 206).

Com a compra da terra, o Senhor Paulo Japonês, passou a cobrar uma porcentagem de 10% em todos os cortes, inclusive colocava fiscais nas bocas das minas para conferir o que saía para que ninguém sonegasse. Isso pode ser comprovado nos depoimentos dos ex- fiscais José do Caderno e Izaqueu Antonio. De acordo com o primeiro:

Eu logo recebi o apelido de José do Caderno, pois fui contratado pelo Paulo Japonês para ir aos cortes e verificar o que saía e quanto cabia a ele. Todos tinham que pagar, sob pena de terem a mina fechada. (JOSÉ DO CADERNO, depoimento em entrevista, mai. 2006).

Já Izaqueu Antonio destaca que:

Eu também era fiscal. Quem arrumou esse emprego para mim foi a Dona Helena, mãe dos Goianinhos, então eu tinha que ir nas minas e recolher os galões, daqueles de colocar leite, cheio de esmeraldas. Teve uma vez que os paulistas falaram que não iam pagar mais. Mas eles me mandaram lá pegar os 10%. Chamei um colega meu e nos fomos, quando chegamos lá fomos recebidos a tiros. Era bala voando para todo lado. No outro dia fui junto com a polícia, que dava apoio para o Paulo Japonês, aí tiveram que pagar (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Segundo as informações colhidas junto ao DNPM, o órgão não tinha conhecimento da cobrança dessa porcentagem.

Nós não sabemos da cobrança dessa porcentagem. O garimpeiro era um profissional liberal, que tinha um número de matrícula, todo garimpeiro matriculado podia explorar qualquer tipo de garimpo, era a lei do regime de matrícula. Realmente não tenho conhecimento dessa cobrança. (MAURÍCIO R. DE ANDRADE, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Porém as informações dos fiscais são confirmadas pelos depoimentos dos donos de cortes, que inclusive justificam o não conhecimento dessa cobrança por parte do pessoal do DNPM, tendo em vista que há uma troca muito rápida de funcionários.

Essa cobrança de dez por cento nos remonta ao ciclo do ouro, quando a coroa portuguesa cobrava o quinto, segundo Souza (1986, p. 136): “Os garimpeiros foram massacrados pelos tributos enquanto houve ouro para extrair da terra”. Segundo o explorador de minério Becker:

Nós viemos do Grande do Sul, chamei a Susi, nos mudamos e assim que chegamos começamos a descer um serviço e logo já ficamos sabendo da cobrança dessa porcentagem, mas pagar essa porcentagem não era difícil, tinha pedras demais. Todos concordavam, pois ninguém queria parar de explorar as minas (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Já Rosa, irmã de garimpeiros, assinala que:

Eu só vim para cá em 84, mas meu pai, meu irmão Eurípides e o Gersinho são pioneiros aqui. Eles me falaram dessa cobrança sim. E só quando o ministro César Cals veio aqui e tornou reserva garimpeira é que parou de pagar (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Para confirmar essa versão de que o ministro César Cals esteve no garimpo, foi feita uma pesquisa junto à associação de garimpeiros, que confirmaram a cobrança dos dez por cento ao Sr. Paulo Japonês e entregaram cópia da Portaria editada pelo ministro tornando o garimpo uma reserva garimpeira, segundo o Senhor Célio Pimenta, atual secretário da cooperativa, a Portaria nº. 442, de março de 1984 foi fundamental para a expansão e legalização do garimpo, segundo ele:

Eu cheguei aqui muito tempo depois, mas nessa minha convivência com os garimpeiros fiquei logo sabendo dessa história da cobrança dos 10%, que só acabou com vinda do ministro e a portaria que ele assinou. Inclusive, até hoje muitas ações desenvolvidas pela cooperativa tem que ter o respaldo dessa Portaria, pois ela tem como anexo o mapa da reserva, que é muito importante para nós (CÉLIO PIMENTA, depoimento em entrevista, abr. 2006).

A Portaria 442/84, em seus incisos, estabelece que:

I -Fica destinada ao aproveitamento de esmeraldas, exclusivamente por trabalhos de garimpagem, fiação ou cata a área de aproximadamente 2.932ha, localizada no lugar denominado Fazenda São João, distrito e município de Santa Terezinha de Goiás, Estado de Goiás, delimitada por um polígono que tem um vértice a 4.580 metros, no rumo verdadeiro de 66°35' SW, da confluência do Córrego Sujo com o Córrego do Sapo de coordenadas geográficas de latitude 14°15'27.2" sul e longitude 49°36'27.9" WGr, e os lados a partir desse vértice com os seguintes comprimentos e rumos verdadeiros: 4.300m-W, 2.400m-N, 2.300m-E, 4.000m-N, 2.000m-E, 4.000m-e, 2.400m-S, 4.000m-w e 6.000m-S. II – Ao diretor geral do DNPM, competirá, através de Ato interno, estabelecer normas visando a disciplinar a extração mineral nessa área. III – Na área descrita no item I não serão outorgadas autorizações de pesquisa, nem concessões de lavras (BRASIL, 1984).

Essa visita do ministro César Cals ao garimpo é lembrada com orgulho por muitos moradores. Nas representações sociais dos pioneiros, eles se lembram com muita alegria dessa visita, pois para eles significou a alforria, a liberdade. Eles lembram com detalhes da vinda do ministro, principalmente o ato solene do mesmo ao editar a Portaria 442/1984, tornando o garimpo uma lavra garimpeira, retirando dos mineradores a necessidade do pagamento de 10% (dez por cento) ao dono da terra, que era o senhor Paulo Japonês, esse fato está praticamente na memória da maioria dos antigos moradores. Segundo Maria Santos:

O Senhor Paulo Japonês, que na verdade era um coreano, não recebeu nenhum tipo de indenização com a criação da reserva, pois o mesmo estava de forma ilegal no Brasil e extorquia os dez por cento de porcentagem das esmeraldas desde o seu descobrimento. A maioria dos garimpeiros acharam muito bom a criação da reserva garimpeira, principalmente o fato de parar de pagar esses dez por cento para um japonês que, muito espertinho e também capitalizado, comprou a fazenda do Antonio Gambira, porque sabia que ia tirar milhões dali (Depoimento em entrevista, nov. 2005).

O fato de ficarem livres de pagar essa porcentagem, a partir de 1984, fez com que o garimpo crescesse ainda mais, com mais investidores para explorarem as minas de esmeraldas, que a cada dia ficavam mais profundas.

## **2.16 As associações**

A pesquisa feita junto à Associação dos Garimpeiros forneceu dados dos pioneiros. A cooperativa foi criada em assembléia geral no mês março de 1984 e registrada oficialmente em maio de 1986, na cidade de Santa Terezinha, tendo como membros: José Gomes da Silva (Mocofaia), Edvaldo da Silva Linhares (Toró), Antonio Francisco Batista, Gerson Martins da Costa, Wildes Martins da Costa, Leonardo Moreira Prudente, Francisco G. de Menezes, Sandoval J. Ferreira Lima (Nego Sindó), José Barbosa de Almeida, Abel Rodrigues Filho, Alberto Jorge Castelo Branco e Edson Zacarias, ficando a coordenação dos trabalhos a cargo do senhor José Mocofaia (José Gomes da Silva). A cópia da primeira ata da cooperativa foi publicada no diário oficial do dia 17 de junho de 1986.

A figura 21 mostra o então Presidente, Senhor José Mocofaia discursando no dia da assembléia geral, onde foi discutida a criação da Associação dos garimpeiros. Nesse dia também foi recebida a visita do Ministro das Minas e Energia, Senhor César Cals, o qual assinou a Portaria 442/84, que tornou a região do garimpo uma reserva garimpeira. Com essa portaria os garimpeiros ficaram desobrigados de pagarem os dez por cento de arrendamento ao Senhor Paulo Japonês. Nas memórias coletivas de garimpeiros, principalmente dos donos de minas, ficou o orgulho de receberem essa visita e a maioria se lembra de quanto essa Portaria foi benéfica para a região.

Essa associação foi criada como parte de um esforço fundamental para a mobilização e articulação dos garimpeiros e sinergia coletiva, voltados para o esforço

competente de promoção da melhoria das condições de vida no garimpo, bem como para garantir os direitos de permissão de lavras, pois, segundo a lei, os requerimentos oriundos de associações teriam prioridade sobre os demais.



Figura 21 – Associação dos Garimpeiros, 1984

Fonte: Silvino Martins

Segundo Lima Filho (2003, p. 136): “O poder é o objeto do desejo retrabalhado em Associação”, e a associação dos garimpeiros de Campos Verdes, ao se unirem, conseguiram formar frentes de poder junto ao poder político local, regional e nacional, conforme pode ser visto pelo depoimento do senhor José Rodrigues da Silva, popularmente conhecido por Mocofaia, que na época presidia a Associação dos Garimpeiros, segundo ele:

Quando a gente ia falar sobre o garimpo, reivindicar uma energia melhor ou asfalto, se fosse sozinho, era uma coisa, quando era a cooperativa era outra, a cooperativa tinha forças. Os políticos faziam questão de nos ouvir, porque sabiam que no futuro poderiam depender de nós (depoimento em entrevista, jul. 2004).

Outra pesquisa foi feita junto à associação dos moradores de Campos Verdes, a qual teve papel fundamental para a emancipação do garimpo, uma vez que traz no bojo de seu primeiro Estatuto o desejo da emancipação política, inclusive já denominando a cidade de Campos Verdes, em vez de Garimpo.

Artigo 2º – A associação dos moradores de Campos Verdes tem por objetivos: a – lutar pela emancipação política e administrativa de Campos

Verdes; b – reivindicar junto aos poderes constituídos uma sede; c – promover e defender os justos direitos de cada morador, tanto na esfera administrativa quanto na judicial, podendo contratar advogado e perito; d – cultivar a mais ampla e perfeita cordialidade entre seus associados, promovendo atividades culturais, sociais e desportivas; e – zelar pela melhoria das condições de vida dos moradores de Campos Verdes. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE CAMPOS VERDES, 1986).

A Associação dos moradores de Campos Verdes foi criada em 26 de fevereiro de 1985 e já denominava o garimpo de esmeraldas por Campos Verdes, nome que no futuro seria chamado o garimpo, após a emancipação. O estatuto da Associação dos Moradores de Campos Verdes, encontra-se registrado em vinte e seis de fevereiro de 1985, no cartório de Santa Terezinha de Goiás.

## **2.17 As manifestações culturais**

As manifestações populares tradicionais e suas intersecções com o mundo moderno fazem parte da cultura popular. Em Campos Verdes verificou-se que a Associação de Moradores durante vários anos fez as festas juninas, para atender aos desejos dos nordestinos, que eram em grande número, pois eles tinham em suas representações simbólicas as festas que ocorriam em seus estados, dessa forma a associação cumpria o que estava estabelecido em seu estatuto, promovendo ações culturais, para Fonseca (1997, p.172):

A noção de cultura popular foi ampliada de modo a abranger tanto as manifestações populares tradicionais quanto as suas intersecções com o mundo industrial e urbano. [...] A valorização da cultura brasileira e em particular da cultura popular, atuaria como “vacina” contra as poderosas influências externas que descaracterizavam a nação.

Se estas manifestações populares dos garimpeiros e a relação destes com a modernidade é parte do patrimônio cultural daquela localidade, fica o questionamento do porque não preservaram essas manifestações. As vozes dos moradores disseram que com a mudança de presidentes da associação, os que entraram, posteriormente à família dos Pimenta, julgaram que não deveriam mais continuar com essa tradição. Vale ressaltar que Ademir Pimenta e o próprio Pimenta foram os Presidentes que mais priorizaram a continuidade das manifestações culturais locais.

Atualmente a Igreja Católica de Campos Verdes mantém a tradição de comemorar os festejos a Santo Antonio (mês de junho), porém, a tradição relativa

aos festejos do Espírito Santo, que ocorriam durante o mês de maio, com as pessoas empunhando bandeiras vermelhas, com a figura do Espírito Santo, também foram encerradas.

Na região há ainda duas tradições católicas: a ida para a cidade de Guarinos (Festejo do Divino Pai Eterno) e para Muquém (Festejos de Nossa Senhora da Abadia), esses lugares acabam por tornar-se um espaço público ressignificado a partir de sentidos culturais, onde experiências estéticas são vivenciadas por comunidades estigmatizadas socialmente.

Outra tradição existente na região, é a ida para o Córrego do Riachão, segundo o Senhor Gerson Xavier Pissaro, membro da igreja adventista do Sétimo Dia, “Todos os anos os adventistas se preparam para participar da Festa do Riachão, para nós é como se fosse uma obrigação”.. O Pastor Vilson Araújo de Souza, da Igreja Adventista de Campos Verdes, explicou que:

Um pastor alemão sonhou com aquele lugar e saiu ao mundo para encontrá-lo. Chegando na região de Uruaçu foi conhecer o córrego do Riachão, quando chegou lá viu que aquele era o lugar de seus sonhos, ali ele iniciou essa tradição e os membros adventistas de toda a região se encontram lá uma vez por ano para orarem e agradecerem a Deus por mais um ano de graças (depoimento em entrevista, mai. 2006).

O atual prefeito, Senhor Noé Afonso Filho, disse que tem apoiado as manifestações culturais, segundo ele:

Acredito que apoiar a cultura é a melhor coisa que um representante político pode fazer. Aqui em Campos Verdes temos uma diversidade cultural muito grande, devido a formação do povoado, quando para cá vieram pessoas das mais diferentes localidades, os costumes, as crenças e o próprio jeito da alimentação de cada família são diferentes. Ao mesmo tempo que em uma casa se come o regionalista arroz com pequi, basta ir na casa do vizinho e provavelmente lá estarão comendo um vatapá, um acarajé, cada um procura valorizar o tipo de comida de sua região. Ultimamente, com recursos municipais, temos apoiado um grupo de catira, pois acreditamos que essa tradição não pode acabar, senão nossos filhos não conhecerão essa dança que representa tão bem o nosso estado de Goiás (depoimento em entrevista, mar. 2006).

Para a professora e atual vice-prefeita Maria Helena (depoimento em entrevista, abr. 2006): “é necessário entender que as culturas são mutáveis, são dinâmicas, são transformáveis, portanto, necessitam de registros, preservação e valorização”.



Percebe-se que a valorização das manifestações culturais, na cidade de Campos Verdes, é um movimento novo, que conta com o apoio do atual prefeito para preservar o patrimônio imaterial.

## **2.18 A legislação dos garimpos**

O Sindicato Nacional dos Garimpeiros é uma organização de nível nacional, porém atualmente sua atuação está restringida à região Nordeste de Minas Gerais, principal área produtora de gemas do país. Seus principais associados são os garimpeiros, e conta ainda com lapidários, corretores de gemas, ourives ou fornecedores de insumos.

A Constituição Brasileira, promulgada em 1988, passa a reconhecer o garimpo como atividade econômica relevante, buscando regulamentar uma legislação específica para o sub-setor. Segundo o atual chefe do 6º Distrito do DNPM de Goiânia, Sr. Denílson Martins Arruda, “o garimpeiro tinha uma carteira com um número de matrícula que o habilitava a garimpar e a comprar os materiais necessários para a manutenção do garimpo”. A Lei 7805/89 extinguiu o regime de Matrícula de Garimpeiro, criando o regime de Permissão de Lavra Garimpeira, estabelecendo em seu artigo primeiro:

Artigo 1º - Fica instituído o regime de permissão de lavra garimpeira.  
Parágrafo Único - Para os efeitos desta Lei, o regime de permissão de lavra garimpeira é o aproveitamento imediato de jazimento mineral que, por sua natureza, dimensão, localização e utilização econômica, possa ser lavrado, independentemente de prévios trabalhos de pesquisa, segundo critérios fixados pelo Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM (BARRETO, 2000, p. 154).

Essa Lei indica a organização de cooperativas como “forma de promoção socioeconômica dos agentes garimpeiros e a preservação do meio ambiente”, estabelecendo em seu Artigo 3º que: “A outorga de permissão de larva garimpeira depende de prévio licenciamento ambiental concedido pelo órgão ambiental competente”.

Garimpo e garimpeiro aparecem hoje, no imaginário social, como agentes de poluição ambiental. Mesmo em Campos Verdes, onde o garimpo foi a origem de tudo, as pessoas que não dependem do garimpo ainda não conseguem ver o

garimpo como atividade profissional e o garimpeiro como agente econômico, mas sim como destruidores do meio ambiente.

Em 1989, quando a Lei 7805 extinguiu o regime de Matrícula de Garimpeiro, criando o regime de Permissão de Lavra Garimpeira e a necessidade do garimpeiro associar-se, em Campos Verdes, a Associação dos Garimpeiros já estava plenamente articulada e registrada, embora implicitamente o garimpeiro continue sendo tratado individualmente, a Lei indica a organização de cooperativas (LEI 7805/89).

Ainda segundo a referida Lei, em seu artigo 5, inciso II, o título de permissão de lavra garimpeira é pessoal, transferível, com duração de 5 anos e em áreas previamente delimitadas não excedendo 50 hectares. A atividade garimpeira, portanto, baseia-se no trabalho individual, permitindo-se a associação em cooperativas. “Outro aspecto importante da Lei 7805/89 diz respeito à tentativa de solucionar conflitos na convivência entre os diferentes regimes de concessão, sendo que o maior obstáculo é a carência de figuras jurídicas que viabilizem esta convivência” (BARRETO, 2000, p. 157).

Percebe-se que as mudanças realizadas na Constituição de 1988 alteraram a legalidade da atividade garimpeira, obrigando os garimpeiros a se inserirem em organizações. Essa exigência descaracterizou o garimpeiro como trabalhador individual, que passou a ter a obrigatoriedade de se filiar em organizações. Por outro lado, quando o garimpeiro é obrigado a se associar, as organizações são formadas apenas para cumprir a lei, não havendo uma unidade entre os garimpeiros.

Por meio de organizações de garimpeiros o Poder Público procura reforçar que a forma associativa é a mais adequada dos pontos de vista econômico, social e ambiental.

Em 18 de dezembro de 2001, a Prefeitura Municipal, após aprovação da Câmara Municipal de Vereadores, aprovou a Lei 31/01, a qual dispõe sobre a permissão de lavra garimpeira na área urbana do Município de Campos Verdes. Segundo as vozes dos moradores, o item mais importante dessa lei foi o Artigo 3º, o qual estipula que o assentimento de permissão de lavra garimpeira só será efetivado se os requerentes se obrigarem a vender, no mínimo, 30% (trinta por cento) do xisto e

seus derivados, tais como areia e bagaço, à comunidade garimpeira local. Pretendia-se dessa forma tornar a movimentar o garimpo de esmeraldas.

Em 15 de março de 2006, a Prefeitura Municipal aprovou a Instrução Normativa 001/2006, a qual revogou todos os assentimentos concedidos, no período de 1º de dezembro de 1996 à 1º de dezembro de 2005 e deu o prazo de 60 dias para os interessados reativar os cadastros, seguindo as orientações constantes dessa normativa.

## **2.19 A cidade hoje**

O município de Campos Verdes, que possui como principal atividade econômica o garimpo possui 452 áreas destinadas a exploração de esmeraldas das quais somente 5 estão em atividade normal e 15 em processo de pesquisa, situação que está gerando desemprego e dificuldades a uma população de 4 mil habitantes e que possui uma das maiores jazidas de esmeraldas do mundo.

Atualmente este não é o único problema enfrentado por garimpeiros, de acordo com Godoi (depoimento em entrevista, mai. 2006), Conselheiro Fiscal da Coomesgo<sup>38</sup>, a discriminação e o preconceito tem sido o maior desafio destes profissionais, que tem dedicado suas vidas a soluções de problemas que vão desde a aquisição do direito a trabalhar até o direito a uma aposentadoria decente.

Célio Alves Pimenta informou que hoje existem cerca de 500 garimpeiros trabalhando em Campos Verdes e este número poderia chegar a quatro mil, com a ativação das áreas fechadas. Pimenta alega que a Coomesgo se faz presente lutando junto aos poderes públicos para garantir os direitos dos garimpeiros regidos na portaria nº 442, de 30 de março de 1984, que considera de interesse nacional a destinação de áreas para o aproveitamento de substâncias minerais através de trabalhos de garimpagem, fiação ou cata, em regiões onde se apresentam tecnicamente viáveis tais atividades.

De acordo com o Chefe do DNPM de Goiás, Senhor Denílson Martins Arruda (depoimento em entrevista, mar. 2006): “o fechamento das minas tornou-se imprescindível para garantir a segurança dos garimpeiros. Assim que os donos das

---

<sup>38</sup> Cooperativa Mista dos Garimpeiros de Esmeraldas do Estado de Goiás.

minas atenderem aos requisitos de segurança necessários, as minas serão reabertas”.

A vice-prefeita de Campos Verdes, Maria Helena de Deus Siqueira lembra que o município precisa retomar suas atividades garimpeiras o quanto antes, caso contrário a intranqüilidade da população e a situação precária da economia podem dificultar ainda mais o desenvolvimento da cidade. Com a abertura das 427 áreas fechadas gerará cerca de mais 4 mil empregos, diretos ou indiretamente, acredita Siqueira.

Campos Verdes vive hoje a síndrome da cidade do já teve. Segundo Macedo (2000) as cidades que crescem devido à extração de garimpo são sujeitas à decadência quando o minério diminui, pois o mesmo é finito e o garimpeiro é transitório, não fixa morada onde não há nada para extrair. De acordo com a autora: “A cidade que viveu em torno do diamante, à medida em que ele se esgota, se desfaz. Com a mesma velocidade com que foi edificada, entra em decadência”. (MACEDO, 2000, p. 50). Assim também foi com Campos Verdes, a atividade garimpeira foi responsável pelo povoamento, em pouco tempo elevou-se acentuadamente o movimento da cidade; vibrando em torno das esmeraldas, com inúmeros estabelecimentos comerciais, linhas de ônibus, táxis, aeroporto movimentado, escolas que eram criadas, dois hospitais ali se estabeleceram, sendo os dois privados, várias lanchonetes dançantes para garantir o divertimento da população.

Atualmente Campos Verdes tem um número muito reduzido de linhas de ônibus, se antes havia uma linha de ônibus por hora, com várias empresas atendendo, hoje existem apenas duas por dia. Vários comerciantes se mudaram, venderam suas mercadorias e montaram seus comércios em outras localidades, como é o caso de Daniel Omar, primeiro dono de Supermercado de Campos Verdes.

Percebe-se pelas vozes dos moradores, que Campos Verdes é considerada como a cidade do já teve: mais de vinte mil moradores, muitas pedras (pedras retiradas no afloramento), inúmeros comércios, lanchonetes, ônibus, etc.

Nesse capítulo foi possível conhecer o contexto histórico da descoberta das esmeraldas, o apogeu, o povoamento, a emancipação de Campos Verdes e finalmente a decadência do garimpo.

A caracterização deste contexto histórico foi importante para se conhecer as fontes primárias de onde começou a desenvolver, com a chegada dos

garimpeiros, a identidade da comunidade de memória campos verdense. Identidade que se modulou de forma dinâmica à medida que os acontecimentos se processavam. Vale aqui ressaltar que nos quadros das memórias coletivas o “tempo” para os pioneiros está dividido em suas memórias em três fases distintas: o tempo bom – de esmeraldas fartas, o tempo da emancipação e o tempo presente – que é o tempo das dificuldades, desnortados, os garimpeiros buscam uma reorientação social, em busca de um tempo perdido, em que houve um tempo de muitos bamburros, muito dinheiro gasto, coletivizam em busca de novas veias de esmeraldas.

No próximo capítulo serão evidenciados os saberes e práticas garimpeiras e a formação de sua identidade, pois a construção da categoria garimpeira foi sendo construída por uma teia de significados que vão lhe conferindo identidade.

## CAPITULO III - SABERES E PRÁTICAS GARIMPEIRAS

### 3.1 A identidade do garimpeiro

Garimpo e garimpeiro sempre se fizeram presentes em nossa história, talvez como uma das ocupações mais antigas do Brasil. Mas a existência de ambos ficou subjacente a outras atividades econômicas de maior importância para o Brasil, seja a cana-de-açúcar nordestina, ou mais tarde o café paulista e o leite mineiro, bem como as agriculturas produzidas no país durante os 500 anos desde a conquista portuguesa.

Segundo Souza (1986, p. 62) a mineração no século XVIII se “estabeleceu sob o signo da pobreza e da conturbação social, marcando-a sobretudo o enorme afluxo de gente que acudiu ao apelo do ouro e cuja composição social se apresentava bastante heterogênea”.

Os garimpeiros permaneceram vivos no mapa mental de muitos estudantes como parte do conteúdo de livro didático, como história do ciclo do ouro e diamantes no Brasil, e não como matéria viva através da qual se fazia e se faz a sociedade brasileira.

Com relação à chegada de garimpeiros e a formação da identidade garimpeira, Souza nos remonta ao século XVIII, onde as características dos garimpeiros foram se formando:

A camada dos desclassificados ocupou todo o “vácuo imenso” que se abriu entre os extremos da escala social, categorias nitidamente definidas e entrosadas na obra da colonização. Ao contrário dos senhores e dos escravos, essa camada não possui estrutura social *configurada*, caracterizando-se pela fluidez, pela instabilidade, pelo trabalho esporádico, incerto e aleatório. (SOUZA, 1986, p. 63, grifo do autor).

Ainda segundo a autora, garimpeiro é “nome com que se apelida nesse país aos que mineravam furtivamente as terras diamantinas e que assim são chamados por viverem e andarem escondidos pelas grimpas das serras” (SOUZA, 1986, p. 202).

Campos Verdes faz parte da história de muitos garimpeiros que ali chegaram. Lá os materiais, na época do afloramento também eram a pá e a picarreta. Conforme Sales (1955, p. 69):

A pá, a picareta, as pontas de ferro, a marreta e a matula, dão ao garimpeiro autonomia para iniciar algum serviço. A matula ou saco é a provisão de mantimentos necessária para o sustento do garimpeiro e de sua família durante as incursões ao garimpo.

O trabalho garimpeiro na região de Campos Verdes passou por modificações ao longo do tempo. No início as pedras eram encontradas no cascalho, o que eles chamam de afloramento, dessa forma eram retiradas com pás e picaretas e levadas para os lavadores, onde eram encontradas esmeraldas, as quais eram colocadas em litros ou galões de leite. Conforme Elia dos Santos:

Com o tempo as esmeraldas foram ficando mais profundas, tornando necessárias as escavações em forma de buracos de cisternas. Para segurar a terra eram feitas caixas de madeira, assim do tipo de fogueira de São João, porque senão desbarrancava e matava muita gente, conforme aconteceu em muitos serviços (Depoimento em entrevista, nov. 2006).

Com a profundidade das minas aumenta também os custos de manutenção, que segundo o proprietário, Eloir Becker são altos: “Só com eletricidade gasto cerca de R\$ 5 mil por mês.” Também não há pesquisa mineral concluída para calcular o retorno do investimento. A extração tornou-se cara e difícil e obrigou os garimpeiros a se empregar nas grandes minas, que dispõem do equipamento necessário para buscar as pedras em grandes profundidades.

### **3.2 A descida nas minas, os perigos da profissão**

Nas minas, os garimpeiros descem pelos guinchos, atrelados a um cavalo<sup>39</sup>. A descida é feita tipo rappel, desviando-se das paredes das minas. É um procedimento arriscado e a maioria dos garimpeiros entrevistados disseram que mesmo fazendo isso há muito tempo, ainda sentem medo da descida. É o operador do guincho, que estima a velocidade, ignorando as fobias de cada um. O guincheiro é o responsável para subir e descer as pessoas e os materiais nas minas. Vale ressaltar que atualmente tem minas que utilizam elevadores, diminuindo o risco dos trabalhadores sofrerem acidentes.

---

<sup>39</sup> Cavalo são tiras de couro ou de pedaços de pneu nos quais os garimpeiros enfiam as pernas para se segurarem e descem nas minas. A descida no “cavalo” lembra os esportes arriscados que algumas pessoas pagam para fazer. É semelhante ao rappel.

O lençol freático despeja água em vários pontos da mina. A água precisa ser constantemente bombeada para a superfície. Várias bombas fazem o trabalho de tirar as águas do serviço para que eles possam continuar a trabalhar. Na superfície, fica o equipamento de reserva. Se a água não é retirada, inunda os túneis e afoga quem está trabalhando lá embaixo.

Logo no início da descida gela, como se tivesse uma ducha de água despejando uma chuvinha fina, porém logo mais abaixo, há aproximadamente uns 100 metros de profundidade, o frio se transforma em calor. Dali em diante, a roupa não seca mais, por causa da umidade e da temperatura alta. Em todos os estágios, sobra calor e falta ar.

O trabalho nas minas de esmeraldas é difícil em qualquer um dos estágios. Mas o pior está reservado à equipe de quebradores. Eles passam cerca de oito horas cavando num ambiente sufocante. Há uma única fonte de ar na frente de trabalho mais profunda. É ela que alivia ao fim da última escalada, de 100 metros. A água, enviada da superfície, é sempre insuficiente e demora para chegar. Não raro um garimpeiro grita de desespero porque o garrafão não vem. Grito que só ouve quem nada pode fazer.



Figura 22 – o cortador, o furador, o guincheiro e o peão em momento de descanso.

Fonte: Aécio Aires Fernandes

Os mineiros extraem os blocos de xisto, que em seu interior guardam esmeraldas. Enchem carrinhos, que enchem barris de borracha, que sobem pelo mesmo guincho que traz os homens. O trabalho do dia só termina quando a equipe retira vários carrinhos de terra, quer seja mineralizada ou não. Esse número varia de



uma mina para outra. A figura 22 mostra o cortador, o furador, o guincheiro e o peão em momento de descanso, aguardando o pó “baixar” dentro das minas, após terem dinamitado uma determinada região para retirada do material<sup>40</sup>, na mina da EMSA, uma das grandes mineradoras na década de 90.

Quem quebra pedra num dia, opera guincho no outro, descarrega no seguinte e assim vai, revezando-se nas outras funções da mina, até chegar novamente seu dia de ir ao fundo do poço. Há minas em que não ocorre esse revezamento, cada um tem a mesma função todos os dias.

A figura 24 mostra a retirada do material nos carrinhos de mão, para serem colocados na caçamba (de pneu de caminhão) e retirados de dentro da mina.



Figura 23 – peões enchendo os carrinhos de xisto, 1990.

Fonte: Fabiano Menezes

Vale ressaltar que atualmente Campos Verdes tem minas de exploração de esmeraldas com profundidade de mais de 400 metros, portanto, o método utilizado no início de sua exploração tornou-se ineficaz. A jornalista Rebeca Kritsch, do Jornal “O Estado de São Paulo”, no ano de 1999, fez uma matéria que mostra como aumentou essa profundidade:

Gilberto Rodrigues da Silva, de 33 anos, mora no Brasil e trabalha no “Japão”. Para chegar lá, todos os dias, às 7 horas, ele veste um calção leve e surrado, botas, capacete, e monta no “cavalo”, uma estrutura de tiras de pneu e couro colocada entre as pernas e nas costas. De peito nu, com mais dois companheiros, suspenso por um guincho, começa um mergulho ao

---

<sup>40</sup> Terra, rocha ou xisto.

centro da terra, por um túnel de pedra estreito, tortuoso e escuro. Depois de 50 metros de descida, já está encharcado pelas águas do lençol freático que o túnel corta. Com as pernas esticadas, guia o “cavalo” para não se chocar contra as paredes. Por volta dos 100 metros, faz a primeira baldeação. Troca de “cavalo” e desce mais 98. Monta então no último deles e em segundos desaparece na escuridão. Desce sem parar 230 metros. Desmonta do “cavalo”, atravessa um pequeno corredor. A temperatura ali fica em torno de 60 graus. Com a ajuda de uma corda, escala 100 metros de um barranco levemente íngreme e finalmente chega ao local de trabalho, batizado em homenagem ao país que fica do outro lado do planeta pela distância da superfície arejada e ensolarada, 425 metros. Silva é garimpeiro de esmeraldas na mais funda e perigosa mina da cidade de Campos Verdes, no interior de Goiás. O lençol freático despeja água em vários pontos da mina e precisa ser constantemente bombeada para a superfície. Saem por hora 10 mil litros. Seis bombas fazem o trabalho. Na superfície, fica o equipamento de reserva. Se a água não é retirada, inunda os túneis e afoga quem está trabalhando lá embaixo. A ducha no início da descida gela. Mas basta tocar a primeira base, a 100 metros de profundidade, para que o frio se transforme em calor. Dali em diante, a roupa não seca mais, por causa da umidade e da temperatura alta. Em todos os estágios, sobra calor e falta ar. Os últimos 230 metros são de arrepiar. É uma descida brusca, rápida, literalmente para o fundo do poço. A consciência da profundidade é algo que quem está ali quer apagar, porque a mina de Délio Bráz não tem outra saída além daquela por onde se entra. (KRITSCH, 1999, p. 12).

O depoimento do garimpeiro Moita, que trabalha como cortador no garimpo de esmeraldas desde 1981, e que atualmente trabalha na mina do Sr. Cleiton confirma o depoimento acima:

Essa mina aqui também é muito profunda, a gente desde pelo cavalo, atrelado a um guincho. Tem o primeiro piso, depois outro e depois outro. Minha função lá embaixo é a de cortador. Medo? Tenho não, é um friozinho na barriga que de vez em quando acontece (MOITA, depoimento em entrevista, mar. 2006).

Percebe-se que a vida dos garimpeiros não é fácil. As vozes dos garimpeiros evidenciam que as primeiras descidas às minas trazem preocupações, porém depois se acostumam com os riscos da profissão, sujeitando-se a toda e qualquer situação, desde que possam explorar o minério.

Para eles a noção de espaço refere-se ao “Brasil” e ao “Japão”, sendo que o Brasil é a parte de fora das minas e o Japão refere-se aos buracos, ou seja, a parte de dentro das minas de esmeraldas. Outra categoria de espaço presente nas vozes dos garimpeiros são as cidades de Campos Verdes e de Santa Terezinha de Goiás, para eles Campos Verdes representa a cidade do trabalho, enquanto Santa Terezinha representa a cidade das compras, das festas, ou seja, do lazer.

Cabe aqui salientar que cada garimpeiro é guardião de sua própria memória, o qual, também compartilha com a dos outros, o que nos remonta à Introdução feita por Ellen Woortmann, ao livro de Lima Filho (2001, p. 13):

Cada pioneiro é guardião de suas próprias memórias, ao mesmo tempo em que compartilha a de outros – via de regra pela oralidade – constitui-se, uma comunidade de memória. Compartilhando estojos de memória, constroem-se estojos de identidade.

### 3.3 As profissões – saberes garimpeiros

Dentro das minas cada garimpeiro tem a sua função, de forma a aumentar sempre mais a produção do minério a ser retirado das minas.

*Cortador* é a pessoa que desce após as explosões, ou seja, ele é a linha de frente, vai desarranhando o material (boi<sup>41</sup>, terras, arroio), tirando esse material para fora da mina, quer seja mineralizado ou não, tem que ir para cima.

O *furador* fura a rocha, ou xisto para detonar, usando lambreta ou martetele, sendo que a lambreta é para região macia e o martetele para as regiões de rocha dura. Após fazer as perfurações ele coloca as bananas de explosivos que detonarão as rochas ou a terra, as quais serão enviadas para cima (pelo guincho, dentro das caçambas<sup>42</sup>), posteriormente irão para os lavadores de xisto, caso estejam “pintando”, ou seja, estejam mineralizadas, caso sejam terras cegas, sem minérios, serão enviadas para os arroios.

O *eletricista* é chamado de gambiarra, ele faz toda a fiação da mina, fornecendo condições de iluminação para trabalharem lá embaixo.

O *guincheiro* é o responsável para subir e descer as pessoas, bem como todo o material retirado das minas.

Os *peões* são as pessoas responsáveis para carregar o material, colocá-los nos carrinhos de mão e levá-los até as caçambas, para subirem pelos guinchos.

Os *caçambeiros* ficam do lado de fora da mina, cabe a eles retirarem as caçambas dos guinchos e levar o material para o local apropriado.

---

<sup>41</sup> Pedras de rocha ou xisto

<sup>42</sup> Baldes grandes, parecidos com bacias, feitas de pneus.

Em todas as minas existe a figura do encarregado de produção, o qual é o responsável para orientar a turma para trabalhar e comandar a linha de frente da mina.

Durante nossa visita à mina de propriedade do Sr. Cleiton, o depoimento do eletricitista que cuida de toda a parte elétrica da mina, explicou toda a trajetória dos garimpeiros, do início da mina, na boca do garimpo até chegar à exploração do xisto. Segundo o eletricitista nas lavras menos profundas, ou seja, na primeira parada, trabalham os carregadores e operadores de guincho, encarregados também de fornecer o material de que precisam aqueles que estão no extremo da mina. Entre a superfície (boca da mina) e a primeira parada a comunicação é feita por um transmissor (um rádio). À medida que se afunda na mina, a moderna tecnologia some. Lá embaixo o que precisa ser falado é gritado por tubos, como nas minas mais pobres de Campos Verdes. Esse tubo é uma mangueira, a qual funciona como um telefone. Lembrando que atualmente em muitas minas essa comunicação já é feita por rádios transmissores. Os garimpeiros, lá no local onde exploram o xisto, enchem os carrinhos de mão, que enchem as caçambas<sup>43</sup>, que sobem pelo mesmo guincho que traz os homens. Conforme pôde ser observado em nossa visita, a extração de esmeraldas tornou-se cara e difícil, obrigando os garimpeiros a se empregarem nas grandes minas, as quais dispõem do equipamento necessário para buscar as pedras em grandes profundidades. Uma das vantagens de trabalhar em uma grande mina é o salário garantido. Nas menores, o garimpeiro tem participação nas pedras que encontra. A grande maioria dos garimpeiros trabalha sem seguro de vida.

Vale aqui ressaltar a figura do lapidário, o qual pega a pedra bruta e a transforma em jóia. O depoimento do lapidário Gariba<sup>44</sup> evidencia os cuidados que se tem que tomar com as esmeraldas.

Trabalhar com esmeraldas não é fácil, ela é muito sensível a pancadas, para tanto foi desenvolvida uma lapidação em degraus, na qual os quatro ângulos agudos são cortados e facetados, de maneira que a gema fique menos vulnerável às batidas. As esmeraldas de qualidade clara e transparente são lapidadas, algumas vezes, em brilhante. As pedras turvas só servem para para colares; ocasionalmente também são usadas na forma cristalina natural e, às vezes, são feitos entalhes nelas transformando-as

---

<sup>43</sup> Barris de borracha (pneus)

<sup>44</sup> Antonio de Salete da Silva

em belas peças. (ANTONIO DE S. SILVA, depoimento em entrevista, mar. 2006).

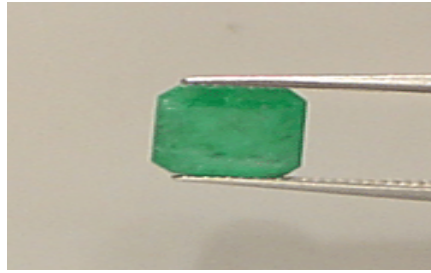


Figura 24 - Esmeralda lapidada

Fonte: Sonilda Aparecida

Cabe aqui registrar que os garimpeiros entrevistados relatam com nitidez as difíceis condições de trabalho, a necessidade dos diferentes saberes e das diferentes práticas, as dificuldades e os riscos que correm todos os dias ao ficarem no “japão<sup>45</sup>”, as responsabilidades dos encarregados e as competências necessárias para cada função. A periculosidade enfrentada, além dos acidentes, são as doenças de pulmão, que principalmente os cortadores, que enfrentam o pó do xisto ao perfurarem o buraco no xisto para que ali seja colocada a dinamite.

A noção de tempo para os garimpeiros de Campos Verdes está diretamente ligada à descoberta do garimpo, às mudanças na forma da extração, bem como aos bamburros e blefos, ou seja, o tempo bom foi a década de oitenta até meados da década de noventa, essa é considerada o tempo do bamburro. De lá para cá, vivem o tempo ruim, o tempo do já teve, segundo eles, o tempo do blefo, das dificuldades e das lembranças dos amigos que se foram em busca de novos garimpos.

Dedicam-se atualmente ao garimpo, dentro das minas, os homens. As mulheres os velhos e as crianças, siebam ou catam areiinha, de maneira quase que completamente individual. Dentro das minas o papel dos homens como provedores do lar, fica bastante definido, pois somente eles descem e ganham o suficiente para manutenção da família. Enquanto o garimpo foi a atividade geradora de riquezas por excelência, o homem ocupou-se dele.

Porém, em Campos Verdes o garimpo não é só dos homens. Os gêneros (masculino/feminino) relacionados à produção têm papéis definidos como veremos

---

<sup>45</sup> Como denominam o fundo dos buracos das minas.

no próximo capítulo, quando trataremos das siebeiras, pois a elas cabe o papel da sieba, de buscar nos bagaços já lavados pelos homens o seu sustento. O trabalho das siebeiras tornou-se fonte de renda para muitas famílias, uma vez que hoje existe um grande número de desempregados, devido várias minas terem sido fechadas pelo DNPM até que todas cumpram todas as normas de segurança e de preservação ambiental e possam ser reabertos, voltando a oferecer vagas de emprego, possibilitando a oportunidade de surgirem novos bamburros e conseqüentemente movimentar a cidade.

## **CAPÍTULO IV - AS SIEBEIRAS DO GARIMPO DE ESMERALDAS, SUAS NARRATIVAS, SEUS SABERES E PRÁTICAS**

Sabe-se que no Brasil, a partir do século XX, as mulheres conquistaram o voto, a educação, o acesso aos meios contraceptivos e a inserção ao mercado de trabalho, mas não conseguiram a almejada igualdade de gênero. Segundo Saffioti (1987, p. 25):

Há um processo de naturalização dos processos socioculturais, pois essas funções foram criadas socialmente quando a família se estruturou dessa forma, com a mulher exercendo naturalmente sua função de mãe e no cuidado com o lar. Enquanto que ao homem, o exercício dos afazeres fora do âmbito privado do lar.

A partir daí a identidade social foi construída evidenciando o homem, enquanto único mantenedor do lar, porém, em Campos Verdes, especialmente com relação às famílias da maioria das siebeiras, essa identidade social do homem como o único “provedor” tem sido rebatida pelos vários relatos das mesmas, as quais são, muitas vezes, as únicas provedoras.

As siebeiras são mulheres trabalhadoras de garimpos, provedoras da família e que almejam o enriquecimento, ou seja o bamburro, e passam a pulsar e a viver em função do garimpo, mudando os seus hábitos, as suas atividades, o seu agir e o seu refletir sobre o que irão encontrar em cada carrinho de xisto ou em cada bagaço de lavador.

Para o desenvolvimento desse capítulo, mais uma vez, a utilização da história oral e a pesquisa etnográfica tornaram-se imprescindíveis, pois suas memórias estavam carregadas de histórias. Ecléa Bosi (1994, p. 54) afirma que a memória do indivíduo não é a “subjetividade livre a que se referia Bergson”, mas “depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. Bosi ainda destaca (1994, p. 55) “a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória” e enfatiza que “aquilo que o indivíduo lembra, quando lembra e como lembra é uma construção coletiva, que se explicaria a partir dos quadros sociais da memória”, nos termos de Halbwachs (1990, p. 74) “os instrumentos de que a memória coletiva se serve para recompor uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os

pensamentos dominantes da sociedade", portanto, a partir da história oral foi possível identificar a participação das mulheres nos trabalhos de regiões garimpeiras, como siebeiras e muitas vezes, como únicas provedoras do lar.

Durante essa pesquisa ficou evidenciado que a questão de gênero limita homens e mulheres, pois o discurso social constrói uma identidade do feminino e uma do masculino, o que um pode e o que o outro não pode.

Os homens não estão submetidos à tensão estrutural entre o trabalho doméstico e o trabalho remunerado. As mulheres sim. Mantêm uma dedicação parcial tanto no trabalho remunerado como no doméstico. Não mudam de posição na estrutura social, mas "meio ocupam" duas posições ao mesmo tempo.

Em Campos Verdes, especialmente com relação aos maridos das siebeiras, a identidade social do homem como "provedor" tem sido rebatida pelos vários relatos das siebeiras. Nesse sentido, buscou-se entender como a mulher tem convivido com essa situação e como ocorreu a sua inserção no garimpo.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, verificou-se que a inserção da mulher no garimpo, é muito contraditória, pois os donos de minas praticamente não as empregam, por julgarem que as mesmas não conseguem desempenhar os trabalhos destinados aos homens, dentro das lavras; porém, com relação à cata das esmeraldas, em lavadores de xistos, há um número maior de mulheres empregadas, por representarem uma qualificação maior da mão-de-obra, uma vez, que segundo os depoimentos colhidos, "são mais atenciosas, não deixam passar as esmeraldas", percebe-se, portanto, segmentações no mercado de trabalho em regiões garimpeiras; tais como: primeiro quando o emprego apresenta-se mais estável, necessitando de maior esforço braçal, a maioria da mão-de-obra empregada é masculina; segundo os contratos das mulheres "trabalhadoras", que segue a lógica do trabalho precarizado e de contratos temporários baseados na redução de custos, em lavadores de xisto, a mão de obra mais empregada é a feminina e finalmente destaca-se um outro tipo de trabalho desenvolvido em garimpo, sem nenhum tipo de contrato, como as siebeiras, que buscam a sobrevivência lavando os bagaços deixados nos lavadores, sendo na maioria mulheres.

Entender como a mulher tem convivido com essa situação e como ocorreu a sua inserção no garimpo, tornou-se primordial durante o desenvolvimento dessa



pesquisa, haja vista que, geralmente os garimpos são explorados quase sempre por homens, e quando se faz uma revisão na literatura, observa-se que a maioria das mulheres de garimpo são citadas como cozinheiras, donas de máquinas ou prostitutas, porém, situação oposta ocorre com as siebeiras do garimpo de esmeraldas da cidade de Campos Verdes, Estado de Goiás.

#### 4.1 A sieba – práticas e saberes

Em Campos Verdes essa visão generalizada de que as mulheres não devem vir para regiões de garimpo tem sido constantemente rebatida, o relato da siebeira Lucineide Barbosa da Silva confirma isso:

Eu siebo desde que cheguei aqui. Antes a gente só siebava no xisto, nos boi<sup>46</sup>. Hoje a gente sieba até nas areinha. Pra ter uma idéia antes não tinha esse negócio de catar areia não, eles só dava a primeira lavada e pronto! Jogava o bagaço fora e a gente siebava. Ganhei muito dinheiro, tinha o sonho de trazer minha família para cá e trouxe graças à sieba. Então siebar é sentar perto de um lavador, pegar um martelinho e ficar quebrando, catando e recatando para encontrar as pedrinhas de esmeraldas nos boinhos ou no xisto. Esses dias eu fui explicar para a minha irmã de Brasília o que era siebar, por telefone, ela nunca veio aqui, ela demorou a entender. Eu falei para ela que a gente cata nos bagaços, ou seja, aquela terra de xisto que já foi lavada, o dono daquele xisto lava e cata. Depois que ele cata ele joga fora. Pra entender melhor é como catar o feijão, a gente tira o que é bom e joga o resto fora, não é isso? Pois então, aquele que eles joga fora é que nois siebeiras vamos reaproveitar, a gente torna a quebrar, lavar e a catar. Faz todo o procedimento de novo. Porque que nois ainda acha? Não sei não. Acho que é por que nois mulher tem mais paciência, mais atenção naquilo que a gente faz. (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

A vida das mulheres no garimpo não é fácil, evidenciando mais uma divisão de classes, uma vez que elas reaproveitam o que foi deixado pelos homens. As figuras 25 e 26 mostram o bagaço que foi jogado fora, já lavado, o qual as siebeiras tornam a quebra-lo e a lavá-lo, com a firme convicção de que lá encontrarão algumas esmeraldas.

---

<sup>46</sup> Boi – pedra de xisto.



Figura 25 - Bagaços e martelos

Fonte: Sonilda Aparecida

O bagaço significa o resto, porém nos depoimentos é possível observar também que elas aceitam normalmente essa situação, gostam do que fazem e não pretendem mudar essa condição de trabalho, uma vez que é com ele que elas sustentam as suas famílias. Foi possível perceber uma noção de pertencimento às regiões de lavadores, uma vez que passam a maior parte do dia nesses lugares, procurando incansavelmente as esmeraldas, com a certeza de que não voltarão de mãos vazias. Segundo os relatos é exatamente essa certeza que lhes dá a força necessária para quebrarem cada vez mais as pedras à procura do sonhado bamburro.

Na figura 25 também podem ser observados os martelos, por elas utilizados, os quais são feitos de madeira, com uma extremidade mais estreita, de forma a caber dentro da mão. A figura 26 mostra a siebeira tornando a quebrar o bagaço e o lavador onde novamente será lavado para que possa procurar as esmeraldas.



Figura 26 - Bagaços sendo reaproveitados

Fonte: Sonilda Aparecida

De acordo com Maria Antonia de Jesus:

Eu Morava na Carnaíba, ai teve um tempo que o garimpo piorou eu fui para um garimpo chamado Socotó, lá eu tirei muita pedra. Nois tinha dois garimpo produzindo, nois vendeu o garimpo produzindo. Tinha dia de nois tirar nove sacos de pedra, desse grandes de açúcar, por dia, de esmeraldas, elas ia para Campo formoso, lá para a casa do Sr. Fiinho, ele era Juiz de Paz em Campo Formoso. A gente mandava para lá e depois ia para vendê. Mas ai a gente só ouvia dizer que esse garimpo aqui do Goiás era muito bom e ce sabe como é o garimpeiro, não agüenta ouvir que tem outro garimpo melhor. Então nos vendemos os dois garimpo produzindo lá de Socotó, vendeu a fazenda, vendeu a casa, vendemo tudo e marchamo para cá com a família. Isso já tem vinte e três anos. De lá para cá, a gente vem lutando, trabalhando, labutando na sieba. Porque eu já sou siebeira há 40 anos, primeiro comecei a siebar na Carnaíba, depois no Socotó e desde 83 aqui. Já ganhamos e perdemos dinheiro nesse garimpo (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

Esse relato mostra como foi à vinda das pessoas para o garimpo. Muitas mulheres vieram acompanhando os maridos. A figura 27 mostra uma siebeira lavando o xisto na procura das esmeraldas. Esse é o trabalho das siebeiras. Buscar o bagaço levá-lo para perto de um lavador, tornar a quebrá-lo, lavar e procurar as esmeraldas. Mesmo sendo em bagaços que já foram lavados elas sabem que dali irão tirar o seu sustento. Um dia encontram um bamburro, noutra apenas o suficiente para um café.



Figura 27 - Bagaços sendo reaproveitados

Fonte: Sonilda Aparecida

Essa despreocupação em não ter um salário se faz presente nas vozes das siebeiras, segundo elas é melhor sair cedo sem saber o que vai encontrar do que trabalhar um mês inteiro para ganhar apenas um salário.

Outra despreocupação constatada foi com relação a moradias. Essa fase marcou a memória do povo de Campos Verdes, pois em sua maioria, os depoentes se lembram do início do garimpo todo com casas de lonas pretas. O garimpeiro demora a acreditar em um garimpo, pois eles sabem que o minério se esgota, por isso que dizem que o garimpeiro mora na “casa do chapéu”, ou seja, onde tem um garimpo novo, lá está o garimpeiro. E, no caso de garimpo de esmeraldas, as siebeiras também têm essas características, elas também se tornam nômades, à procura de garimpos melhores.

## 4.2 As mulheres como provedoras do lar

O ser histórico homem e mulher passam por questões de gênero. São construções culturais derivadas das diferenças sexuais existentes entre homens e mulheres, os gêneros, guardam pouca relação com o sexo, porém guardam muita relação com as classes sociais, com a localização da família no modo de produção dominante. A sociedade capitalista está estruturada sobre a divisão dos homens e mulheres segundo a função que cumprem na produção geral de bens.

A maioria das sociedades, inclusive a brasileira, institucionaliza o papel do homem como diferente do papel da mulher ao seu discurso social. Graciano (1978), Mead (1969), Bourdieu (1995), dentre outros, interpretam essa divisão do mundo a partir das diferenças biológicas, de tal forma que ambos os sexos detêm o poder; um, masculino, público; outro, feminino, privado, ligado ao mundo das mulheres com suas funções maternas e reprodutoras.

Segundo dados do Dieese/Seade (2004), no final da década de 80, a mulher recebia 54% do salário homem. Significa dizer que, no mercado de trabalho, duas mulheres valiam pouco mais do que um homem, atualmente são 65%. Ou seja, aproximadamente uma mulher e meia equivalem a um homem. Em Campos Verdes também as mulheres sofrem de discriminações, pois as mesmas são impedidas de trabalharem dentro das minas, restando-lhes a sieba, a cata das areinhas ou um emprego nos lavadores.

Ser mulher para o grupo de siebeiras que participou dessa pesquisa é ser múltipla: esposa, dona-de-casa, mãe, avó, filha, velha e siebeira, a dona de casa busca novos espaços que transcendem a esfera doméstica. A figura 27 ilustra a idéia de que em Campos Verdes, em muitas famílias, essa situação é diferente, já que a siebeira é que está trabalhando, de modo que muitas vezes assumem a chefia e mantêm a casa trabalhando na sieba.

Outra situação que pode ser observada durante a pesquisa, é que algumas mulheres acabam por tornarem-se as únicas mantenedoras do lar siebando nos bagaços, o que pode ser verificado no depoimento abaixo. Maria Antonia de Jesus acrescenta que:

Então siebar é lavar aquele bagaço que foi jogado fora. Que foi que eu fiz? Desde o início eu montei um poço aqui. Ai o pessoal vai lá para lavar eu não cobro nada, forneço os martelos, as peneiras com os tamanhos diferentes, como deve ser e coloco dentro do poço um rapaz para quebrar, peneirar e lavar para eles. Ai o rapaz põe a peneira perto deles e eles catam as pedras. Depois que eles cata, eles joga aquele bagaço fora, então eu vou com meu martelinho e começo a siebar. Torno a bater, a lavar e a peneirar. Dali eu tiro o dinheiro para manter o poço, com as peneiras e o ajudante, e também para manter minha família. Aqui já foi muito bom, já arranjei pedras boas, pedras ruins. Já foi bom demais, mas agora só da para viver. Meu marido adoeceu e só vive doente. Eu vou para a sieba para manter a casa (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

Percebe-se que as mulheres acabam por tornarem-se as únicas responsáveis pela manutenção da família.

De acordo com Sousa (1986), essa situação já foi analisada em regiões de garimpo desde o século XVIII, pois segundo a autora a família de gente livre pobre se estruturou independente dos laços matrimoniais e uma pesquisa setecentista revelou a enorme importância das mulheres como “cabeças de família”, ou seja, como chefes de casa.

De todos os fogos arrolados, 45% eram dirigidos por mulheres, sendo que em 83,1% destes casos, elas nunca haviam se casado. Estava longe o tempo em que faltavam mulheres nas Minas: a partir da metade do século tornaram-se numerosas, o que encorajou a promiscuidade e criou condições para a predominância de fogos femininos. Estas mulheres eram na sua grande maioria, negras e mestiças pobres, o que pode ser verificado no fato de pouquíssimas – 5,2% - dentre elas, em Vila Rica, serem chamadas de *donas ou senhoras* (SOUZA, 1986, p. 70, grifo da autora).

Essa inserção no mercado de trabalho traz a autonomia financeira para as mulheres, como é o caso das siebeiras do município analisado, pois muitas dessas mulheres têm sido as principais responsáveis pelo sustento da casa, seja por motivo de doença ou falecimento do marido, seja por ser mãe solteira, ou por sua própria opção pessoal de manter-se sozinha. De acordo com Maria de Fátima Teixeira:

Eu criei meus filhos todos siebando, já tenho uma filha que está até fazendo faculdade e vou dizer, tudo isso siebando. Meu marido nunca mais andou, ficou dezoito anos doente e veio a falecer agora no dia 3 de fevereiro 2005. Eu levantava quatro e meia da manhã, dava banho nele, fazia comida e deixava tudo pronto para ele. Eu sempre sustentei a casa com a sieba do garimpo, eu acredito que é melhor do que qualquer emprego (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

A família, nesse sentido, tem tomado novas configurações, com o surgimento da família monoparental, onde somente um dos cônjuges vive no domicílio, surgindo o que Castells (1999) fala da crise da família patriarcal, na medida em que o comando da casa deixa de ser função exclusivamente do homem. Muitas famílias se estruturaram dessa forma em Campos Verdes, algumas porque os

esposos morreram ou se acidentaram, outras por não terem se casado e outras por opção pessoal, segundo elas, “para não ter quem mandar na gente”.

### 4.3 - Memórias coletivas - histórias do garimpo

Foi possível perceber durante os encontros com as siebeiras que as condições para o florescimento das narrativas está diretamente ligado à história do garimpo. Segundo elas com a descoberta das esmeraldas, logo tiveram que mudar-se para cá, para uma cidade que ainda não existia, pois onde foi descoberto o garimpo só existia a casa do Sr. Antonio Gambira. A Senhor Antonio Gambira era um produtor rural que residia em sua propriedade há bastante tempo, o qual vendo suas terras serem invadidas pelos garimpeiros, preferiu vendê-las ao Paulo Japonês, o lavrador, praticamente foi expulso de suas terras que hoje são ocupadas por garimpeiros.

Os depoimentos evidenciam as memórias coletivas com relação ao início do garimpo:

Eu vim para cá em 81, tem 25 anos que eu moro aqui. Morei primeiro na rua dos baianos, em um barraquinho de lona preta. Aqui no início era só barraco de lona de plástico preta, ninguém construía casa, porque não sabia se esse garimpo ia durar, foi só com o tempo que o povo começou a mudar o jeito de construir, principalmente por causa da violência, a gente só ouvia o povo dizer que fulano tinha matado sicrano enfiando a faca pela lona. A gente morria de medo de tanto tiro e violência, mas a gente não arredava o pé daqui, por causa das esmeraldas, tinha demais. Na rua dos baianos começou morando eu, a Maria do Palmiro, a Angelina, a Elia, era só baiano. Nois ainda tem uma casinha lá, nesse mesmo lugar. A gente tem até uma área (área de garimpo) lá também, ta arrendada, quem toca é o Nivaldo. Eu comecei a siebar desde que cheguei aqui, eu morava no garimpo da Carnaíba e já siebava lá também, aí meu marido veio pra cá e eu vim com ele. Eu sempre morei de garimpo em garimpo: Mina da Carnaíba, Mina da Galega, Mina da Cabeluda e agora Goiás. Siebar é pegar aqueles bagaços que o povo já jogou fora e começar a quebrar os boinho, toda siebeiras já tem seu martelinho. Onde a gente encontra um bagacinho a gente já agacha e começa a quebrar. Lá na Bahia não chamava siebar não, lá era aguigilar, esse termo de sieba é daqui, por que aqui se lava o xisto, lá a gente lava o cascalho, por isso que é aguigilar. Sempre a gente acha alguma coisa e vende a produção por 100, 200, 300 até mil reais eu já vendi. Teve uma vez que eu peguei um bamburro danado, achei uma faísca e vendi por seis mil. Nossa! Era dinheiro demais. Botei no banco. Foi o que me ajudou quando meu marido adoeceu. (ELIA GOMES DOS SANTOS, depoimento em entrevista, nov. 2006).

A figura 28 mostra o auge do garimpo, cheio de gente garimpando na região do valetão. A caixa de madeira, tipo fogueira de São João que se vê uma no meio e a outra no canto direito são as bocas das minas. No início eram descidas assim, com esse tipo de madeiramento para segurar a terra para não desbarrancar. Ao redor do poço de água percebe-se os garimpeiros e as siebeiras procurando as esmeraldas. Por isso que nas memórias das siebeiras estão guardadas as imagens desse tempo em que encontravam esmeraldas na flor da terra. Bastava que chovesse e formasse um poço para as esmeraldas começarem a brilhar. Todos ganhavam dinheiro das crianças aos adultos.



Figura 28 – Região do Valetão no auge do garimpo, no ano de 1982

Fonte: Sonilda Aparecida

Nas representações das siebeiras as imagens do bamburro são constantes, em relação ao início do garimpo. A maioria delas sabe exatamente quando o garimpo começou a fracassar, com as esmeraldas cada vez mais difíceis. Conforme Maria de Fátima Teixeira:

Eu cheguei aqui em 81, o garimpo estava no início e já fui logo começando a trabalhar. Logo, logo, já fui comprando xisto e lavando. Nem tinha casa aqui, só barraco de lona preta. Água, só se fosse dos buracos, com cheiro da pólvora que usavam para furar as lajes de pedra. Eu já bamburrei muito,



uma vez eu peguei uma pedra extra e vendi por seis milhão, para você ter uma idéia do valor dessa pedra, veja só, uma camionete D-20 custava um milhão e meio, então com o dinheiro da pedra eu poderia comprar 4 camionetes D-20. Eu fui a mulher que pegou a melhor pedra nesse garimpo. Só que quando eu bamburrei de verdade, logo depois o meu marido sofreu um acidente. Eu fui para Belo Horizonte e fiquei lá um ano, paguei com esse dinheiro cinco meses de hospital particular para meu marido. Depois os amigos começaram a ajudar, e ajudaram de verdade. Eu fiquei lá um ano, morando no hospital, cuidando de meu marido, ele quebrou a coluna vertical, a C6 e a C5. Eu vim embora com ele em uma cadeira de rodas, e nunca fiz outra coisa a não ser lavar xisto (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

A fase áurea do garimpo também está presente em suas memórias, cada um em suas singularidades, pois segundo Meihy (2000, p.18):

Em história oral, o coletivo não corresponde à soma dos particulares. A observância do indivíduo em sua unidade é básica para se formular o respeito à experiência individual, que justifica o trabalho com depoimento.

Desse modo, é possível compreender o discurso de Maria do Palmiro, segundo a qual:

A melhor época do garimpo foi até 95, aí ele foi caindo, caindo. A gente mora ainda aqui porque a gente gosta demais de Campos Verdes. A gente ajudou até a emancipar esse garimpo (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

#### 4.4 O gosto pelo garimpo

As mulheres siebeiras não parecem vislumbradas com a idéia de mudarem de vida, parecem que gostam do que fazem nos garimpos. A idéia de que gostam do que fazem, está presente em seus depoimentos, quando dizem:

Amanhece o dia, a gente pega o martelinho e já vai procurar um bagaço para siebar. Aí a gente pega o boi e começa a quebrar. Sempre fica alguma coisa para as siebeiras. Olha, eu dou tanta sorte com sieba que eu pedi para jogar aqui na porta um pouco de cascalho, por causa da lama, na época da chuva. Um dia tava aqui na porta, tinha chovido, então comecei a olhar aqueles boinho, corri lá dentro peguei meu martelinho e comecei a quebrar. Achei uma pedra que eu vendi por quinhentos reais. Já sustentei demais a minha família só com sieba. Eu criei dez netos, só com sieba. Eu sai do garimpo e vim aqui para Terezinha, por que eu achei o clima aqui melhor, mais fresco. Mas todo dia eu pegava o ônibus das seis da manhã, Minha filha caçula ficava com os netos. Depois meu marido teve derrame, foi para a cadeira de rodas, aí tive que parar um pouco para cuidar dele, mas nunca deixei totalmente de siebar. Quando é dia de sábado eu vou e deixo ele na casa da minha filha, que fica com ele para mim, eu corro pego meu martelinho, um saquinho e já vou para a sieba. Sei que vou ganhar o dia e se tiver mais um dia de sorte ganho a semana, o mês e quem sabe até o ano, como foi daquela vez que eu peguei uma pedra e vendi por seis mil (MARIA OLIVEIRA, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Todas as siebeiras moradoras de Campos Verdes enfatizaram o sentido de permanência e pertencimento ao garimpo. É perceptível nos depoimentos a preocupação em ressaltar as relações através das quais entraram no garimpo e a estabilidade das mesmas, como um indicador da rede social que cultivam e de como a partir dela se situam e se qualificam no garimpo de esmeraldas. Ao fazê-lo, estão construindo sua identidade como *verdadeiros campos verdenses*, mesmo não tendo nascido ali.

A condição de vida das siebeiras se constitui, pois, em uma posição permanente, uma vez que a maioria delas disse que gostam do que fazem e que não pretendem mudar de atividades econômicas. O relato a seguir confirma essa situação, com uma idéia de pertencimento ao garimpo:

Sempre siebei. Antes a sieba era melhor porque eles lavavam uma vez só. Tinha tantas esmeraldas boas que eles não se preocupavam com as mais ou menos não, deixava passar muita coisa. Hoje como estão escassa, eles estão lavando uma, duas e olhe que tem gente que lava até três vezes. Mas eu já vi uma coisa. O que é do homem o bicho não come. Mesmo ele lavando esse tanto de vez, eu ainda vou lá, quebro e lavo de novo e sempre acho alguma coisa. Meus dez, quinze ou vinte reais sempre eu trago para casa. Eu moro aqui nesse lavador, que é de uma comadre minha e sempre siebo por aqui. A gente que tem coragem de siebar e sabe que Deus é grande, sempre acha a merenda dos filhos. Eu falo mesmo minha irmã, aqui nesse garimpo só passa fome se quiser ou se tiver vergonha de siebar. A sieba não deixa a gente voltar para casa de mãos vazias não. Pode até valer menos, mas a gente sempre acha. Eu não tenho vontade de sair daqui não, nunca vou deixar de siebar, a gente nun tem carteira assinada não, mas também não fica sem dinheiro igual os que são empregados e só recebem uma vez por mês. Prefiro ter meu dinheiro todos os dias (LUCINEIDE BARBOSA DA SILVA, depoimento em entrevista, abr. 2006).

No conjunto dos depoimentos estava presente também a relação entre o tempo no garimpo, a respeitabilidade, a credibilidade e a ascendência que a siebeira tem em sua mente sobre os demais profissionais de Campos Verdes.

Olha o salário mínimo é trezentos reais, às vezes trezentos reais a gente tira em uma pedra só, a gente pode achar uma pedra e vender até por muito mais que isso. Eu acredito que é melhor do que ser professora, com doutorado e tudo, por que aqui a gente sonha, trabalha sem saber o que vai ganhar. Pode ser que termina o dia com pouco, mas sem nada é mais difícil. Quando o garimpo ta bom então nem se fala. Meu desejo é que voltasse a ser como antes, porque o que tá acontecendo aqui agora é que muita gente ganhou dinheiro, dinheiro demais e não souberam investir, porque o garimpo é o seguinte: ganha fácil e vai fácil. Todo mundo ganhou fortuna nesse garimpo. Foi o garimpo que mais fez milionário, mas muitos perderam tudo, não investiram. Os espertos foram os que investiram fora, esses tão ricos. O garimpeiro é assim: se ganhar mil reais agora, amanhã ele já gasta dois mil, porque pensa que vai vir outro fácil. O garimpeiro não tem orçamento e as siebeiras também não. A gente sabe que não volta de mãos vazias. Por isso que nunca vou morar longe desse garimpo. Eu moro

aqui em Santa Terezinha, mas todo dia cedo vou lá para o garimpo (MARIA DE FÁTIMA TEIXEIRA, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Nota-se também pelos relatos que as mulheres siebeiras, dificilmente, estão no garimpo sozinhas e da mesma forma que as demais mulheres elas entram sempre acompanhadas no garimpo. Exceto quando as mesmas vêm para a prostituição, e como regiões de garimpo é região de muitos homens, logo acabam casando ou se amasiando.

#### **4.5 A violência do garimpo e a discriminação às mulheres**

Na análise de trajetória de vinda das mulheres para o garimpo, nos anos oitenta, percebe-se que durante alguns anos as mulheres foram proibidas de entrar no garimpo, só se fossem casadas. A Polícia Federal se fazia presente e proibia todo tipo de bebidas alcoólicas (Lei Seca) e mulheres separadas, com o intuito de combater a violência, tal como narrada nas entrevistas, observa-se que todas às vezes que essas mulheres foram levadas aos garimpos, registra-se a presença explícita de maridos. Segundo Elia Gomes dos Santos:

Quando a Federal veio para cá a coisa ficou feia, não dava trégua um minuto, mulher sem marido não entrava, tinha que provar que era casada. As que num era, tiveram que ir tudo para Santa Terezinha, a gente via os jeep passando cheio de muezada. Aqui não podia ter nenhum tipo de bebida alcoólica, nada, nada. As mulheres sem marido iam para as Malvinas (casa de baixo meretriz na cidade de Santa Terezinha). Eu fiquei porque era casada (Depoimento em entrevista, nov. 2006).

A vinda da Polícia Federal foi devido ao alto índice de violência registrado no garimpo. Dados extraídos dos depoimentos evidenciam exatamente a violência que lá existia, como se pode ver no seguinte relato:

Se a gente tivesse que sair de noite, às vezes por grande precisão, com filho doente, sabia que tinha que voltar antes da 10 horas, senão só ouvia bala. Isso porque às dez horas desligava o motor da energia, ficava escuro e o povo descarregava o revólver, era só bala zunindo por todos os lados, dava vontade de virar tatu e esconder dentro da terra. Aqui morreu gente demais, muitos homens e muitas mulheres, baiano e goiano, muitos, muitos mesmo, aqui o povo nem sabe a conta. Eu perdi muitos amigos e amigas que morreram matados, quando não era de faca era de bala. Passei medo demais, mas nunca tive coragem de sair daqui, porque a gente ganhava muito dinheiro. Tenho muitas saudades do que era, não da violência, mas do tanto de esmeraldas que tinha. Eu ganhava dinheiro demais. Sempre pegava um bamburro. Tinha dia que eu caçava o que comprar e não tinha, dinheiro sobrava no bolso, dinheiro na mão e não sabia nem o que comprar mais. Eu ganhava dinheiro demais, demais mesmo. Eu nunca mais peguei tanto dinheiro assim. Era muito dinheiro. (ELIA GOMES DOS SANTOS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

A partir de meados dos anos 80, quando o garimpo estava no auge, a violência reinava, e o fato de ser uma currutela<sup>47</sup> onde não havia Delegacia de Polícia fazia com que essa violência aumentasse e começou a ser vista como um problema de segurança pública, pois passou a ser palco de inúmeros episódios violentos.

Para seus moradores, sua segurança seria especialmente vulnerável devido às "balas perdidas", conforme pode ser observado nos depoimentos a seguir:

Foi muito bom ter emancipado, passamos a ter paz. A violência era grande demais. Eu morria de medo de morrer. Todo dia ouvia bala zunindo. Hoje a gente tem sossego, não tem violência. Não tem ladrão. Olha só para a senhora ver. Eu compro xisto para todo mundo que quer lavar lá no meu lavador. Eu não sei ler nem escrever, sou é muito boa de conta, o povo até fala que eu tenho um computador na cabeça. Chega um e diz: quero três carrinhos, outro diz que quer cinco; outro dez e assim por diante. Recolho o dinheiro de todo mundo. Vou no corte, no dia da venda, e compro aquele tanto de xisto. Quarenta mil, cinquenta mil, conforme for o valor do xisto. Levo tudo para meu lavador e lá faço a divisão direitinho, de acordo com o que eles me pagaram. Nunca erreí ou tive dúvida para perguntar quantos carrinhos mesmo você mandou eu comprar? Não senhora, eu já sei que de fulano foi tanto, sicrano tanto e entrego tudo certinho. Nunca ninguém reclamou. Não cobro nada por isso, mas eles têm que lavar no meu lavador, porque depois eu vou siebar no bagaço deles e manter a minha família, ai, estão todos aí, minha família tá criada e eu tô agora criando os netos e bisnetos (MARIA ANTONIA DE JESUS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Uma senhora, que veio para o garimpo como prostituta, e que hoje é uma senhora casada e siebeira, relata como sobreviveu á violência daquela época:

Quando eu vim para cá, aqui tinha homens demais, muitos mesmo, de todos lugares do Brasil, a gente podia até escolher com quem ia dormir naquela noite, se da Bahia, se do Goiás, ou se de Minas, a gente podia até escolher se era brasileiro ou não. A gente sempre brincava umas com as outras de que região do Brasil a gente ia dormir naquela noite. Não podia rejeitar homem não, se naquela noite já tivesse firmado com um, não podia se atrever a deitar com outro de jeito nenhum. Eu nunca desrespeitei os compromissos. Por isso me mantive viva. Vi muitas colegas minhas morrerem antes da Polícia Federal chegar aqui. Outra coisa que eu fazia, era sempre pensar como a Cinderela, ou seja, eu tinha hora. Como eu sabia que a luz desligava às 10 horas, quando dava nove e meia eu pegava meu homem daquela noite pelo braço e já ia para o quarto. Quando começava os tiroteios, na hora que desligava a luz, eu já estava quentinha e quietinha nos braços dele e meu dinheiro também estava garantido. Acredito que foi por isso que sobrevivi. Hoje eu sou casada e bem casada graças a Deus, siebo por que já estava acostumada a ter meu dinheirinho, então para não ter que ficar pedindo meu marido, levanto cedo, arrumo correndo a casa e corro para a sieba. Quando dão 11 horas volto correndo, faço almoço, arrumo a cozinha e já volto para a sieba. Sempre dou graças a Deus por ter vindo para esse garimpo. Aqui conheci pessoas maravilhosas, sou muito feliz. (M.L.C, depoimento em entrevista, abr. 2006).

---

<sup>47</sup> Povoados que pertencem a um outro município.

Uma outra ex-prostituta fez o seguinte relato:

Eu em 82 tive que sair correndo desse garimpo, andei brincando com um homem violento e ele achou que era meu dono. No outro dia quando me viu com outro queria me matar, tive que sair correndo, mesmo assim ainda levei uns tiros nas pernas. As marcas estão aqui para provar. Não aconteceu nada com ele. Não tinha nem polícia aqui. Era lá de Santa Terezinha, vinha de vez em quando aqui. Isso aqui era muito violento. Mas como eu tinha ganhado muito dinheiro, fui para Goiânia dar um tempo. Foi até bom, porque naquela época tinha inventado um tal de flamboant, lá tinha loja de tudo quanto era jeito. Desfrutei o dinheiro que tinha ganhado suando no garimpo. Depois de uns dois anos fiquei sabendo que ele tinha morrido matado. Achei foi bom. Voltei, só que a Polícia Federal estava no garimpo e não permitia a entrada de mulheres solteiras. Ai fui para as malvinas<sup>48</sup>, lá em Terezinha. Agora já estou velha para isso, então o que eu faço é siebar. Tenho quatro filhos, cada um de um pai, sustento todos eles siebando (S.R.T., depoimento em entrevista, abr. 2006).

O relato do Dr. Marinho Souza, médico que reside na cidade de Santa Terezinha, desde o início do garimpo, onde havia o único hospital da região, complementa a história dessas siebeiras, mostrando como o município “mãe” enfrentou a violência reinante no garimpo:

Aqui tinha dia que chegava gente esfaqueado, baleado e acidentado. Eu era, naquela época cirurgião, tinha que fazer de tudo. Às vezes chegava em uma situação muito difícil, e a gente não tinha os aparelhos necessários, então mandava logo para frente, procurar recursos em Ceres, Uruaçu ou Goiânia, não dava para ficar com o paciente aqui. Com o tempo construí outro hospital, bem montado, tinha dia que não tinha vaga. Hoje está abandonado (Depoimento em entrevista, mar. 2006).

Nas representações as marcas das violências, os depoentes ao tocar nesse assunto gesticulam, parecem sentir ainda a presença da violência. Segundo Ecléa Bosi (1994, p. 156): “ao rememorar, o sujeito transfere suas experiências além de sua fala. Gesticula, move seu corpo, olhos e mãos tecendo as suas histórias, tornando-as vivas, dinâmicas”.

Com a emancipação do garimpo, tornando-se o município de Campos Verdes, foi instalada a Delegacia de Polícia, tendo o Sr. Hylo Marques como Delegado. Nas representações mentais o Doutor Hylo ficou com a fama do delegado que acabou com a violência, conforme pode ser verificado pelo depoimento a seguir:

Eu cheguei aqui em 81, tanto eu quanto o João, mas ele veio depois de mim, mais no final do ano. Tem gente que esquece que nos também somos pioneiros. Quando cheguei aqui só tinha três barraquinhos aqui na avenida.

---

<sup>48</sup> Malvinas - região de baixo meretriz. Recebeu esse nome porque lá morriam várias pessoas, segundo os garimpeiros era igual à guerra das Malvinas.

Para nós ainda não tinha barraco, não tinha nada, então nos cercamos um quadrado de palha, e nos dormíamos olhando o céu prateado de estrelas. Era muita violência era só fogo e bala saindo, muita gente morreu, eu escapei e tô aqui para contar a história. Hoje tá calmo, calmo até demais. E quem amansou esse garimpo foi o Dr. Hylo. Depois da emancipação e que ele passou a ser Delegado aqui diminuiu a violência, porque quando ocorria um crime ele saía à procura dos assassinos, e trazia. Se não fosse o Dr. Hylo acho que até hoje tava matando gente aqui todos os dias. Foi ele que acabou com os tiroteios daqui. Ai de nos se não fosse ele (PAULA CORREIA BRAGA, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Segundo o Dr. Hylo Marques Pereira, ex-delegado da cidade de Campos Verdes, “a violência só acabou quando começamos a buscar os bandidos que haviam cometido crimes nos municípios”. Ainda segundo o Senhor Hylo Marques:

Geralmente ocorriam em torno de 15 ocorrências no mês, mas teve um mês, em junho de 90, que houve vinte e sete ocorrências, sendo a maioria com registro de óbito. Aqui era muito violento, terra de ninguém. Quando era época de festa o povo bebia e perdia o controle (Depoimento em entrevista, set. 2006).

Segundo Mello e Souza (1986, p. 162):

A violência latente no seio da camada se desdobrou numa gama enorme de infrações, das mais insignificantes, às mais graves. A documentação permite conhecer a sua natureza, mas nada ou quase nada deixa entrever sobre os seus motivos – ou, pelo menos, não se estende sobre eles.

Em pesquisa nas Delegacias de Polícia de Campos Verdes e de Santa Terezinha de Goiás verificou-se que o número de ocorrências, após a descoberta do garimpo multiplicou. No ano de 1980, na pacata cidade de Santa Terezinha de Goiás não houve nenhuma ocorrência, o mesmo já não ocorre no ano seguinte, pois após a descoberta do garimpo, até o final do ano de 1981 houve o registro de 46 ocorrências, sendo que 29 tiveram ocorrência de morte, quer seja esfaqueado ou baleado.

Os moradores do garimpo viviam em conflito, com diferentes modos de vida, com diferentes costumes valores, idéias e gostos. O conflito era fomentado em territórios e nichos diferentes de sociabilidade, lazer e trabalho, de expressão e simbolização do mundo, criando "corpus" que pareciam conviver paralelamente, competindo entre si e tentando negarem-se um ao outro. É da convivência entre concepções ideológico-culturais diferentes que se origina comportamentos e processos de violência social? Tais relações conflituosas lembram bastante as teorizações sobre a "identidade étnica" e das "fricções" de suas "fronteiras" analisadas por Fredrick Barth (1998), Pierre Bourdieu (1989) e Roberto Cardoso de Oliveira (1976), entre outros autores. Bourdieu (1989) afirma que as identidades regionais ou étnicas são "objetos de representações mentais e objetais" e uma

"forma particular da luta das classificações"; isto é, são "ideologias". Em seu texto sobre as identidades regionais e étnicas evidencia que as lutas pela identidade étnica ou regional dizem respeito a "propriedades ligadas à "origem" (e do lugar de origem) e de seus "sinais duradouros". Segundo Bourdieu (1989, p. 113):

O que está em jogo nessas lutas é o poder de impor uma visão do mundo social da divisão e ao se imporem realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e sobre a unidade e a unidade do grupo.

O município de Campos Verdes se refez. Além de passar por sucessivos processos de reorganização política, de associações, de emancipação, as relações de pertencimento de seus moradores foi aumentando, o que fez com que as pessoas começassem a exigir segurança. Os grupos estabeleceram no garimpo um auto-reconhecimento, o que nos remonta a Barth (1998) e a Cardoso (1976) quando formulam a teoria da identidade étnica por auto atribuição e pela atribuição dos outros, ou seja, um auto-reconhecimento e também diferenças e contrastes com outras naturalidades. Além disso, produzir esse auto-reconhecimento, significou para o grupo produzir "cidadania", pois passaram a exigir seus direitos de segurança.

Como objetivo final dessas mulheres siebeiras, tem-se ainda a aquisição de bens imóveis, principalmente terrenos e casas, mas, sempre no garimpo, ou na cidade mais próxima que é Santa Terezinha de Goiás. De acordo com Maria Pereira da Silva, a Martinha: "A gente sai cedo para a sieba porque sabe que se não juntar dinheiro, a gente nunca vai comprar a casa da gente" (Depoimento em entrevista, abr. 2006). Por outro lado Oliveira destaca que:

Siebar é bão de mais, a gente sai de manhã de mãos vazias, volta com as esmeraldas ou o dinheiro delas nas mãos. Eu e meu marido compramos essa casa aqui na Terezinha porque aqui é mais fresquinho. Toda vida a gente queria comprar uma casa aqui. Com a doença do meu marido a gente viu que foi bom ter comprado essa casa. Aqui é melhor para ele. (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

Mesmo, como haviam dito antes, o garimpo estar passando por fases difíceis, as siebeiras sabem que será de lá que irão tirar o sustento de suas famílias e se possível realizarem suas intenções de adquirirem sua casa própria.

#### 4.6 A escolaridade das siebeiras

Outra característica marcante percebida durante os relatos foi a falta de escolaridade das siebeiras. A negação, às mulheres, da obtenção dos direitos masculinos parece ser mascarada com uma demasiada reverência dada aos afazeres domésticos executados por elas. Surge, então, a sieba, a busca da autonomia, deixando de lado, inclusive, alguma ambição em relação ao ingresso em instituições de ensino. Conforme a senhora Martinha:

Não, nunca estudei não. Passava o dia na sieba, quando chegava em casa tinha que arrumar a casa, lavar roupa, cuidar dos filhos. Quando acabava tudo isso já era hora de dormir. No outro dia era tudo igual (Depoimento em entrevista, abr. 2006).

Percebe-se nos vários depoimentos das mulheres siebeiras a preocupação em manter a casa e a despreocupação com os estudos. A memória coletiva dos relatos das siebeiras exprime as dificuldades pelas quais elas passam para conciliar hora de trabalhar, siebando com o horário que deveriam ter destinado para se dedicarem aos estudos.

Sou analfabeta, só fui perceber a falta disso muito mais tarde. Ai já estava velha demais. Pensei até em freqüentar a escola de noite, mas quando chega a noite estou tão cansada que só quero mesmo é dormir. (MARIA ANTONIA DE JESUS, depoimento em entrevista, abr. 2006).

Nas representações das siebeiras a falta de escolaridade está associada a uma passagem de tempo acelerada, a um ritmo intenso de garimpo, onde a procura às esmeraldas, e a força pela sobrevivência sobrepuja-se aos demais valores.

Durante os depoimentos umas apoiavam-se nas memórias das outras para justificar o porquê de terem abandonado a escola. Halbwachs (1990, p. 135) destaca em sua discussão sobre a *Memória Coletiva* que:

Se colocarmos em primeiro plano os grupos e suas representações, se concebermos o pensamento individual como uma série de pontos de vista sucessivos sobre os pensamentos desses grupos, então compreenderemos que eles possam recuar no passado e ir mais ou menos longe conforme a extensão das perspectivas que lhe oferecem cada um desses pontos de vista sobre o passado tal como é representado nas consciências coletivas das quais participa. A condição necessária para que seja assim, é que em cada uma dessas consciências, o tempo passado, uma certa imagem do tempo subsista e se imobilize.

No trabalho diário as siebeiras conciliam os afazeres domésticos com a sieba. Precisam conseguir lavar, passar, cozinhar e ainda siebar, pois muitas vezes



tem que conviver com a idéia de que são as únicas provedoras de seus lares. Portanto, o investimento na escola ficava para segundo plano. Pouquíssimas siebeiras concluíram o Ensino Fundamental. Em suas representações ficou o desejo de saber ler, mas ficou também a conformação de que teriam que optar entre trabalhar ou estudar.

As mulheres, enquanto portadoras de uma memória coletiva, com sua sensibilidade e atenção a detalhes das pequenas coisas, guardam a essencialização e a naturalização de papéis sociais definidos pela diferença sexual entre mulheres e homens. No contexto do garimpo, a essencialização do feminino parece ser uma estratégia que dá voz à diferença: o feminino o ser atento, aquele que consegue descobrir esmeraldas em terras já lavadas, na sieba, no resto. A perspicácia e olhar atento das mulheres são essenciais na cata de areinha, na lavagem do xisto e na sieba.

As mulheres siebeiras precisam enfrentar diversas lutas, dentre elas a de conciliar o trabalho doméstico com a sieba, além da exploração como trabalhadoras, são discriminadas por serem mulheres, por exemplo, nas minas não as aceitam, cabe à elas o trabalho de siebar, ou trabalhar em lavadores. São poucas as que têm emprego com carteira assinada.

Na sociedade capitalista, as mulheres assumem a maior responsabilidade pelo cuidado de todos os membros da família. Dessa forma acabam ficando na linha de frente da batalha pela sobrevivência, não se importando consigo mesma, preferem dar estudos aos filhos do que a si própria, muitas vezes mantendo jornada dupla, entre os afazeres do lar e outro trabalho fora de casa.

#### **4.7 Outras atividades femininas**

Em Campos Verdes muitas outras mulheres se destacaram, dentre elas a Zélia Soares, dona do Posto de Gasolina, ex-vereadora da cidade de Santa Terezinha e líder política de Campos Verdes.

A dona Maria do Bolo, que no imaginário social se faz presente, pois a mesma sempre chega com suas quitandas nas “bocas” das minas, no trecho, nas portas das

casas, quase sempre no horário do lanche. Dificilmente alguma criança da região não tenha comido alguma de suas quitandas. Com a bacia na cabeça percorre Campos Verdes vendendo seus bolos, dessa forma sustenta sua família.



Figura 30: Dona Maria do Bolo

Fonte: Sonilda Aparecida

Vale lembrar que toda legislatura tem como representantes vereadoras, sendo que na primeira legislatura houve três representantes femininas. Muitas professoras também estão nas representações do povo esmeraldino e merecem ser mencionadas, pois fizeram parte do contexto histórico do município dentre elas: Valéria Karla da Silva, Elândia Martins de Moura (popular Índia), Sonilda Aparecida de Fátima, Elizabete Guedes, Elizabete Mesquita Franco, Aparecida Vasconcelos, Neide, Gildete e muitas outras...

Outras se destacaram pela alta capacidade administrativa em minas de esmeraldas, como é o caso da Fátima da ITAOBI, a única mina administrada por mulher, a qual está nas representações do povo esmeraldino como a “mulher de pulso forte”, uma grande administradora.

## CONSIDERAÇÕES “QUASE FINAIS”

A noção de patrimônio passou por modificações ao longo do tempo. O patrimônio cultural é composto não apenas por bens materiais, como também por imateriais. Ambos os bens, porém, estão repletos de problemas a serem solucionados com estudo de caráter transdisciplinar. O estudo de bens imateriais deve analisar a função da memória e da tradição para consolidar identidades sociais.

A noção do patrimônio campos verdense abrange a memória da descoberta do garimpo, de bamburros, de blefos, da emancipação do município e de pessoas, mesmo aquelas que já não existem mais, como é o caso no Nego Sindó, o qual a maioria dos garimpeiros conheciam e admiravam, mas que morreu matado, outra pessoa muito lembrada foi a Mariona Preta, uma mulher trabalhadora, incansável, que não media esforços em seus trabalhos, mas que foi vencida pelo alcoolismo.

As lembranças do povoado, construídas como patrimônio, são significativas e estão presentes nas falas dos pioneiros, os quais mantêm a memória viva entre seus moradores, embora esses pioneiros não se sintam como patrimônio vivo da memória local, porém ficou claramente evidenciado durante este estudo, que a construção das identidades locais são pressupostos fundamentais para a manutenção da memória coletiva.

A utilização da história oral propiciou ao povo esmeraldino a fala, de forma livre e espontânea, para que expusessem suas memórias relativas ao garimpo. Permitiu que os relatos individuais e coletivos do passado ganhassem voz e que fossem reconhecidos como parte da história de Campos Verdes, tornando-se, pois patrimônio imaterial, em um diálogo entre história e memória coletiva, os quais são a expressão de uma cultura particularizada que representa uma identidade distinta, pois a memória é um fio condutor para se entender a identidade e a territorialidade.

Pelas observações feitas ao longo dessa pesquisa etnográfica, foi possível perceber que independente do reconhecimento dos pioneiros como patrimônio da memória local, os garimpeiros, donos de minas, siebeiros e demais moradores antigos, passaram por um processo de reconstrução identitária. Pois, a afirmação deles enquanto grupo diferencial dos “outros”, implicou na construção de discursos de auto-afirmação.

Reconstruindo a memória coletiva, verificou-se que disputavam a versão oficial da história do descobrimento do garimpo. Por um lado os relatos que confirmam que quem descobriu o garimpo foi o patroleiro Diolino, e por outro lado os moradores antigos que afirmam não ter sido ele, uma vez que não existem veias de esmeraldas às margens da estrada. Sendo assim, a memória coletiva aparece como um discurso da alteridade, no qual a posse de uma história e de uma memória dão ao grupo sua identidade. Vale aqui ressaltar que o Senhor Diolino ainda é vivo, porém recusou-se a dar depoimentos para este estudo.

Quando os moradores se auto-definem como garimpeiros, siebeiras, ou donos de minas, estas identidades não são distintas, elas estão imbricadas, deste modo podemos denominá-las de identidade situacional, uma não nega a outra, todas são profissões que ocorrem em regiões de garimpo. Neste sentido não há uma passagem de uma identidade para outra, pois elas estão juntas no contexto do garimpo. Utilizando a noção de “lugar de fala” (WOOTMAN E., 1998) é possível apontar o garimpo como um “lugar de memória”, ou seja, uma “terra de memória”, pois nas representações dos pioneiros ficou gravado o contexto histórico da descoberta do garimpo, a emancipação e a violência que reinava na década de 80.

Outra questão percebida durante a pesquisa foi a monoparentalidade, como é o caso das mulheres siebeiras, que acabam por assumirem a chefia e manutenção da casa. Elas mudam seus hábitos, suas atividades domésticas e passam a sujeitar-se a trabalhos braçais cansativos, nos lavadores de xisto na cata às esmeraldas, com o objetivo de bamburrarem e de manterem da melhor forma a sua família.

Foi possível resgatar através das memórias, na voz das siebeiras, suas trajetórias pessoais como mulheres que não deixaram do trabalho do garimpo e do serviço doméstico, apesar de ingressar num espaço tradicionalmente destinado aos homens. Nos respectivos depoimentos, cada uma delas relata a maneira como foi pensado e vivido o processo de vida dupla, entre o trabalho na sieba e o trabalho de dona de casa, numa tentativa de conquistar o seu espaço social e profissional.

Elas guardam, em suas memórias, os momentos conflitantes, tentando se inserir na comunidade e exercer a profissão de siebeira, conquistado por direito ao longo de sua vida e de sua jornada de trabalho, mesmo que para isso tenha de esquecer a si própria, não freqüentando escolas, porém exigindo que seus filhos estudassem.

Vivendo no trabalho e na busca de seu espaço, as siebeiras podem ser consideradas como pessoas com possibilidades de romper a barreira do preconceito. Não são vistas como vítimas, mas como alguém que resgata do seu interior os silêncios que a sociedade capitalista oculta. Muitas vezes os depoimentos das siebeiras tiveram de ser interrompidos, por lembrarem épocas difíceis, como a morte de filhos mortos durante a época de violência do garimpo, ou mesmo por lembrarem momentos conturbados, como quando o garimpo ficou fechado, ou mesmo quando desbarrancou e matou vários garimpeiros, o que nos remete a Bergson (1999, p.54): "o que seria uma dor separada do sujeito que a sente?". Era possível perceber as dificuldades nas narrativas, fazia-se, portanto, uma pausa e no outro dia iniciava-se os depoimentos, procurando evitar detalhes emotivos.

As memórias do povo de Campos Verdes evidenciam que as tecnologias utilizadas pelas siebeiras são o martelinho, o olhar, a persistência e um "saber fazer" diferenciado para buscar nos bagaços aquilo que não foi encontrado por outras pessoas que já haviam lavado o xisto antes delas.

Espera-se com este estudo contribuir para manter vivas as experiências por elas vivenciadas, registrando as atividades e as memórias, marcadas por protagonistas femininas, as quais desempenham um papel básico para a vida coletiva.

Torna-se necessário entender que o patrimônio imaterial tem a memória como seu principal suporte, e cabe aos estudiosos registrá-las.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO.M. L. *Garimpo de ouro no Brasil: desafios da legalização*. Tese de Doutorado. Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. *Mineração e Desenvolvimento Sustentável: desafios para o Brasil*. I Janeiro: CETEM/MCT, 2002.

BARTH, Fredrik. *Grupos étnicos e suas Fronteiras*. São Paulo: UNESP, 1998.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIONDI, João Carlos. Depósitos de esmeralda de Santa Terezinha/GO. *Revista Brasileira de Geociências*, março/dezembro de 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. São Paulo: Cortez, 1989.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: 1988.

BRASIL. Departamento Nacional de Produção Mineral. *Levantamento nacional dos garimpeiros. Relatório Analítico*. Brasília: DNPM, 1993 (Série Tecnologia Mineral, 45).

BRASIL. DIEESE. *POF – Pesquisa de Orçamentos Familiares*, 2004.

BRASIL. Ministério das Minas e Energias. *Portaria 442*. Brasília: março de 1984.

CAMPOS VERDES. *Campos Verdes: contexto histórico*. S.M.E,1990.

CAMPOS VERDES. *Projeto de Governo 2001 – 2004*. Secretaria de Administração, 2002.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2001.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Guanabara, RJ: Rocco, 1994.

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral. *Levantamento nacional dos garimpeiros. Relatório Analítico*. Brasília: DNPM, 1993. (Série Tecnologia Mineral, 45).

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ECKERT, Cornélia. *Memória e Identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Caderno ILUMINURAS, n. 8, 2001.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE CAMPOS VERDES. Estatuto. Campos Verdes, 1986.

FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: \_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

\_\_\_\_\_. *O Saber Local*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GRACIANO M. *Aquisição de papéis sexuais na infância*. Cadernos de Pesquisa, 25, 29-44, 1978.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2001.

JAPIASSU, Hilton. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

\_\_\_\_\_. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KRITSCH, Rebeca. Uma aventura no garimpo de esmeraldas. *Jornal O Estado de São Paulo*, São Paulo, 1999.

LARAIA, Roque B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

LASCH, Christopher. *A cultura do Narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 2ª ed. Trad. Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 1992.

LEVÍ-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *O desencanto do Oeste e identidade no médio Araguaia*. Goiânia: UCG, 2001.

MACEDO, Maurides. *Os garimpos de diamante do Araguaia: Baliza 1922-1960*. Goiânia: UCG, 2000.

MARQUES DOS SANTOS, A. Carlos. *Entre a destruição e a preservação*. In: SCHIAVO, C.; ZEITEL, J. *Memória, Cidade e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ/IPHAN, 1997.

MEAD, M. *Sexo e Temperamento*. Trad. R. Krausz. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MINAS GERAIS. *Diagnóstico Setorial Gemas e Jóias do Nordeste do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1993.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PALACÍN, Luiz. *O século do ouro em Goiás*. 3. ed. Goiânia: Oriente/INL-MEC, 1979.

PALACÍN, Luiz; SANT'ANNA DE MORAES, Maria Augusta de. *História de Goiás*. Goiânia: UCG, 2006.

POUTIGNAT, Philippe. *Teorias da etnicidade: Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.



- RIBEIRO, Luciana Alvarez Escaneo. *Expressões orais e gráficas dos índios Wajãpi: patrimônio imaterial*. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br>>. Acesso em: 14 set. 2005.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. *Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamentos no Brasil*. Trabalho apresentado na XXX Reunião Anual de Psicologia. Brasília: 26 a 29 de Outubro, 2000.
- ROCHA-COUTINHO, M.L. *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SAFFIOTI, H. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.
- SALES, Herberto de. *Garimpos da Bahia*. Serviço de Informação Agrícola. Maranhão, 1955.
- SANT'ANNA, Márcia. *A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimentos e valorização*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.
- SETÚBAL, P. *O ouro de Cuiabá*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.
- SILVA, Alexandre Pessoa da. *Projeto Itaituba: programa de desenvolvimento de tecnologia ambiental*. Rio de Janeiro: CETEM/CNPq, 1997. 66p. (Série Tecnologia Ambiental, 18).
- SILVEIRA, Alex da. *Vila São Jorge e Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: o impacto cultural de um projeto ecológico*. Brasília: Universidade de Brasília/Departamento de Antropologia, 1997.
- SOUZA, L. M. *Desclassificados do ouro*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- THOMSON, A. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. *Projeto História*. São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.
- WOORTMAN, Ellen F. *Homens de hoje, mulheres de ontem - gênero e memória no seringal*. In *Memória: anais do I seminário e da II semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás*. Carmelita Brito de Freitas (Org.). Goiânia: UCG, 1988.

## DEPOIMENTOS

1. AÉCIO AIRES FERNANDES, garimpeiro, Brasília, março de 2006.
2. ALCEBÍADES PAIVA MARTINS, garimpeiro, Campos Verdes, março de 2006.
3. ANTONIO DE SALETE DA SILVA – popular Guariba, lapidário, Santa Terezinha de Goiás, março de 2006.
4. BALDUINO DE SOUZA, garimpeiro e comprador de esmeraldas, Campos Verdes, abril de 2006.
5. BARBOSA DA SILVA, esposa de garimpeiro, Campos Verdes, mar. 2006.
6. BENEDITO ANTONIO MACHADO, popular Ditinho Gomides, proprietário de minas, Campos Verdes, março de 2006.
7. CÁSSIA REGINA MENDES DA SILVA, ex-vereadora e proprietária de mina de esmeraldas, Goiânia, junho, 2006.
8. CÉLIO ALVES PIMENTA, Secretário de Minas e Energia do Município de Campos Verdes e Secretário da Cooperativa dos Garimpeiros, Campos Verdes, abril de 2006.
9. DANIEL OMAR, comerciante pioneiro, Goiânia, julho de 2006.
10. DENILSON MARTINS ARRUDA, advogado, chefe do DNPM de Goiânia, março de 2006.
11. DOMINGOS BARROS, garimpeiro e dono de minas de esmeraldas, Santa Terezinha de Goiás, março de 2006.
12. ELIA MARIA GOMES DOS SANTOS, (siebeira), Campos Verdes, novembro de 2006
13. ELOIR BECKER, explorador de minério, Campos Verdes, março de 2006.
14. ESMERALDO BAILONA, fazendeiro, garimpeiro, Campos Verdes, junho de 2006.
15. FERNANDO SOARES, ex-prefeito da cidade de Santa Terezinha de Goiás, abril 2006.

16. FILEMON BATISTA FERREIRA, filho dos pioneiros fundadores do município de Santa Terezinha de Goiás, Goiânia, junho de 2006.
17. FRANCISCO ARAUJO FRANCO, pastor e filho do pioneiro fundador da escola e da igreja Assembléia de Deus, Campos Verdes, março de 2006.
18. GERSON XAVIER PISSARO, professor, pastor da igreja adventista, Campos Verdes, abril de 2006.
19. GODOI, conselheiro Fiscal da Comesgo, Campos Verdes, maio de 2006.
20. HYLO MARQUES PEREIRA, ex-delegado da cidade de Campos Verdes, Goiânia, setembro de 2006.
21. IZAQUEU ANTONIO, morador antigo de Santa Terezinha de Goiás, eletricitista, duas etapas, ambas na cidade de Goiânia, em agosto de 2005 e março de 2006.
22. JAIME DA SILVA NEVES, ex-vereador, dono da primeira farmácia, Goiânia, julho de 2006.
23. JOÃO BATISTA DE LIMA, popular João Có, proprietário de hotel, garimpeiro, Campos Verdes, março de 2006.
24. JOSÉ DO CADERNO, ex-fiscal de minas de esmeraldas, Campos Verdes, maio 2006.
25. JOSÉ MAURICIO MENDES, ex-vereador e ex-presidente da Câmara de Vereadores, julho de 2006.
26. JOSÉ RIBEIRO CAMELO, (ex-vereador da cidade de Santa Terezinha de Goiás e ex-prefeito de Campos Verdes), Campos Verdes, abril de 2006.
27. JOSÉ RODRIGUES DA SILVA, ex-garimpeiro, Campos Verdes, julho, 2006.
28. JOAO SIQUEIRA (João Beleza), proprietário de minas, Campos Verdes, abril de 2006.
29. JOÃO B. LIMA, garimpeiro, Campos Verdes, março de 2006.
30. LUCIO VIEIRA GONÇALVES, comerciante, Campos Verdes, abril de 2006.
31. LUCINEIDE BARBOSA DA SILVA - NEIDE DO LAVADOR, (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
32. MANOEL ALENCAR, comerciante, Campos Verdes, julho, 2006.

33. MANOEL SATINHO, capangueiro, fazendeiro e proprietário do Posto de gasolina, Campos Verdes, março de 2006.
34. ZÉ MANQUINHO, garimpeiro, Campos Verdes, março de 2006.
35. MARCELO SILVA, comprador de pedras (gemas), Rio de Janeiro, abril de 2006.
36. MARIA ANTONIA DE JESUS - MARIA DO PALMIRO, (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
37. MARIA ELIZABETE DE MESQUITA FRANCO, professora, Campos Verdes, maio de 2006.
38. MARIA HELENA DE DEUS SIQUEIRA, professora, atual vice-prefeita, Campos Verdes, abril de 2006.
39. MARIA DE FÁTIMA GONÇALO VILAR TEIXEIRA - FÁTIMA (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
40. MARIA OLIVEIRA SILVA - MARIA OLIVEIRA (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
41. MARIA OLIVEIRA DOS SANTOS - MARIA DO FRANCO MACÁRIO (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
42. MARIA SANTOS, (siebeira), Campos Verdes, novembro de 2005.
43. MARIA PEREIRA DA SILVA - MARTINHA (siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
44. M.L.C. siebeira), Campos Verdes, abril de 2006.
45. MARTA SILVA, (siebeira), Campos Verdes, dezembro de 2005.
46. MARINHO GONCALVES SOUZA, médico, Campos Verdes, março de 2006.
47. M.A.S.F., morador de Campos Verdes, março de 2006.
48. MAURICIO RIBEIRO DE ANDRADE, engenheiro de Minas do DNPM, Goiânia, março de 2006.
49. MOITA, garimpeiro, Campos Verdes, março de 2006.
50. NIVAL NUNES DA SILVA, proprietário de minas e garimpeiro, Campos Verdes, julho de 2006.

51. NOÉ AFONSO FILHO, atual prefeito, Campos Verdes, março de 2006.
52. OSMAR, ex-proprietário de lanchonete, Campos Verdes, mar. 2006.
53. PALMIRO DE JESUS, garimpeiro, abril de 2006.
54. PAULA CORREIA BRAGA,. Siebeira, Campos Verdes, abril de 2006.
55. PEDRO ALVES, proprietário de Hotel, Santa Terezinha de Goiás, março de 2006.
56. ROSA, irmã de garimpeiro, Campos Verdes, mar. 2006.
57. SEBASTIÃO ROSA, proprietário de minas, Campos Verdes, março de 2006
58. SILVINO MARTINS, escriturário, filho de ex-prefeito de Santa Terezinha de Goiás, Goiânia, março de 2006.
59. S.R.T., siebeira, Campos Verdes, abril de 2006.
60. VIRMONDES VIEIRA MACHADO, de ex-prefeito de Campos Verdes, Goiânia, março de 2006.
61. VILSON ARAÚJO DE SOUZA, pastor da Igreja Adventista, Campos Verdes, maio de 2006.
62. TEREZINHA TAVARES, comerciante, Campos Verdes, maio de 2006.